

FEED & FOOD



40 ANOS DA BIOCHEM

EMPRESA APOSTA EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E NA PROXIMIDADE COM O PRODUTOR



CONSAGRADO
NA EUROPA
E AGORA
DISPONÍVEL
NO BRASIL

Tulaject®

TULATROMICINA



ALIVIRA

Altamente eficaz contra doenças respiratórias dos suínos

- Dose única
- Efeito prolongado
- Acúmulo rápido e extensivo no tecido pulmonar
- Ação imunomoduladora e melhor resolução da inflamação



BAIXE AGORA A CALCULADORA ALIVIRA



alivira.com.br



[/alivirabrasil](https://www.instagram.com/alivirabrasil)

FUNDADOR

Oswaldo Ciasulli (MtB. 32.517)
osvaldo@dc7comunica.com.br

CEO

Diogo Ciasulli
diogo@dc7comunica.com.br

DIRETORA

Jaqueline Ridolfi
jaqueline@dc7comunica.com.br

GERENTE DE COMUNICAÇÃO

Giovana de Paula
(MTb 39.817)
giovana@dc7comunica.com.br

REPÓRTER

Kevin Nascimento
kevin@dc7comunica.com.br

EDITOR DE ARTE

Daniel Guedes
(MTb 33.657)
daniel@dc7comunica.com.br

GERENTE ADMINISTRATIVO
E RELACIONAMENTO COM CLIENTE

Bianca Fagundes
bianca@dc7comunica.com.br

MARKETING

Raiane Modesto
raiane@dc7comunica.com.br

EXECUTIVO DE NEGÓCIOS

Brenno Fressatto
brenno@dc7comunica.com.br

ADM/TRAFEGO

Carolina Baggini
carolina@dc7comunica.com.br

COLABORADORES DA EDIÇÃO

ABCC, ABIEC, Abiquifi, ACNB, Asbram,
Ariovaldo Zani, Fabio Pereira, José Luiz Tejon,
Leonel Almeida, Mayra Theis, MBPS,
Peixes BR, SBZ

Portal de notícias:

www.feedfood.com.br
Revista on-line gratuita:
www.revistafeedfood.com.br

A Revista Feed&Food é uma publicação brasileira, editada em português, com editorial dirigido a toda agroindústria de proteína animal, incluindo associações do segmento, universidades, sindicatos e o MAPA, na defesa da segurança alimentar e sustentabilidade. Os artigos assinados e informes publicitários não expressam necessariamente a opinião dos editores. Não é permitida a reprodução parcial ou total de reportagens e artigos publicados sem a autorização por escrito dos editores.

Registro: ISSN 1809-3027 Periodicidade: Mensal



EDITORIAL

HISTÓRIAS QUE IMPULSIONAM O AGRONEGÓCIO

Existem marcas, empresas e instituições que acompanham o crescimento do agronegócio. E existem aquelas que ajudam a construí-lo.

Ao observarmos a trajetória da produção animal brasileira nas últimas décadas, percebemos que o desenvolvimento do setor não aconteceu por acaso. Ele é resultado da combinação entre inovação, conhecimento, investimento contínuo e da atuação de empresas e lideranças que acreditaram no potencial do campo mesmo diante dos desafios de cada época.

Nesta edição da Feed&Food, temos a satisfação de destacar uma dessas histórias. Nossa matéria de capa celebra os 40 anos da Biochem, empresa que construiu uma trajetória marcada pela pesquisa, pela inovação e pelo compromisso com a evolução da nutrição e da saúde animal. Mais do que revisitar uma história de sucesso, a reportagem convida o leitor a refletir sobre como a construção de um legado exige visão de longo prazo, capacidade de adaptação e confiança no futuro.

Essa mesma visão está presente na entrevista exclusiva com Vanir Zanatta, presidente do Sistema OCESC. Em sua análise, o cooperativismo reafirma seu papel como uma das principais forças para o desenvolvimento econômico e social do agronegócio brasileiro. Em um cenário cada vez mais dinâmico e desafiador, a capacidade de unir pessoas em torno de objetivos comuns continua sendo um diferencial competitivo e humano que fortalece produtores, comunidades e cadeias produtivas inteiras.

A edição também apresenta importantes avanços na produção animal. Na avicultura, acompanhamos a crescente atenção dada à nutrição no nascedouro, estratégia que vem ampliando seu espaço como ferramenta para melhorar desempenho, saúde e produtividade. Já na avicultura de corte, destacamos iniciativas voltadas à eficiência industrial, à inovação e à melhoria contínua dos processos, temas cada vez mais presentes na agenda das empresas do setor.

Na aquicultura, mostramos um projeto internacional que busca desenvolver uma metodologia inédita para mensuração das emissões da atividade, reforçando o compromisso global com a sustentabilidade e a geração de informações capazes de orientar o crescimento responsável do setor nos próximos anos.

Ao reunir essas pautas, fica evidente que o futuro do agronegócio será construído pela combinação entre experiência e inovação. Respeitar a história, valorizar o conhecimento acumulado e, ao mesmo tempo, investir em novas soluções é o caminho que tem permitido à produção animal brasileira seguir avançando e conquistando espaço no mercado mundial.

Na Feed&Food, seguimos comprometidos com a missão de levar informação relevante, conectar pessoas, empresas e ideias, e contribuir para o fortalecimento de um setor que desempenha papel fundamental no desenvolvimento do país.

Boa leitura!

Diogo Ciasulli
CEO



SUMÁRIO

20

CAPA

BIOCHEM CELEBRA
40 ANOS APOSTANDO
EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E NA PROXIMIDADE
COM O PRODUTOR



COLUNA PWC

06 Tecnologias digitais e IA como alavancas estratégicas da agropecuária brasileira

ZANI

08 O agricultor que alimenta, preserva e abençoa

PUBLI PLASSON

10 Umidade relativa: Desafios e Manejo dos Galpões Climatizados

ESPECIAL

16 Bestmix mostra como é possível transformar dados em decisões mais rápidas e precisas

COLUNA ABIQUIFI

18 Brasil fortalece protagonismo global em One Health durante a BIO 2026

COLUNA ABIEC

19 ABIEC e China Meat Association assinam memorando para harmonização da nomenclatura dos cortes bovinos exportados à China

COLUNA ABPA

27 União Europeia, antimicrobianos e o caso brasileiro: a importância das decisões baseadas em critérios técnicos

ESPECIAL FIBERLIGNO

28 Inclusão de lignocelulose como fonte de fibra na alimentação de monogástricos associa eficiência econômica, sustentabilidade e saúde ao plantel

COBERTURA CBNA

31 Pesquisa em nutrição animal aponta desafios para ampliar eficiência e sustentabilidade da produção brasileira

COBERTURA COBB

32 Encontro Empresarial promovido pela Cobb-Vantress reúne alta liderança do setor avícola para avaliarem oportunidades

COLUNA MESA

37 Recuperação de pastagens é caminho para transformar potencial pecuário brasileiro em resultados

12

ENTREVISTA

PAULA BRAZ, ADMINISTRADORA, ESPECIALISTA EM AGRONEGÓCIOS E TUTORA DE PÓS-GRADUAÇÃO NA UNINTER: UNIÃO EUROPEIA ELEVA EXIGÊNCIAS E FORÇA TRANSFORMAÇÃO NO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

34

AVES

JEJUM PÓS-ECLOSÃO EM PINTOS DE CORTES: PESQUISADORES DA UFMG AVALIAM ASPECTOS TÉCNICOS QUE TÊM FEITO A DIFERENÇA ENTRE O LUCRO E O PREJUÍZO NA AVICULTURA

ESPECIAL CASP

38 Aos 90 anos, CASP reforça pioneirismo, tecnologia e compromisso com o futuro do agro

SUÍNOS

42 Suinocultura brasileira busca novo salto

44 Suinocultores catarinenses reforçam medidas sanitárias

46 PUBLI TROUW

Tendências Globais e Sinais Regionais Moldando o Gerenciamento de Riscos de Micotoxinas – Q1 2026

48 LEITE

RAR Agro & Indústria lidera produção de leite no RS e entra no top 15 do Brasil

COLUNA ACNB

51 ACNB reúne associações da América Latina para fortalecer a raça Nelore em nível internacional

PUBLI ARM & HAMMER

52 Saúde intestinal e os efeitos para toda vida

COLUNA SBZ

54 Pecuária digital: como a inovação está transformando a produção animal

COOPERATIVISMO

56 Cooperativismo contribui para estabilidade econômica e social, aponta Vanir Zanatta, presidente do Sistema OCESC

COLUNA ASBRAM

58 Marcos Fava aponta pecuária, bioenergia e gestão como motores do agro nos próximos anos

COLUNA PEIXE BR

59 A sociedade e suas escolhas

AQUICULTURA

60 Projeto internacional busca suprir lacuna na medição de emissões da aquicultura

PUBLI VIDARA

62 Aquicultura: o uso de aditivos como ferramenta para melhorar o desempenho e saúde de peixes e camarões

COLUNA ABCC

64 O bem-estar na carcinicultura – uma exigência que veio para ficar

COLUNA TEJON

66 Agro traz imagem positiva para Marca Brasil

Mayra Theis e Fabio Pereira

TECNOLOGIAS DIGITAIS E IA COMO ALAVANÇAS ESTRATÉGICAS DA AGROPECUÁRIA BRASILEIRA

A pecuária brasileira encerrou 2025 consolidando sua posição como um dos pilares da segurança alimentar global. Mesmo em um ambiente marcado por tensões geopolíticas, interrupções logísticas e crescente uso de barreiras comerciais, o Brasil ampliou sua presença internacional no fornecimento de proteínas animais. Segundo balanços setoriais da ABIEC e da ABPA, o país superou, em 2025, os volumes exportados em 2024 em todas as principais cadeias, reforçando sua relevância estratégica em um mundo cada vez mais fragmentado.

Esse desempenho não se explica apenas por escala produtiva. Em um cenário global de elevada incerteza, as tecnologias digitais e a inteligência artificial (IA) tornaram-se elementos centrais para garantir eficiência, rastreabilidade e capacidade de resposta rápida a crises. Na produção primária, soluções de pecuária de precisão baseadas em dados, sensores e modelos preditivos vêm permitindo ganhos contínuos em sanidade, eficiência alimentar e bem-estar animal, reduzindo riscos e amortecendo a volatilidade dos custos de insumos, frequentemente impactados por conflitos geopolíticos e instabilidade nos fluxos comerciais.

Ao longo da cadeia, da fazenda à indústria, até consumidor e o mercado externo, a digitalização fortalece a rastreabilidade, a conformidade regulatória e a transparência exigidas pelos principais importadores globais. Em um ambiente no qual acesso a mercados depende cada vez mais de evidências digitais de origem, sustentabilidade e segurança dos alimentos, a tecnologia deixa de ser um diferencial e passa a ser um requisito competitivo.

A 29ª Global CEO Survey da PwC, publicada em 2026 com destaques de líderes do agronegócio, reforça essa leitura estratégica. O estudo aponta que 33% dos executivos do agro já reportam aumento de receita associado ao uso de inteligência artificial, enquanto 50% afirmam que suas empresas passaram a competir em novos setores nos últimos cinco anos, como resposta à reconfiguração das cadeias globais de valor e ao aumento da complexidade geopolítica. Outro dado relevante é que 63% afirmam que encaram a inovação como componente crítico da estratégia de negócios e 38% colaboram com parceiros externos (startups e universidades, por exemplo) para acelerar a inovação. Ao mesmo tempo, 58% dos CEOs do agro ainda não percebem ganhos financeiros diretos com IA, indicando que o retorno depende menos da tecnolo-

gia em si e mais da integração estratégica, da governança dos dados e da capacidade de execução.

Em um mundo onde os alimentos voltaram a ocupar o centro da geopolítica, a inteligência artificial e as tecnologias digitais posicionam-se como instrumentos essenciais não apenas para aumentar produtividade, mas para sustentar a liderança do Brasil no comércio global de proteínas, com resiliência, credibilidade e visão de longo prazo.

O horizonte nos próximos anos será decisivo para redefinir o papel do Brasil nesse mercado, pois a agropecuária brasileira não competirá apenas por volume ou custo, mas por inteligência produtiva, confiabilidade e capacidade de adaptação em um ambiente internacional estruturalmente mais instável. A intensificação de disputas geopolíticas, a regionalização do comércio e o avanço de regulações ambientais e sanitárias tendem a transformar dados, rastreabilidade e previsibilidade em ativos tão estratégicos quanto terra e capital.

A digitalização avançada e a inteligência artificial despontam como os principais instrumentos para essa transição. Até o fim da década, cadeias que conseguirem integrar dados da produção, nutrição, sanidade, logística e mercado em plataformas inteligentes estarão mais preparadas para antecipar riscos, otimizar margens e responder rapidamente a eventos extremos — sejam eles sanitários, climáticos ou geopolíticos. Nesse cenário, a IA deixa de ser apenas uma ferramenta de eficiência e passa a atuar como infraestrutura crítica de decisão.

O Brasil parte de uma posição privilegiada. A combinação de escala produtiva, base tecnológica crescente, diversidade de mercados e experiência exportadora cria as condições para consolidar o país como um fornecedor global de proteína animal confiável em um mundo fragmentado. No entanto, o sucesso dependerá da capacidade de transformar inovação em política de longo prazo, ampliar conectividade no campo, capacitar pessoas e alinhar incentivos para que dados fluam ao longo de toda a cadeia.

O desafio da próxima década será além do que apenas produzir mais, será produzir melhor, com inteligência, transparência e resiliência. Aqueles que conseguirem integrar tecnologia, governança e estratégia estarão protegendo sua competitividade e ajudando a posicionar a agropecuária brasileira como referência global em segurança alimentar, sustentabilidade e geração de valor em um novo ciclo do comércio internacional. ■



Mayra Theis

Sócia da PwC Brasil e
líder de Agribusiness

Fabio Pereira

Diretor da PwC Brasil e
Agtech Innovation

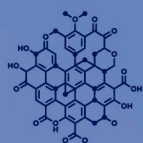


O desafio é invisível. O impacto na produção, não.

Em cenários cada vez mais desafiadores para a suinocultura, estratégias nutricionais eficientes ajudam a apoiar o equilíbrio intestinal, estabilidade produtiva e desempenho consistente.



Com a **ADM**, proteger a produtividade começa antes mesmo dos desafios aparecerem. Por isso, contamos com o **DaaFit Plus®**.



Blend ácidos orgânicos
de cadeia curta e média



Apoio ao equilíbrio
intestinal



Auxílio na eficiência
produtiva



Estratégia para desafios
sanitários atuais



Tecnologia nutricional
para a suinocultura

Nutrição estratégica **para proteger resultados.**



Ariovaldo Zani

é médico-veterinário, CEO do Sindirações; Presidente da Câmara de Sustentabilidade e Bem-Estar Animal/ABPA; Presidente do Conselho Consultivo de Insumos Agropecuários e Indústria Extrativa/Senai SP; Membro da Comissão Estadual do Agronegócio do CRMV/SP

O AGRICULTOR QUE ALIMENTA, PRESERVA E ABENÇO

No dia 25 do mês passado, comemoramos o Dia do Trabalhador Rural, data em homenagem a todos os produtores, lavradores e trabalhadores que atuam no campo e, com técnica, coragem e fé, sustentam famílias e conhecem o peso de decidir antes do sol nascer, plantar sem controlar a chuva e investir sem controlar o mercado.

Falar desse agro em perspectiva espiritual não é romantizar o setor nem esconder seus desafios, e sim reconhecer que produzir alimento é uma das formas mais concretas de servir ao próximo, uma vez que na retaguarda de cada safra, rebanho, máquina, pesquisa, carga transportada e contrato firmado há gente trabalhando diante de Deus, administrando recursos, gerando renda, desenvolvimento e esperança. Em resumo, quando a produção se une à responsabilidade, quando o lucro caminha com justiça e quando a inovação respeita a terra confiada às mãos humanas, o agronegócio revela sua vocação mais nobre, ou seja, ser bênção.

A reflexão bíblica começa em Gênesis 2:15, quando Deus coloca o homem no jardim para lavar e guardar. O trabalho agrícola nasce, portanto, como mandato de cultivo, enquanto o cuidado e o solo, a água, as florestas, as sementes, os alimentos e a tecnologia podem e devem ser usados para a vida e não explorados de modo irresponsável. Sustentabilidade, nesse sentido, não é apenas exigência técnica ou resposta a pressões externas, mas atitude espiritual de mordomia.

É importante ressaltar que esse agricultor que depende da terra para viver costuma ser o primeiro interessado em mantê-la fértil, limpa e produtiva para filhos e netos, ou seja, preservar não é negar a produção e sim reconhecer que a Deus pertence a terra e que todos prestaremos contas do que fizemos com ela.

Na parábola bíblica dos Talentos (*Mateus 25:14-30*), Jesus ensina que os bens confiados aos servos deveriam ser trabalhados e multiplicados e, quando aplicado ao agronegócio, esse princípio valoriza iniciativa, produtividade,

gestão eficiente, pesquisa e inovação, desde que orientado pelo bem comum, ou melhor, multiplicar recursos não significa esgotá-los, mas fazê-los frutificar de forma honesta, sustentável e socialmente útil. Aliás, noutra passagem das Escrituras (*Mateus 6:26-30*), Jesus aponta para as aves e os lírios como sinais do cuidado de Deus por toda a criação, portanto, cuidar do ambiente, também é cuidar de pessoas, especialmente daquelas mais vulneráveis e que mais sofrem quando faltam água, alimento, moradia segura e saúde.

A história mostra a grandeza dessa missão. Em 1798, Thomas Malthus temeu que a população crescesse mais rapidamente que a produção de alimentos e abrisse o caminho para fome e miséria. A Revolução Verde desafiou essa previsão ao incorporar ciência, melhoramento genético, fertilizantes, defensivos e mecanização, elevando a produtividade agrícola mundial. Norman Borlaug, agrônomo e Nobel da Paz, sintetizou a urgência do tema ao lembrar que a paz não se sustenta com estômagos vazios. No Brasil, Alysso Paolinelli teve papel decisivo na transformação da agricultura tropical, ajudando o país a sair da condição de importador de alimentos para tornar-se potência agrícola. Mais recentemente, pesquisas como as de Mariângela Hungria, com fixação biológica de nitrogênio e os bioinsumos, mostram que produtividade e redução do uso de insumos químicos podem caminhar juntas.

O conceito moderno de agronegócio, ou agribusiness, desenvolvido por Ray Goldberg e John Davis em Harvard, ajuda a compreender que o agro vai muito além da porteira. Ele integra insumos, máquinas, crédito, pesquisa, produção, armazenagem, logística, processamento, comércio e consumo e essa cadeia explica seu peso no PIB, nas exportações, no emprego e na segurança alimentar. O agronegócio brasileiro alcançou R\$ 3,2 trilhões em 2025, representa cerca de um quarto do PIB, mais da metade das exportações e aproximadamente 20% dos empregos, além de contribuir para alimentar

mais de 1 bilhão de pessoas no mundo.

Apesar dos números impressionantes que redundam famílias empregadas, comunidades desenvolvidas e alimento nas mesas, o setor segue afligido com a dependência dos poucos modais de transporte, insuficiência de armazenagem, limitações do seguro rural, incertezas do Plano Safra, longas distâncias entre produção e consumo, ativismo exacerbado, protecionismo internacional e conflitos geopolíticos que incrementam os custos, corroem a renda e atrapalham sobremaneira o planejamento.

A agenda climática tem permitido ao produtor rural brasileiro demonstrar que é possível produzir mais com sustentabilidade, à exemplo do Plano Agricultura de Baixo Carbono/ABC+, Integração Lavoura, Pecuária, Floresta/ILPF, plantio direto, bioinsumos, RenovaBio e créditos de carbono que reduzem emissões, aumentam a produtividade, recuperam pastagens degradadas, permitem ampliar a produção, melhoram o solo, sequestram CO2 atmosférico e protegem as florestas, além da nossa matriz energética renovável e dos polos de inovação como o AgTech Valley, considerado o principal ecossistema de inovação tecnológica brasileiro.

Visto à luz da fé cristã, o agronegócio é vocação, mordomia e serviço. Sua grandeza não está apenas no volume que produz, exporta ou movimentam financeiramente, mas na capacidade de alimentar pessoas, gerar trabalho, sustentar famílias, inovar com responsabilidade e cuidar da criação, já que o caminho desejável é produzir com excelência, lucrar com justiça, empregar com dignidade e preservar como quem honra a Deus.

O agro se torna grande bênção quando a fartura da terra se transforma em pão na mesa, quando a ciência serve à vida, quando a prosperidade inclui responsabilidade e quando cada elo da cadeia reconhece que produzir alimento é também amar ao próximo.

Jesus resumiu assim a grandeza dessa vocação que toca a vida humana em sua necessidade mais essencial: “*tive fome, e me destes de comer*” (*Mateus 25:35*). ■

LEVEDURAS & DERIVADOS

Linha de leveduras
**PARA UMA NUTRIÇÃO
DE PRECISÃO**

- ⬡ Fábrica de última geração exclusiva para a linha de leveduras e seus derivados;
- ⬡ Avançadas tecnologias industriais que permitem a máxima biodisponibilidade dos nutrientes;
- ⬡ Processamento de levedura de cervejaria e de cana-de-açúcar para todas as espécies animais.



INGREDIENTES FUNCIONAIS

gmos

Levuly 40

Factor sc

Brewmax



Empresa certificada
GMP+ no Brasil

CIÊNCIA APLICADA EM NUTRIÇÃO E SAÚDE ANIMAL.

www.grasp.ind.br |     /grasp.ltda



UMIDADE RELATIVA: DESAFIOS E MANEJO DOS GALPÕES CLIMATIZADOS

O desempenho de frangos de corte em clima quente depende cada vez menos de uma única solução e cada vez mais da integração entre projeto, automação, manutenção e manejo. Um galpão de ambiente controlado deve oferecer conforto térmico às aves, independentemente das variações externas, controlando temperatura, entrada de luz solar, velocidade de ar, pressão, renovação e, principalmente, vedação. Quando há fuga de ar, o sistema perde eficiência: no inverno entra ar frio onde não deveria; no verão entra ar quente, reduzindo a capacidade de resfriamento, aumentando zonas mortas e dificultando a retirada de umidade.

CARTA PSICROMÉTRICA PARA CONTROLAR UM AVIÁRIO? POR QUE ELA É IMPORTANTE? Para entender esse processo, a carta psicrométrica é uma ferramenta essencial. Ela mostra a relação entre temperatura de bulbo seco, umidade relativa, temperatura de bulbo úmido e razão de umidade, ou seja, a quantidade de água presente no ar. A umidade é chamada de relativa porque depende da temperatura: o mesmo volume de água no ar pode representar uma umidade relativa alta em temperatura baixa e uma umidade relativa menor quando a temperatura aumenta.

Na prática, quanto maior a temperatura de bulbo seco, que é a temperatura lida pelos sensores do galpão, maior é a capacidade do ar de absorver água. Na carta psicrométrica da apresentação, mantendo uma condição próxima de 13 g de água por kg de ar seco, observa-se que, ao elevar a temperatura de 25 °C para 30 °C, a umidade relativa diminui. Isso não significa que a água desapareceu; significa que o ar mais quente passou a ter maior capacidade de carregar vapor d'água.

Esse conceito explica por que o ar mais seco tem maior potencial de resfriamento evaporativo. No painel evaporativo, a água precisa evaporar para retirar energia do ar e reduzir sua temperatura. Se o ar externo já está muito úmido, ele está próximo da saturação e consegue absorver pouca água adicional; portanto, o resfriamento será menor. Quando o ar está mais seco, existe maior diferença entre a condição atual e a saturação, permitindo maior evaporação e maior queda de temperatura. Por isso, a leitura da umidade relativa, isoladamente, não é suficiente: é preciso interpretar temperatura, umidade, sensação térmica, cama, comportamento das aves e capacidade real de troca de ar.

EXAUSTORES PARA CONTROLE DE TEMPERATURA E UMIDADE. Os exaustores são a base do controle ambiental em clima quente. Eles definem a renovação de ar, ajudam a controlar umidade, retiram calor sensível e, quando operam em túnel, geram velocidade de ar sobre as aves. Essa velocidade melhora a sensação térmica, mas precisa ser aplicada com critério, especialmente nas primeiras semanas.

■ Até terceira semana de idade, evitar ultrapassar 50% da ventilação máxima, para não expor aves jovens a excesso de velocidade de ar.

■ Programar o acionamento de todos os exaustores cerca de 6 a 7 °C acima da temperatura desejada, permitindo escalonamento gradual antes da condição crítica.

■ Entre grupos de exaustores, trabalhar com diferença de 0,3 a 0,6 °C. Aumentar o número de equipamentos ligados um a um, ou no máximo dois por vez.

■ Em climas quentes, manter ventilação forçada durante a noite (temperatura desejada pode ser reduzida para forçar mais ventilação).

PAINEL EVAPORATIVO: QUANDO E COMO DEVO UTILIZÁ-LO? O painel evaporativo é uma das principais ferramentas para reduzir a temperatura em galpões de pressão negativa. Seu funcionamento ocorre pela evaporação da água: quando a água muda de estado no painel, parte da energia do ar é utilizada nesse processo e a temperatura de entrada diminui. Porém, o painel não deve ser tratado como primeira resposta automática a qualquer aumento de temperatura, porque seu uso incorreto pode elevar demais a umi-

dade interna, prejudicar a cama, aumentar amônia e reduzir o conforto das aves.

■ Até a quarta semana, utilizar o painel em ciclos curtos, por exemplo 30 segundos ligado e 10 minutos desligado, evitando excesso de umidade em aves pequenas.

■ Programar o acionamento 3 a 4 °C acima da temperatura desejada, avaliando idade das aves, umidade externa, condição da cama e resposta do lote.

■ Após a quarta semana, o uso contínuo pode ser recomendado em muitas situações ou ciclos mais curtos (Exemplo: 3 minutos ligado, 3 minutos desligado).

■ Também após a quarta semana, ligar o painel, preferencialmente, depois que todos os exaustores já estiverem em operação;

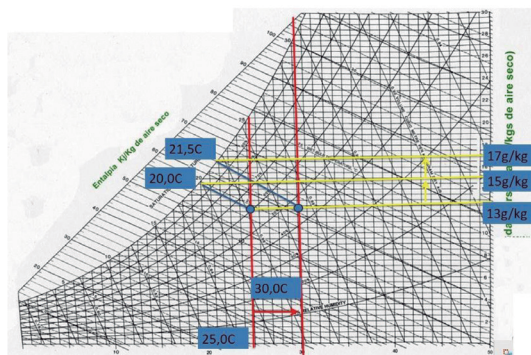
■ Evitar entrada do painel antes de 27/28 °C; em muitas condições, o ideal é próximo de 29 °C.

■ Garantir que o acionamento do painel não desligue exaustores, pois isso reduz velocidade de ar e pode piorar a sensação térmica.

TUNNEL DOOR, INLETS E CONCLUSÃO.

Tunnel door e inlets completam o sistema. O tunnel door favorece melhor uniformidade de ar, cama mais seca na entrada e menos zonas mortas. Os inlets são fundamentais na ventilação mínima e de transição, misturando o ar antes que ele atinja as aves. Na ventilação mínima, o objetivo é retirar umidade e gases sem resfriar excessivamente o lote. Aproximadamente 75% da água consumida pelas aves retorna ao galpão; nas primeiras semanas, o consumo cresce rapidamente, e, ao final do ciclo, a carga de umidade é muito elevada.

A automação tornou-se indispensável, mas exige pessoal qualificado, projeto bem executado e leitura correta dos dados. Controladores, exaustores, tunnel door, inlets e painel evaporativo são ferramentas poderosas, mas o manejo continua sendo o fator decisivo. Nos galpões climatizados, o melhor resultado vem da combinação entre psicrometria, ventilação, vedação, manutenção e tomada de decisão no momento certo. ■



Carta psicrométrica da apresentação: o ar mais quente tem maior capacidade de absorver vapor d'água

Aquecedor por Radiação PLASSON

Uniformidade e conforto com otimização do consumo de gás!



O Aquecedor por Radiação PLASSON foi desenvolvido para proporcionar aquecimento uniforme e confortável, favorecendo o melhor desenvolvimento inicial das aves e elevando a produtividade dos lotes. Com tecnologia de aquecimento por radiação, o equipamento distribui o calor de forma eficiente, reduzindo perdas térmicas e garantindo o bem-estar animal. Além disso, oferece menor consumo de gás em comparação a equipamentos similares, acendimento automático e controle preciso da temperatura, entregando mais rendimento, praticidade e segurança ao produtor.

PLASSON. Tecnologia e eficiência para resultados superiores.



PLASSON
Livestock

UNIÃO EUROPEIA ELEVA EXIGÊNCIAS E FORÇA TRANSFORMAÇÃO NO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

A SUSTENTABILIDADE, RASTREABILIDADE E CONTROLE SANITÁRIO DEIXARAM DE SER DIFERENCIAIS E PASSARAM A FUNCIONAR COMO **REQUISITOS OBRIGATÓRIOS DE ACESSO AOS MERCADOS**

GIOVANA DE PAULA
giovana@dc7comunica.com.br

A decisão da União Europeia de retirar o Brasil da lista de países autorizados a exportar determinados produtos de origem animal ao bloco revelou uma transformação importante no comércio internacional. A sustentabilidade, rastreabilidade e controle sanitário deixaram de ser diferenciais e passaram a funcionar como requisitos obrigatórios de acesso aos mercados.

De acordo com Paula Cristiane Oliveira Braz é administradora, especialista em Agronegócios e tutora dos cursos de pós-graduação na área no Centro Universitário Internacional UNINTER, a medida europeia está relacionada principalmente às novas exigências sanitárias envolvendo o uso de antimicrobianos e antibióticos na produção animal brasileira. “A União Europeia exige que os países exportadores comprovem controle rigoroso durante todo o ciclo de vida dos animais destinados ao mercado europeu”, afirma.

Em nota conjunta divulgada pelo Ministério da Agricultura e Pecuária, Ministério das Relações Exterio-

res e Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, o governo brasileiro afirmou ter recebido a decisão “com surpresa” e destacou que o Brasil possui um sistema sanitário “robusto e reconhecido internacionalmente”. O comunicado também informou que o governo buscará reverter a medida por meio de negociações técnicas e diplomáticas.

A Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (ABIEC), em comunicado repercutido pela imprensa, afirmou que a decisão não representa uma suspensão imediata das exportações brasileiras, mas reconheceu a necessidade de adaptação às novas regras europeias. A entidade também destacou que trabalha em conjunto com o Ministério da Agricultura para alinhar protocolos sanitários e ampliar os mecanismos de rastreabilidade da cadeia produtiva. “O endurecimento europeu, no entanto, vai além das questões sanitárias. A nova regulamentação ambiental da União Europeia estabelece que produtos como carne, soja, café, cacau, madeira e borracha deverão comprovar origem livre de desmatamen-

to após 2020. Isso significa que empresas exportadoras precisarão apresentar documentação detalhada, geolocalização das propriedades e sistemas de monitoramento capazes de garantir transparência em toda a cadeia produtiva”, destaca Paula. “Na prática, a União Europeia transforma sustentabilidade em critério comercial obrigatório. O desafio para o agronegócio brasileiro será equilibrar competitividade, produtividade e conformidade ambiental. Grandes empresas tendem a acelerar investimentos em tecnologia, certificações e monitoramento por satélite. Já pequenos e médios produtores poderão enfrentar maiores dificuldades para absorver os custos de adequação”, diz.

De acordo com **Paula Cristiane Oliveira Braz**, embora parte do setor veja as exigências como barreiras comerciais, especialmente em um contexto de resistência de produtores rurais europeus ao avanço do agronegócio sul-americano, o cenário também cria oportunidades. “Cadeias produtivas capazes de comprovar responsabilidade ambiental e segurança sanitária tendem a conquistar mercados mais valorizados e consumidores cada vez mais atentos à origem dos alimentos”, diz.

Acompanhe na sequência a entrevista exclusiva de Paula Cristiane Oliveira Braz à **Feed & Food**.

A recente decisão da União Europeia sinaliza uma mudança definitiva nas regras do comércio internacional? Sim. O comércio internacional está passando por uma transformação estrutural. Critérios ambientais, sanitários e de rastreabilidade deixaram de ser apenas exigências complementares e passaram a funcionar como condicionantes de acesso aos mercados. Hoje, competitividade não depende apenas de produtividade e preço, mas também da capacidade de comprovar sustentabilidade, segurança alimentar e transparência produtiva.

Sustentabilidade, rastreabilidade e controle sanitário deixaram de ser diferenciais competitivos no agronegócio? Sem dúvida. Esses fatores passaram a ser requisitos mínimos para atuação em mercados mais exigentes, especialmente na União Europeia. Empresas que não conseguirem demonstrar con-

formidade ambiental e sanitária tendem a enfrentar restrições comerciais, perda de mercado e dificuldades de acesso a consumidores internacionais.

Quais são os principais impactos das novas exigências europeias para os exportadores brasileiros? Os principais impactos envolvem aumento de custos operacionais, necessidade de investimentos em tecnologia, ampliação da rastreabilidade da cadeia produtiva e maior rigor documental. Exportadores precisarão comprovar origem da produção, controle sanitário e conformidade ambiental. Além disso, haverá pressão por maior transparência em todas as etapas da produção agropecuária.

Como o agronegócio brasileiro pode se adaptar às exigências relacionadas ao uso de antimicrobianos e antibióticos na produção animal? A adaptação exige fortalecimento do controle sanitário, monitoramento mais rigoroso do uso de medicamentos veterinários, integração de bancos de dados e ampliação da rastreabilidade animal. Também será necessário investir em boas práticas de manejo, biossegurança e acompanhamento técnico para reduzir dependência excessiva de antimicrobianos.

O Brasil possui estrutura sanitária e tecnológica suficiente para atender aos padrões internacionais atuais? O Brasil possui uma estrutura sanitária re- ►

Paula Cristiane Oliveira Braz, administradora, especialista em Agronegócios e tutora dos cursos de pós-graduação na área no Centro Universitário Internacional UNINTER. “O recado europeu é claro: no comércio internacional contemporâneo, produzir muito já não basta. Será necessário produzir com rastreabilidade, transparência e credibilidade ambiental”.



conhecida internacionalmente e grande capacidade tecnológica no agronegócio. Entretanto, ainda existem desafios relacionados à padronização da rastreabilidade, integração de informações e ampliação do acesso tecnológico para pequenos e médios produtores. O país possui potencial técnico, mas precisará acelerar investimentos e modernização regulatória.

Qual será o papel da rastreabilidade dentro da cadeia produtiva nos próximos anos? A rastreabilidade será central. Ela deixará de ser apenas ferramenta de controle interno e passará a atuar como instrumento estratégico de acesso ao mercado. O consumidor e os mercados internacionais querem saber onde, como e em quais condições os alimentos foram produzidos. Isso exigirá monitoramento contínuo de toda a cadeia produtiva.

Pequenos e médios produtores correm maior risco de enfrentar dificuldades diante dessas novas regras? Sim. Grandes empresas possuem maior capacidade financeira para investir em certificações, tecnologia e adequação regulatória. Já pequenos e médios produtores podem enfrentar dificuldades relacionadas aos custos de adaptação, burocracia e acesso a sistemas de monitoramento. Por isso, políticas públicas e apoio técnico serão fundamentais para evitar exclusão produtiva.

A exigência de comprovação de origem livre de desmatamento pode afetar diretamente a competitividade do agronegócio brasileiro? Pode afetar tanto positiva quanto negativamente. Empresas que não conseguirem comprovar conformidade ambiental poderão perder competitividade internacional. Por outro lado, produtores que investirem em regularização ambiental e transparência tendem a acessar mercados mais valorizados e ampliar valor agregado dos produtos brasileiros. No longo prazo, o próprio meio ambiente brasileiro será um dos grandes beneficiados, caso as exigências internacionais acelerem processos de regularização ambiental, monitoramento territorial e combate ao desmatamento ilegal.

Até que ponto essas medidas podem ser interpretadas como proteção comercial por parte da União Europeia? Exis-

te um componente ambiental legítimo, mas também há forte dimensão econômica e política. Muitos produtores europeus enfrentam dificuldades para competir com o agronegócio sul-americano em escala e custo de produção. Em alguns casos, exigências regulatórias acabam funcionando também como instrumentos de proteção para o mercado europeu.

O avanço das certificações ambientais tende a se tornar obrigatório para exportação? A tendência é exatamente essa. Certificações ambientais, rastreabilidade e comprovação de conformidade sanitária caminham para se tornar requisitos permanentes de acesso aos principais mercados globais. Isso já ocorre em segmentos como frutas frescas, papel e celulose, até mineração e couro, em alguns mercados específicos.

Quais tecnologias devem ganhar mais espaço para garantir transparência e monitoramento da produção agropecuária? Tecnologias de georreferenciamento, imagens de satélite, inteligência artificial, monitoramento remoto, integração de bancos de dados e plataformas digitais de rastreabilidade devem ganhar cada vez mais protagonismo no agronegócio. Entre elas, o blockchain tende a se destacar como uma importante ferramenta de transparência e segurança das informações.

O blockchain permite registrar, de forma digital, auditável e praticamente impossível de alterar, todas as etapas da cadeia produtiva — desde a origem da produção até a exportação. Isso inclui informações sobre localização da propriedade, manejo animal, uso de antibióticos, transporte, processamento industrial e certificações ambientais. Na prática, essas tecnologias ampliam a confiabilidade das informações apresentadas aos mercados internacionais, reduzem riscos de fraude documental e facilitam a comprovação de conformidade sanitária e ambiental exigida por mercados como a União Europeia. O futuro da competitividade no agronegócio estará cada vez mais ligado à capacidade de produzir com transparência, rastreabilidade e dados verificáveis.

Como o consumidor internacional tem influenciado as mudanças nas exigências

dos mercados globais? O consumidor internacional está mais atento à origem dos alimentos, impactos ambientais e bem-estar animal. Essa pressão influencia governos, redes varejistas e investidores, que passam a exigir cadeias produtivas mais transparentes e sustentáveis. O comportamento do consumidor se tornou um importante fator regulatório indireto.

O cenário atual cria oportunidades para produtores brasileiros que investirem em sustentabilidade e conformidade ambiental? Sem dúvida. O novo cenário pode fortalecer produtores que conseguirem demonstrar responsabilidade ambiental, segurança sanitária e rastreabilidade eficiente. Isso tende a abrir espaço em mercados premium, ampliar competitividade e agregar valor aos produtos brasileiros.

Quais setores do agronegócio brasileiro devem sentir os maiores impactos dessas mudanças regulatórias? Os setores mais impactados tendem a ser carne bovina, suína e de frango, além de cadeias como soja, café, cacau, madeira e borracha. No caso das proteínas animais, as exigências sanitárias envolvendo uso de antimicrobianos, rastreabilidade e controle produtivo devem aumentar significativamente. Já em produtos agrícolas e florestais, a principal pressão envolve comprovação de origem livre de desmatamento.”

Qual deve ser a estratégia do Brasil para manter competitividade no comércio internacional diante dessas novas exigências? O Brasil precisará investir em inovação, modernização sanitária, integração tecnológica, fiscalização eficiente e fortalecimento da rastreabilidade. Além disso, será importante ampliar acordos internacionais, fortalecer a diplomacia comercial e apoiar pequenos produtores no processo de adaptação.

Que lição o agronegócio brasileiro precisa tirar desse novo cenário global? A principal lição é que produtividade isolada já não garante competitividade internacional. O mercado global exige equilíbrio entre eficiência econômica, responsabilidade ambiental e credibilidade sanitária. O futuro do agronegócio dependerá cada vez mais da capacidade de unir produção, tecnologia e transparência. ■

NutronMilk

Gado Jovem

**Quem cuida do ciclo inteiro
colhe resultados por toda vida**



Bezerras e novilhas bem desenvolvidas são a base de um rebanho mais produtivo.

NutronMilk Gado Jovem traz soluções integradas para maximizar o valor de cada decisão, desbloqueando o potencial em cada fase e transformando cria e recria em performance futura.

Escaneie o QR
code e conheça a
estratégia completa



BESTMIX TRANSFORMA DADOS EM DECISÕES RÁPIDAS E PRECISAS

EMPRESA ATUA COM **SOFTWARES PARA CONTROLE DE QUALIDADE E GESTÃO** DE FORNECEDORES PARA NUTRIÇÃO

GIOVANA DE PAULA

giovana@dc7comunica.com.br

A multinacional BESTMIX Software anunciou a sua chegada no Brasil com uma equipe de vendas e suporte técnico em português. A empresa, que já possui presença consolidada na Europa, Estados Unidos e Ásia, aposta no mercado brasileiro de nutrição animal com soluções para a formulação de rações, controle de qualidade e gestão estratégica de dados para tomada de decisão ágil e precisa.

Entre os destaques disponibilizados pela companhia estão dois softwares já oferecidos no país: o Bestmix Recipe Management, o BX4, software de formulação, e o Bestmix Quality Control, o BX-QC para em gestão laboratorial, controle de qualidade e monitoramento de fornecedores. Além deles, a empresa também oferece o SpecTrack, solução direcionada à gestão automatizada de fornecedores e assuntos regulatórios. De acordo com Tiago Cruz, gerente de vendas LATAM da BESTMIX, o principal diferencial da empresa está na capacidade de transformar dados em decisões mais rápidas e precisas para as fábricas. “A gente acredita que mais do que formular, é importante ter alta gestão dos dados. Além da formulação, conseguimos oferecer ferramentas que auxiliam na tomada de decisão, garantem qualidade e reduzem riscos regulatórios”, afirma.

TECNOLOGIA DE PONTA. Aloizio Lopes, gerente de vendas LATAM da Bestmix, comenta que os softwares da empresa podem ser utilizados de forma integrada ou independente. Ele explica que quando conectados, permitem que informações laboratoriais e análises de

ingredientes sejam automaticamente incorporadas ao processo de formulação, tornando a produção mais eficiente. “O principal diferencial do nosso software de formulação, o BX4, é a ferramenta MULTBEND, que permite otimizar todas as fórmulas de todas as plantas ao mesmo tempo. Essa ferramenta poderosa pode reduzir em até 0,5% de custo anual para a fábrica”, explica. Outro ponto de destaque é a possibilidade de produção automática dos rótulos de todos os produtos e a integração direta com sistemas ERP, como SAP e TOTVS, facilitando o fluxo de informações entre os setores produtivos e administrativos.

Já o BESTMIX Quality Control chama atenção pela conexão com diferentes marcas de equipamentos Near Infrared Reflectance (NIR), tecnologia utilizada para análises rápidas de ingredientes. As informações coletadas são integradas automaticamente ao sistema de formulação.

Tiago destaca que os softwares da Bestmix recebem atualizações a cada nove semanas e contam com uma equipe de mais de 20 desenvolvedores dedicados ao aprimoramento contínuo das ferramentas. “Há muito tempo se fala no mercado brasileiro sobre nutrição de precisão, porém essa precisão nem sempre é palpável. A nossa expectativa é conseguir trazer para o país uma gestão de dados eficiente e realizar a nutrição de precisão a partir de dados e tecnologias avançadas”, afirma. Lopes explica que o BX4 é o software de formulação mais ágil e preciso do mercado. Funciona 100% em nuvem, com máxima segurança de

informação, segundo aponta o especialista. “Também dentro do BX4, já podemos confeccionar todos os rótulos de cada produto ajustado para cada espécie, automaticamente”, destaca.

Outro diferencial do BX4 apontado por Aloizio Lopes é conter todas as tabelas de requerimento de cada espécie, monogástricos, pet e ruminantes. “Ou seja, o nutricionista consegue fazer a dieta completa, sem precisar de outro software e assim tem segurança se os produtos que está formulando atendem aos requerimentos de cada espécie”, aponta.

Já o BESTMIX Quality Control, BX-QC, permite, segundo ele, transformar em informação útil os dados gerados no laboratório com comunicação direta e automática do NIR. “Com isso, o nutricionista consegue formular com dados mais precisos, em tempo real e o time de qualidade consegue gerar informações mais confiáveis das matérias primas e fornecedores”, diz. Outro destaque da BESTMIX é o BX SPECTRACK, solução que permite fazer a gestão dos fornecedores e matérias primas com foco em atender as legislações dos principais países, ou seja, atendendo a legislação do MAPA bem como os países que o Brasil exporta. “Usando as ferramentas mais poderosas do mercado para formulação, inteligência artificial e com o maior time de desenvolvedores do mercado mundial. Nossa presença nas maiores fábricas de alimentos da Europa e USA mostra que nossos clientes em Feed, Food e Petfood no mundo acreditam que a BESTMIX Software é a empresa mais especializada do mercado de software para fábricas do mundo”, explica. ■

As soluções de software **mais avançadas** para as indústrias de alimentação humana, alimentação animal e pet food!

A confiança de fabricantes em todo o mundo para otimizar custos, qualidade e desempenho. Agora no Brasil.



Reduza custos e previna riscos



Otimize toda a sua cadeia de produção



Garanta produtos de maior qualidade

BESTMIX® Formulação e Multi-formulação Bestmix Quality Control, Experiência global. Agora apoiando a indústria brasileira.

Escaneie o QR Code para para saber mais.



BRASIL FORTALECE PROTAGONISMO GLOBAL EM ONE HEALTH DURANTE A BIO 2026

POR HELENA FACCIOLI

Contagem regressiva para mais uma edição da BIO International Convention, o principal encontro global em Biotecnologia e Saúde, a ser realizado de 22 a 25 de junho, em San Diego nos Estados Unidos.

Liderada pela Associação Brasileira da Indústria de Insumos Farmacêuticos (Abiquifi) e pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil), a delegação brasileira será composta por dezenas de empresas, startups, centros de pesquisa, investidores e importantes representantes dos Ministérios da Saúde, Ministério da Ciência e Tecnologia (MCTI), Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA), Anvisa, Fio-cruz, Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI) e Embrapii.

Um dos grandes destaques da vasta agenda brasileira em solo norte-americano será o 'Invest in Brazil | One Health Summit: Da Ciência às Soluções Escaláveis', no dia 22/6, na University of California San Diego. Em linha à integração entre saúde humana, animal e ambiental, o evento foi idealizado com o propósito de apresentar ao mercado internacional a força do país em inovação, ciência aplicada e desenvolvimento de soluções escaláveis dentro do conceito de 'One Health'.

E o Brasil ostenta condições para liderar essa conversa perante o mercado global. Entre os temas centrais da programação estarão tendências globais em inovação e investimento, medicina translacional, tecnologias disruptivas em 'One Health' e oportu-

nidades de internacionalização de soluções brasileiras. Destaque para a participação de representantes de organizações estratégicas como Elanco Animal Health, AbbVie, Gates Foundation, Ouro Fino Animal Health e do Laboratório Cristália, além de lideranças do MAPA, Anvisa e Embrapa.

Outro momento importante será o showcase de startups brasileiras, que dará visibilidade a startups com soluções inovadoras e potencial de expansão internacional. O espaço reforça o posicionamento do Brasil como ambiente fértil para o desenvolvimento de tecnologias voltadas à saúde integrada.

Em suma, o evento apresentará ao público internacional um Brasil que alia biodiversidade, capacidade industrial, excelência científica e ambiente regulatório em evolução para acelerar soluções inovadoras em saúde. Mais do que uma vitrine institucional, o Summit foi desenhado co-

mo uma plataforma de conexão entre ciência, indústria e capital, aproximando empresas globais de tecnologias já validadas e prontas para escalar.

"O propósito deste encontro é posicionar o Brasil como um hub estratégico de inovação, transformando essa base científica e esse mercado em inovação escalável ao conectar pesquisa, investimento e o mercado global. Ao longo do evento, discutiremos como acelerar a inovação no país e explorar sinergias entre as saúdes humana e animal, além de apresentar casos concretos de soluções inovadoras com potencial global", explica Helena Faccioli, da Abiquifi.

AGENDA ESTRATÉGICA. Além do 'Invest in Brazil | One Health Summit', a delegação brasileira terá à disposição o já tradicional Pavilhão Brasileiro, um espaço dedicado a rodadas de negócios, networking internacional e apresentação de ativos estratégicos do ecossistema brasileiro de Biotecnologia e Saúde.

Há mais de uma década, a participação brasileira na BIO Convention está alinhada aos três pilares estratégicos de atuação da Abiquifi, Produção, Exportação e Inovação, com o compromisso de fortalecer a indústria nacional de IFAs para a descoberta de novas moléculas, ampliar sua competitividade e posicionar o Brasil na cadeia de valor do setor farmacêutico.

Para empresas interessadas em ampliar conexões internacionais, acessar investidores, identificar oportunidades de inovação aberta e posicionar suas soluções no mercado global, integrar a delegação brasileira na BIO 2026 representa uma oportunidade estratégica de inserção internacional.

Os interessados podem preencher o <https://conteudo.abiquifi.org.br/bio-convention-2026> ou entrar em contato pelo e-mail anna.rodrigues@abiquifi.org.br.

É geração de negócios, parcerias estratégicas e atração de investimentos internacionais, com apoio institucional da Abiquifi e ApexBrasil. ■

Helena Faccioli é gerente de Inovação Radical em Saúde Animal da Associação Brasileira de Insumos Farmacêuticos (Abiquifi)

ABIEC E CHINA MEAT ASSOCIATION ASSINAM MEMORANDO PARA HARMONIZAÇÃO DA NOMENCLATURA DOS CORTES BOVINOS EXPORTADOS À CHINA

ACORDO ENTRE ABIEC E CHINA MEAT ASSOCIATION HARMONIZA NOMENCLATURA DOS CORTES BOVINOS EXPORTADOS À CHINA E AMPLIA SEGURANÇA NAS OPERAÇÕES COMERCIAIS

A Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (ABIEC) e a China Meat Association (CMA) assinaram, no último dia 13, em Pequim, um memorando de entendimento para harmonização da nomenclatura dos cortes de carne bovina exportados do Brasil para o mercado chinês. O acordo busca padronizar os nomes utilizados nos produtos embarcados ao país asiático, trazendo mais segurança, previsibilidade e eficiência para as operações comerciais entre os dois países.

O documento foi assinado pelo presidente da ABIEC, Roberto Perosa, e pelo presidente da CMA, CHEN Wei, durante agenda institucional realizada na sede da entidade chinesa. O memorando estabelece que as duas associações irão desenvolver e divulgar conjuntamente uma “Lista Unificada de Nomes de Produtos Bovinos”, aplicável aos produtos exportados por estabelecimentos brasileiros habilitados para a China, com o objetivo de “reduzir confusões, simplificar processos comerciais e fornecer uma referência comum para os participantes da indústria”.

Segundo Roberto Perosa, o entendimento representa um avanço importante para os exportadores brasileiros. “Hoje nós temos um acordo entre a ABIEC e a China Meat Association, onde nós concordamos com todas as nomenclaturas dos cortes que são exportados para a China. Isso é um grande passo: evita contradições no momento do desembaraço da carga nos diversos portos aqui na China e facilita a vida

do exportador brasileiro”, afirmou.

Perosa destacou ainda que o alinhamento traz mais previsibilidade e segurança às operações comerciais. “O exportador brasileiro passa a ter plena convicção de que, quando coloca uma nomenclatura na embalagem, esta nomenclatura está aprovada tanto pela ABIEC quanto pela Associação Chinesa da Carne”, completou.

O presidente da ABIEC também ressaltou que o documento será encaminhado às autoridades chinesas para homologação. “É claro que agora esse entendimento nós enviaremos às autoridades locais, mas já há um prévio entendimento de que ele será homologado”, declarou.

O memorando reconhece que o crescimento do número de plantas brasileiras habilitadas a exportar para a China resultou na utilização de diferentes nomes e descrições para cortes similares, o que passou a gerar dificuldades em processos de de-

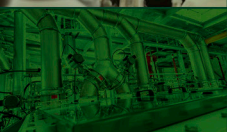
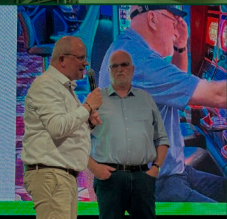
sembaraço aduaneiro, documentação comercial, circulação de mercadorias e estatísticas comerciais.

Para o presidente da China Meat Association, CHEN Wei, a assinatura do acordo ajudará a fortalecer e padronizar o comércio bilateral de carne bovina entre os dois países. “Acreditamos que, através da assinatura deste memorando, ajudaremos a padronizar e normalizar o comércio de produtos de carne entre a China e o Brasil. Também pretendemos fortalecer ainda mais nossa cooperação técnica e de padrões”, afirmou.

O acordo prevê ainda que a lista padronizada possa ser utilizada voluntariamente em contratos comerciais, invoices, packing lists, conhecimentos de embarque e documentos aduaneiros, além de permitir revisões técnicas periódicas entre as entidades para atualização das nomenclaturas conforme mudanças de mercado e lançamento de novos produtos. ■



BIOCHEM CELEBRA 40 ANOS APOSTANDO EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E NA PROXIMIDADE COM O PRODUTOR



O DIFERENCIAL DA EMPRESA ESTÁ NA CAPACIDADE DE TRANSFORMAR TECNOLOGIA EM **RESULTADO PRÁTICO NO CAMPO**

GIOVANA DE PAULA

giovana@dc7comunica.com.br

Ao completar 40 anos de atuação global em nutrição e saúde animal, a Biochem consolida uma trajetória marcada pela combinação entre ciência aplicada, desenvolvimento técnico e adaptação regional de tecnologias. Com presença em mais de 90 países, operação estruturada na América Latina e crescimento acelerado no Brasil, a empresa alemã chega ao marco histórico reforçando uma estratégia baseada em suporte técnico, inovação e construção conjunta de soluções para o agronegócio.

A Biochem desempenha um papel fundamental na produção animal moderna, atuando como um parceiro estratégico na nutrição e saúde de aves, suínos e ruminantes. Com sede na Alemanha e forte presença no Brasil, a empresa se concentra no desenvolvimento de aditivos, probióticos e soluções nutricionais que visam aumentar a rentabilidade, garantindo a segurança alimentar e o bem-estar animal.

Mais do que ampliar portfólio, a companhia busca fortalecer um modelo de relacionamento próximo ao produtor, às cooperativas, às agroindústrias e aos parceiros comerciais. Segundo Paulo Oliveira, Regional Sales Director Latam da Biochem, o diferencial da empresa está justamente na capacidade de transformar tecnologia em resultado prático no campo. “A assistência técnica e o pós-venda são fundamentais. O processo não

termina quando você tira o pedido, o processo começa. Quando fazemos o acompanhamento, a intenção não é simplesmente olhar o produto, mas entender a dificuldade do cliente e ver como podemos ajudar, tanto com o produto quanto com o serviço que estamos oferecendo”, afirma.

Essa filosofia acompanha a trajetória da Biochem desde sua chegada à América Latina. A operação regional começou em 2017, tendo o Brasil como primeiro país de atuação no continente. Hoje, a unidade brasileira coordena os negócios em toda a América Latina, do México para baixo, e a empresa já atua em praticamente todos os mercados da região.

CIÊNCIA APLICADA À REALIDADE BRASILEIRA. Uma das marcas da Biochem ao longo de seus 40 anos é a chamada “tropicalização” das tecnologias desenvolvidas na Alemanha. Em vez de simplesmente importar soluções prontas, a empresa realiza adaptações técnicas e validações locais para garantir eficiência dentro das condições produtivas brasileiras e latino-americanas.

“Não é simplesmente trazer um produto e falar: ‘o produto é alemão, usa que é bom’. Nós tropicalizamos os produtos. Fazemos toda uma adaptação dentro das condições brasileiras para entender exatamente como ele reage e qual resultado entrega ao produtor”, explica Oliveira.

Segundo o executivo, esse trabalho envolve universidades, centros de pesquisa, consultores independentes e equipes técnicas pró- ▶

prias da companhia. “A Biochem investe muito em pesquisa de campo, em universidades, em simpósios e no contato direto com os clientes. Isso é o que garante segurança técnica e credibilidade”, destaca.

A estratégia ganha ainda mais importância em um cenário global de transformação da produção animal, marcado pela redução do uso de antimicrobianos, restrições sanitárias mais rígidas e aumento da demanda por sustentabilidade.

PRODUTOS VOLTADOS PARA RESULTADO.

A Biochem atua hoje com amplo portfólio voltado à nutrição e saúde animal. O foco da companhia está em soluções de alta biodisponibilidade e desempenho comprovado cientificamente.

Entre os principais segmentos estratégicos da empresa estão os minerais orgânicos, probióticos, produtos para saúde intestinal, soluções respiratórias e tecnologias baseadas em imunoglobulinas “Nós trabalhamos muito forte com minerais. É um dos carro-chefe da empresa no Brasil e na América Latina. Estamos trazendo uma nova linha de minerais orgânicos e passando por um processo de tropicalização para entender exatamente o posicionamento ideal para o mercado brasileiro”, explica Oliveira.

Segundo ele, os minerais desenvolvidos pela companhia possuem alta biodisponibilidade, característica considerada fundamental para melhorar eficiência nutricional e desempenho zootécnico. “O foco é trabalhar com um produto de boa qualidade, altamente biodisponível e que traga valor não só para a Biochem ou para o cliente, mas para toda a cadeia produtiva”, ressalta.

Outra frente considerada estratégica pela empresa envolve os probióticos, utilizados principalmente para saúde intestinal, melhora da digestibilidade e suporte imunológico.

“Estamos investindo muito em probióticos, avaliando desde produção de enzimas até digestibilidade de nutrientes e ingredientes. Temos produtos muito comprovados na avicultura e suinocultura e estamos expandindo isso para bovinocultura leiteira, com resultados fantásticos”, afirma. Além disso, a companhia vem ampliando pesquisas com



Paulo Oliveira, Regional Sales Director Latam da Biochem: “Investimos muito em pesquisa de campo, em universidades, em simpósios e no contato direto com os clientes. Isso é o que garante nossa segurança técnica e credibilidade”.

imunoglobulinas e fatores de crescimento preservados, buscando aplicações não apenas em animais jovens, mas em diferentes fases produtivas.

SUORTE TÉCNICO COMO DIFERENCIAL COMPETITIVO.

A Biochem reforça que sua atuação não se resume à comercialização de produtos. A companhia trabalha com um modelo de suporte técnico contínuo, envolvendo acompanhamento de campo, validação científica e construção personalizada de soluções. “Quando entramos dentro do cliente e entendemos a demanda, não fazemos apenas uma oferta de produto. Fazemos uma oferta de resultado”, afirma Oliveira.

Esse trabalho inclui desde avaliações de digestibilidade e qualidade de matéria-prima até controle respiratório, saúde entérica, manejo ambiental e mitigação de estresse térmico.

Segundo o executivo, a empresa trabalha permanentemente sob avaliação dos clientes e centros de pesquisa. “Somos testados o tempo inteiro. Precisamos comprovar eficácia, eficiência e estabilidade do produto em diferentes condições de uso. Isso é parte da cultura da Biochem”, diz.

SUSTENTABILIDADE E RESPONSABILIDADE PRODUTIVA.

Ao longo de sua trajetória, a Biochem passou a incorporar cada vez mais o conceito de sustentabilidade em sua estratégia global. Segundo Oliveira, a empresa trabalha apoiada em três pilares: econômico, ambiental e social. “O tripé econômico, ambiental e social é fundamental. Sem pessoas, não existe economia. Sem responsabilidade ambiental, o sistema não se sustenta”, afirma.

A companhia entende que o futuro do agronegócio passa necessariamente por produção eficiente com menor impacto ambiental e maior responsabilidade social.

“O crescimento do agro continua forte, mas agora é um crescimento com mais responsabilidade, mais demanda técnica, mais conscientização e mais investimento em pesquisa”, avalia.

AMÉRICA LATINA NO CENTRO DA ESTRATÉGIA GLOBAL.

Com as mudanças regulatórias e ambientais na Europa, a Biochem enxerga a América Latina como uma das principais regiões de crescimento para os próximos anos. “A empresa vê o Brasil e a América Latina como grandes oportunidades. Existe uma pressão muito grande sobre a produção europeia, enquanto a América Latina possui enorme potencial de crescimento em proteína animal e grãos”, afirma Oliveira. Segundo ele, a percepção internacional sobre o agronegócio brasileiro mudou significativamente nos últimos anos. “Quando parceiros europeus visitam o Brasil e veem o nível de organização das cooperativas, a qualidade da produção e o sistema produtivo, eles ficam impressionados. O cooperativismo brasileiro é extremamente sólido”, diz.

CRESCIMENTO BASEADO EM ADAPTAÇÃO REGIONAL.

Outro diferencial destacado pela empresa é a capacidade de adaptação aos mercados locais.



Segundo Oliveira, a Biochem busca compreender as necessidades regionais antes de posicionar seus produtos. “A Biochem não chega querendo mudar o mercado. Ela chega para entender o país, entender a cultura local e adaptar as soluções às necessidades daquela região”, explica.

Essa adaptação envolve desde aspectos técnicos até questões tributárias, logísticas e comer-

ciais. “Quando falamos em tropicalização, não estamos falando apenas do produto. Estamos falando de posicionamento, custo, modelo de atuação, regulamentação e estratégia de mercado”, acrescenta.

EXPANSÃO PARA NOVOS SEGMENTOS.

Além da atuação tradicional em aves e suínos, a Biochem amplia investimentos em bovinocultura leitei- ►

BIOCHEM

Foco em Saúde Intestinal e Performance

A Biochem oferece soluções de saúde intestinal, como o TechnoSpore (probiótico à base de *Bacillus coagulans*), que melhora a conversão alimentar e promove a sanidade preventiva, combatendo bactérias patogênicas e protegendo a microbiota intestinal. Essas intervenções, que incluem o uso de probióticos, óleos essenciais e betaglicanos, são cruciais para a absorção eficiente de nutrientes.

Linha de Nutrientes e Minerais Orgânicos

A empresa destaca-se pela linha de minerais orgânicos, como a ECOTrace®, que oferece microminerais de alta biodisponibilidade para aves, suínos e ruminantes, permitindo uma nutrição de precisão que reduz a necessidade de minerais inorgânicos e melhora o desempenho.

Sustentabilidade e Segurança Alimentar

A filosofia “Feed Safety for Food Safety” (Segurança na ração para a segurança no alimento) garante que os aditivos contribuam para uma produção mais segura e sustentável, reduzindo o uso de antibióticos e otimizando os recursos naturais.

Soluções Personalizadas e Suporte Técnico

A Biochem, através de sua unidade LATAM, desenvolve trabalhos científicos (em parceria com universidades brasileiras) e adapta as soluções às necessidades específicas do mercado brasileiro e sul-americano, focando em: Aumento da lucratividade na avicultura e suinocultura. Melhoria da taxa de crescimento e eficiência de conversão. Programas completos de saúde intestinal, incluindo probióticos aplicados no incubatório.

Reconhecimento no Mercado

A empresa registrou crescimento expressivo no Brasil e América Latina, demonstrando a consolidação de suas soluções no campo e a sua importância crescente para produtores que buscam alta tecnologia em nutrição animal. A Biochem - Feed Safety for Food Safety atua como um elo entre tecnologia alemã e as demandas específicas da produção agropecuária brasileira.

ra, pecuária de corte, aquacultura e linha pet. A aquacultura, inclusive, tornou-se uma das prioridades globais da empresa. “O projeto Aqua é um investimento muito forte da Biochem. O Brasil encabeçou esse projeto e estamos desenvolvendo trabalhos importantes no Brasil e no Chile, inclusive com universidades do Nordeste”, afirma Oliveira. Segundo ele, o objetivo é desenvolver soluções específicas para atender às demandas sanitárias e nutricionais do setor aquícola.

UMA EMPRESA ORIENTADA A SOLUÇÕES. Para os próximos anos, a expectativa da Biochem é consolidar ainda mais sua posição como parceira estratégica do agronegócio. “Hoje muitos clientes não chegam mais perguntando de produto. Eles chegam dizendo: ‘tenho esse

problema, como vocês podem me ajudar?’”, relata Oliveira.

Segundo ele, a empresa busca atuar de forma integrada, inclusive em parceria com outras companhias e instituições, quando necessário. “Às vezes a solução não está apenas dentro da Biochem. Trabalhamos em conjunto com outras empresas, universidades e consultores para entregar o melhor resultado ao cliente”, afirma. Ao olhar para o futuro, Oliveira acredita que a combinação entre ciência, adaptação regional e valorização das pessoas continuará sendo o principal motor de crescimento da empresa. “O perfil da empresa é o perfil das pessoas que estão dentro dela. Quando você tem gente comprometida, com vontade de crescer e construir soluções, a empresa cresce junto. Esse é o caminho da Biochem para os próximos anos”, conclui.

UM LEGADO DE PRECISÃO: NAVEGANDO POR 40 ANOS DE NUTRIÇÃO ANIMAL GLOBAL

NO COMPLEXO mundo da produção animal, a Biochem passou quatro décadas provando que o verdadeiro sucesso exige mais do que soluções isoladas. Fundada em 1986 por Eckhard Thölke em Lohne, Alemanha, a empresa evoluiu de um fornecedor regional para uma empresa global, atendendo agora a mais de 90 países com uma equipe de mais de 400 especialistas. Seu princípio orientador permanece inalterado: Segurança Alimentar para Segurança dos Alimentos®. A Biochem celebra 40 anos de operações globais e uma presença relevante nas Américas.

Acompanhe, na sequência, uma entrevista exclusiva com **Alexander Grafe**, para a Feed & Food.

Quando falamos da cadeia de proteína animal nas Américas, estamos falando de diferentes realidades de produção, econômicas e sanitárias. Como a Biochem adapta suas operações a essa diversidade regional? A adaptação está incorporada à nossa abordagem de “Expertise em Ação”. Entendemos que os clientes globais precisam de estratégias integradas, construídas para a complexidade. Para alcançar isso, contamos com nossas equipes locais no Brasil, que entendem as nuances regionais em primeira mão, desde os desafios únicos do estresse térmico e da umidade em sistemas tropicais até as variações na qualidade da matéria-prima local, como os perfis de proporção de milho e soja.

Aliamos nosso portfólio à profunda expertise em Ruminantes, Suínos, Aves e Aquicultura para atender com precisão às necessidades específicas de produção. Seja gerenciando os desafios de matrizes hiperpro-



líficas, apoiando vacas leiteiras de alta produção durante o manejo de transição ou otimizando o desempenho em sistemas de produção de carne bovina a pasto, nossos programas são personalizados para as necessidades específicas de diferentes segmentos animais e faixas etárias.

Além disso, alinhamos nossas soluções aos rigorosos padrões sanitários e de qualidade exigidos pelos grandes mercados de exportação da região. Ao fornecer soluções como nosso Conceito de Gerenciamento de Toxinas e o TechnoSpore®, ajudamos os produtores a manter a segurança e a previsibilidade de produção necessárias para competir no cenário global.

A América Latina vem consolidando seu papel como uma plataforma global de proteína animal. Como a Biochem enxerga essa oportunidade para os próximos anos? A Biochem vê isso como uma oportunidade vital para fornecer soluções integradas que atendam às crescentes necessidades de sustentabilidade e bem-estar animal. Fortalecemos nos-

sa posição de mercado por meio de expansões estratégicas, como a aquisição, em 2025, do negócio global de glicinatos da BASF, que reforça nosso papel como pioneiro em oligoelementos orgânicos de alto desempenho. Isso garante que possamos atender à crescente demanda global por utilização de nutrientes com economia de recursos nessa região-chave.

O Brasil continua sendo um pilar estratégico para a produção animal regional. Qual a importância do mercado brasileiro na visão global da Biochem? O Brasil é um pilar fundamental da nossa presença internacional, com nossa subsidiária e equipes locais estabelecidas lá desde 2018. Representa um mercado-chave onde nossos especialistas trabalham para melhorar a utilização de nutrientes e a saúde animal. Como uma potência global em proteína animal, o Brasil e a América Latina são essenciais para nossa missão de fornecer soluções personalizadas e confiáveis, baseadas em conhecimento científico e experiência prática.

Em um mercado cada vez mais pressionado por custos, saúde e produtividade, como a Biochem transforma a tecnologia em resultados práticos para produtores, agrogócios e fábricas de ração? Transformamos tecnologia em resultados focando no "Desempenho Total". Nossos aditivos funcionais, como o nosso abrangente Conceito de Gerenciamento de Toxinas, que combate micotoxinas, endotoxinas e exotoxinas, reduzem diretamente os custos com ração e melhoram a eficiência. Ao otimizar a saúde intestinal e a biodisponibilidade de nutrientes por meio de soluções como nossos minerais E.C.O. Trace® e probióticos TechnoSpore®, oferecemos um sistema completo projetado para gerenciar todos os desafios críticos simultaneamente. Essa abordagem desbloqueia maior lucratividade e garante a sustentabilidade a longo prazo para o produtor.

A confiança é um dos pilares de um relacionamento de longo prazo na área. Como a Biochem constrói essa confiança com clientes e parceiros em diferentes países das Américas? ►

40 Years
Aniversário 1986 - 2026

Biochem
Feed Safety for Food Safety®

Presente em
mais de 90
países

ORGULHO DO PASSADO. FUTURO SUSTENTÁVEL.

Há 40 anos, a Biochem transforma conhecimento científico em soluções inovadoras que **promovem saúde, eficiência e bem-estar animal**. Uma trajetória construída com **ética, excelência e compromisso com o futuro da produção animal e da segurança alimentar**.



SAÚDE
INTestinal



IMUNIDADE



QUALIDADE
DA RAÇÃO



DESEMPENHO
ZOOTÉCNICO



MANEJO DE
TOXINAS



BEM-ESTAR
ANIMAL



SEGURANÇA
ALIMENTAR



Escaneie o
QR Code e
saiba mais



☎ 11 95571-7971 ✉ sac@biochem.net 📷 biochemlatam



A confiança é construída sobre nosso compromisso de 40 anos com a "Segurança Alimentar para a Segurança dos Alimentos®". Cada solução da Biochem é pesquisada e desenvolvida com precisão na Alemanha, seguindo os mais rigorosos padrões de qualidade do setor, como GMP+, ISO 9001 e ISO 50001. Ao manter equipes locais em mercados como o Brasil, combinamos essa confiabilidade alemã com a proximidade regional, garantindo que estejamos presentes quando nossos parceiros precisarem de nós.

Hoje, os clientes buscam eficiência, retorno sobre o investimento, previsibilidade e segurança na produção. Como a Biochem responde a essa nova demanda do mercado? Respondemos com excelência integrada. Nossas "Áreas de Soluções para Alimentação Animal" atendem a todos os requisitos de produção, da saúde intestinal ao suporte imunológico. Ao utilizar tecnologias como nutrientes protegidos no rúmen e minerais altamente biodisponíveis, proporcionamos a previsibilidade e a segurança necessárias na produção pecuária moderna. Nos concentramos nos KPIs concretos, como FCR (Taxa de Conversão Alimentar) e ROI, que nossos parceiros precisam para prosperar.

Em quais cadeias produtivas a Biochem deve concentrar as maiores oportunidades nas Américas: aves, suínos, ruminantes, aquicultura ou outras frentes? Existem oportunidades em todas as principais espécies nas quais temos profundo conhecimento. Nosso programa avançado de pintinhos de um dia (DOC) para aves, nossos conceitos para porcas e leitões suínos e nosso manejo de transição para vacas leiteiras são todos projetados para maximizar a saúde e a lucratividade. Além disso, nossa expansão para a aquicultura e o setor de animais de companhia oferece frentes significativas de crescimento, à medida que a região continua a expandir sua capacidade de produção.

Em um setor competitivo, o que diferencia a Biochem: tecnologia, portfólio, suporte técnico, proximidade com o cliente ou a combinação desses fatores? É a combinação desses fatores, sustentada por nosso legado de 40 anos de inovação. Nosso



Alexander Grafe, CEO da Biochem: "O papel da empresa é o de um parceiro inovador, fornecendo conceitos de alimentação baseados na ciência que aprimoram a saúde e o desempenho animal. "Ao oferecer um portfólio integrado, incluindo probióticos como o TechnoSpore®, o primeiro aditivo de Bacillus coagulans com registro na UE, e oligoelementos avançados como o E.C.O.Trace®, ajudamos os produtores a alcançar desempenho consistente e sustentabilidade a longo prazo. Disponibilizamos ao mercado nossa qualidade internacional necessária para tornar as estratégias de alimentação holística uma realidade diária para nossos parceiros nas Américas".

valor reside em uma estratégia completa construída sobre a qualidade alemã, conhecimento científico e domínio das espécies. O que realmente nos diferencia é nossa capacidade de traduzir ciência complexa em "Expertise em Ação" por meio de nossas equipes locais. Não vendemos apenas aditivos; fornecemos a infraestrutura nutricional para o sucesso sustentável.

Neste marco de 40 anos, qual mensagem a Biochem gostaria de deixar para os produtores, agronegócios, técnicos e parceiros que fazem parte da cadeia de proteína animal nas Américas? Nossa mensagem é de compromisso contínuo com a sustentabilidade e a inovação. Permanecemos dedicados a fornecer o melhor suporte possível aos nossos parceiros em todo o mundo por meio de conhecimento científico e experiência prática.

Desde 1986, temos nos baseado em conceitos científicos que unem responsabilidade ambiental e desempenho econômico. Sob a filosofia 'Segurança da Ração para Segurança Alimentar', desenvolvemos soluções de alimentação que conservam recursos e reduzem as emissões diretamente na fonte — a própria ração. Há 40 anos, desenvolvemos soluções eficazes para os desafios da nutrição animal e expandimos gradualmente nosso portfólio para um sistema que combina bem-estar animal, desempenho e lucratividade com nosso compromisso com a segurança e a sustentabilidade. ■

UNIÃO EUROPEIA, ANTIMICROBIANOS E O CASO BRASILEIRO: A IMPORTÂNCIA DAS DECISÕES BASEADAS EM CRITÉRIOS TÉCNICOS

RICARDO SANTIN

A recente sinalização da União Europeia acerca da possível inclusão do Brasil em uma lista de países considerados “não conformes” em relação às diretrizes europeias sobre antimicrobianos gerou questionamentos naturais no mercado internacional. Contudo, é fundamental separar percepção de realidade técnica.

O primeiro ponto que precisa ser esclarecido é objetivo: as exportações brasileiras de proteína animal para a União Europeia não estão suspensas. A medida europeia ainda depende de publicação oficial e, mesmo após sua formalização, somente passaria a produzir efeitos a partir de setembro deste ano.

Mais importante do que isso é compreender o mérito técnico da questão. O Brasil cumpre integralmente os requisitos sanitários exigidos pela União Europeia, inclusive aqueles relacionados ao uso de antimicrobianos. Os protocolos adotados pelas empresas brasileiras seguem parâmetros rigorosos de rastreabilidade, controle veterinário, monitoramento produtivo e uso responsável de medicamentos, sob fiscalização oficial do Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA).

Trata-se de um sistema robusto, consolidado ao longo de décadas, que permitiu ao Brasil alcançar uma posição singular no comércio global de alimentos. Hoje, o país exporta proteína animal para mais de 150 mercados, incluindo alguns dos mais exigentes do mundo em termos sanitários e regulatórios.

O debate, portanto, não está relacionado à ausência de controles sanitários ou à inexistência de fiscalização. Ao contrário: o Brasil possui uma das

mais estruturadas arquiteturas de defesa agropecuária e monitoramento produtivo do mundo em proteína animal.

A questão central reside na interpretação regulatória de determinados mecanismos de controle e certificação ligados às normas europeias mais recentes sobre antimicrobianos. E é justamente nesse ponto que o governo brasileiro, em conjunto com o setor produtivo, atua para demonstrar tecnicamente que as exigências europeias são plenamente atendidas pelas empresas habilitadas.

É importante lembrar que o próprio sistema produtivo brasileiro evoluiu fortemente nas últimas décadas em direção ao uso racional e responsável de medicamentos veterinários. O avanço da biossegurança, da ambiência, da genética, da nutrição e do manejo reduziu significativamente a necessidade de intervenções terapêuticas, alinhando o setor às melhores práticas internacionais.

Além disso, o Brasil possui programas oficiais de monitoramento, controle de resíduos e rastreabilidade reconhecidos internacionalmente. Esses mecanismos garantem segurança dos alimentos tanto para o mercado interno quanto para os mercados externos.

O tema também exige uma reflexão mais ampla sobre previsibilidade regulatória e harmonização internacional. Em um cenário global marcado por desafios crescentes à segurança alimentar, decisões sanitárias precisam estar ancoradas em critérios técnicos, científicos e transparentes. Esse princípio é fundamental para preservar a confiança entre parceiros comerciais e evitar distorções que possam afe-

tar cadeias globais de abastecimento.

A relação entre Brasil e União Europeia na proteína animal é histórica, estratégica e construída sobre confiança sanitária. O bloco europeu é tradicionalmente um dos mercados mais exigentes do mundo — e justamente por isso o fato de o Brasil ter mantido acesso contínuo ao mercado europeu ao longo de décadas demonstra o nível de credibilidade alcançado pelo sistema sanitário brasileiro.

O setor produtivo brasileiro mantém absoluto compromisso com a sustentabilidade, a segurança alimentar, o bem-estar animal e as melhores práticas globais de produção. Esse compromisso não é apenas institucional: ele é operacional, auditável e permanentemente fiscalizado.

Neste momento, o caminho mais importante é o do diálogo técnico. O Brasil deverá apresentar às autoridades europeias todos os esclarecimentos necessários, reforçando evidências já reconhecidas internacionalmente sobre a solidez de seus controles sanitários.

Mais do que um debate regulatório pontual, trata-se da defesa de um princípio essencial para o comércio internacional de alimentos: o de que decisões sanitárias precisam ser conduzidas com base em ciência, transparência e cooperação entre nações.

Em um mundo que demanda cada vez mais segurança alimentar, previsibilidade e abastecimento sustentável, relações comerciais sólidas dependem, acima de tudo, de confiança técnica. ■

Ricardo Santin é presidente da Associação Brasileira de Proteína Animal



INCLUSÃO DE LIGNOCELULOSE COMO FONTE DE FIBRA NA ALIMENTAÇÃO DE MONOGÁSTRICOS ASSOCIA EFICIÊNCIA ECONÔMICA, SUSTENTABILIDADE E SAÚDE AO PLANTEL

UMA NUTRIÇÃO RICA EM LIGNOCELULOSE AUXILIA NO TRATO GASTROINTESTINAL E SE REFLETE EM CONCEITOS COMO BEM-ESTAR ANIMAL E SUSTENTABILIDADE, GERANDO AO FINAL DO PROCESSO, MELHORES RESULTADOS AOS PRODUTORES

GIOVANA DE PAULA

giovana@dc7comunica.com.br

A fibra está sendo “redescoberta” na nutrição de animais monogástricos pelos seus múltiplos benefícios. Em uma perspectiva de eficiência econômica, sustentabilidade e saúde, o manejo da fibra na alimentação constitui um novo desafio e, ao mesmo tempo, uma oportunidade para aproveitar os seus benefícios. O conceito que a fibra é essencial para a saúde intestinal, mo-

tilidade e bem-estar animal é cada vez mais aceito nos dias de hoje.

As novas fibras insolúveis utilizadas na nutrição animal diferenciam-se das fibras tradicionais principalmente pela preservação de sua estrutura física natural, menor grau de refinamento químico e maior funcionalidade fisiológica. Enquanto muitas fibras convencionais sofrem processamento agressivo — moagem excessiva, extrações químicas ou tratamentos

térmicos intensos — as fibras modernas, especialmente lignoceluloses funcionais, mantêm propriedades estruturais capazes de atuar mecanicamente no trato gastrointestinal sem elevar excessivamente a viscosidade intestinal. Esse perfil favorece motilidade, retenção equilibrada de água e estabilidade digestiva para suínos, galinhas de postura, matrizes, avós e bisavós de aves, bem como cães e gatos. Para todas essas espécies já existem com- ►



FIBRA DE LIGNOCELULOSE DE ORIGEM CONTROLADA

Solução em fibras para
animais monogástricos

**PADRÃO EUROPEU, FEITA PARA O
AGRONEGÓCIO BRASILEIRO**



FABRICAÇÃO PRÓPRIA

Logística ágil, fornecimento contínuo, suporte técnico e o melhor custo-benefício



100% DE RASTREABILIDADE

Controlamos todo o processo, da origem ao produto final, assegurando máxima qualidade, segurança e desempenho



MAIS PERFORMANCE

Resultados comprovados que impactam diretamente a produtividade



LIVRE DE MICOTOXINAS

Matéria prima segura para uma produção mais confiável



ALTA RETENÇÃO DE ÁGUA

Melhora o equilíbrio intestinal e o aproveitamento nutricional



FALE COM UM ESPECIALISTA

Escaneie o QR Code e converse com nossa equipe comercial.



FiberLigno
Nutrição de Precisão



fiberligno



fiberligno.com.br

provações científicas de utilização de Lignocelulose como fonte de fibra.

Quem explica essa questão é o Professor Paulo Roberto Ost, Diretor Técnico da Fiberligno. Segundo ele, o excesso de fibras excessivamente refinadas ou agressivamente processadas pode comprometer o ambiente intestinal. Processamentos intensos alteram a arquitetura da parede celular vegetal, modificando fermentabilidade, viscosidade e interação com a microbiota. “Em alguns casos, ocorre fermentação rápida e desorganizada, aumento de substratos indesejáveis no intestino grosso e maior produção de meta”, detalha. Ele ainda ressalta que a lignocelulose é livre de micotoxinas, um grande problema da nutrição animal.

Segundo Ost, existe atualmente crescente demanda por fibras com menor intervenção química, associadas aos conceitos de “nutrição funcional”, “saúde intestinal” e “ingredientes naturais”. “Esse movimento é impulsionado principalmente pelos setores de produção de proteína animal, alimentos funcionais, suinocultura de alta eficiência, nutrição de precisão e produção livre de antibióticos promotores de crescimento. A busca por estabilidade intestinal e redução de disbiose tornou a fibra funcional um componente estratégico”, afirma.

Nos últimos dez anos, de acordo com o especialista, a pesquisa em fibras deixou de focar apenas digestibilidade e teor bruto, passando a investigar efeitos sobre microbiota, barreira intestinal, imunidade, fermentação seletiva e integridade epitelial. “O conceito atual considera não apenas quantidade de fibra, mas também sua estrutura física, capacidade de retenção hídrica, fermentabilidade e influência sobre o ecossistema intestinal”, diz.

Algumas lignoceluloses funcionais também favorecem produção moderada de ácidos graxos de cadeia curta, importantes para manutenção energética dos enterócitos. “Há evidências de que determinadas fibras dificultem proliferação ou ascensão de patógenos intestinais. Isso ocorre por diferentes mecanismos: redução do tempo de permanência da digesta, melhora da integridade da mucosa, maior produção



Professor Paulo Roberto Ost, diretor técnico da Fiberligno: “As fibras insolúveis influenciam o ambiente do intestino grosso principalmente por efeitos físicos. Elas aumentam volume fecal, estimulam motilidade intestinal, aceleram renovação da digesta e reduzem retenção excessiva de compostos potencialmente prejudiciais”

de muco protetor e modulação indireta da microbiota benéfica. Compostos fenólicos presentes na lignina também apresentam atividade antimicrobiana e antioxidante”, detalha.

Segundo Paulo Roberto Ost, o aumento da retenção de água promovido por fibras estruturais pode melhorar o trânsito intestinal sem irritar a mucosa. “Diferentemente de fibras altamente viscosas, certas fibras insolúveis absorvem água mantendo estrutura física estável, aumentando hidratação fecal e facilitando eliminação sem causar fermentação excessiva ou irritação intestinal”, diz.

A relação entre fibra insolúvel, camada de muco e barreira epitelial é especialmente importante, como aponta Ost. “O estímulo mecânico moderado promovido pela fibra favorece secreção de muco, renovação celular e fortalecimento das junções epiteliais.

Existe diferença marcante entre fibras altamente fermentáveis e fibras predominantemente estruturais. As altamente fermentáveis, como pectinas e algumas hemiceluloses, geram

AS FIBRAS

1 O termo **fibra alimentar** descreve constituintes vegetais que não são degradados pelas enzimas de animais monogástricos e, portanto, passam pelo intestino delgado. Inicialmente precisamos distinguir fibras não fermentáveis de fibras fermentáveis.

2 A **fibra não fermentável** melhora a taxa de passagem intestinal e evita a ascensão de patógenos no intestino grosso.

3 As **fibras fermentáveis**, quando estão associadas as fibras não fermentáveis e insolúveis, são transportadas para o intestino grosso, onde serão utilizadas como substrato para bactérias saprófitas, as quais produzirão ácidos graxos voláteis (AGVs) como resultado final de seus processos metabólicos.

maior produção de ácidos graxos de cadeia curta e intensa atividade microbiana. Já as fibras estruturais, como celulose e lignina, exercem principalmente efeitos mecânicos sobre trânsito intestinal, hidratação fecal e estabilidade digestiva”, detalha.

Mesmo sendo pouco fermentáveis, algumas fibras insolúveis podem favorecer microbiota benéfica indiretamente. “Ao melhorar motilidade, estabilidade luminal e integridade da mucosa, elas criam ambiente mais favorável para bactérias associadas à saúde intestinal e menos propício à proliferação de microrganismos oportunistas”, diz.

Ost aponta que as fibras insolúveis podem contribuir para redução do risco de disbiose intestinal ao estabilizar o ambiente gastrointestinal, melhorar barreira epitelial e reduzir distúrbios digestivos. “Em sistemas de produção de proteína animal, esses efeitos refletem diretamente em menor incidência de diarreias, melhor conversão alimentar, maior eficiência produtiva, redução de perdas sanitárias e menor dependência de antibióticos”, conclui. ■

PESQUISA EM NUTRIÇÃO ANIMAL APONTA DESAFIOS PARA AMPLIAR EFICIÊNCIA E SUSTENTABILIDADE DA PRODUÇÃO BRASILEIRA

36ª REUNIÃO ANUAL DO COLÉGIO BRASILEIRO DE NUTRIÇÃO ANIMAL (CBNA) APONTOU AVANÇOS DO SETOR

GIOVANA DE PAULA

giovana@dc7comunica.com.br

A necessidade de ampliar pesquisas sobre fibras na alimentação animal, digestibilidade de ingredientes e uso de inteligência artificial no campo marcou os debates da 36ª Reunião Anual do Colégio Brasileiro de Nutrição Animal – Aves, Suínos e Bovinos, realizada no Distrito Anhembi, em São Paulo. O encontro reuniu especialistas da academia, lideranças da agroindústria e representantes da indústria de rações e aditivos para discutir os principais desafios da cadeia de produção de proteínas animais no Brasil.

O evento destacou que os avanços científicos desenvolvidos atualmente nas universidades e centros de pesquisa devem orientar as próximas inovações da produção animal brasileira. Entre os temas considerados prioritários pelos especialistas estão o uso mais eficiente de fibras nas rações, avaliações mais precisas de digestibilidade — especialmente relacionadas a cálcio, fósforo e energia líquida — além da interação entre microbiota, ingredientes e aditivos nutricionais.

Outro ponto debatido foi a aplicação da inteligência artificial no cotidiano do produtor rural, com foco em ganho de eficiência, sustentabilidade e melhoria dos índices produtivos.

Segundo o engenheiro agrônomo e membro da Diretoria Técnica do CBNA, Marcio Ceccantini, o encontro tem papel estratégico para aproximar a pesquisa acadêmica das demandas práticas do setor produtivo. “Quando nutricionistas que vivem o

dia a dia do campo dialogam em alto nível com pesquisadores dos vários centros de pesquisa brasileiros, conseguimos entender as necessidades do mercado e direcionar estudos e produtos para atender às demandas dos animais, produzindo carnes e ovos com mais qualidade, sustentabilidade e competitividade”, afirmou.

A abertura da programação científica contou com a participação de pesquisadores de referência no país, entre eles Horácio Rostagno, da Universidade Federal de Viçosa (UFV); José Henrique Stringhini, da Universidade Federal de Goiás (UFG); Sérgio Vieira, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Everton Krabbe, chefe-geral da Embrapa Suínos e Aves; e Bruno Silva, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Além da reunião anual voltada à produção animal, o CBNA promoveu outros dois eventos paralelos: o IX Workshop sobre Nutrição e Nutrologia de Cães e Gatos e o XXV Congresso

CBNA Pet. Os encontros abordaram desafios da nutrologia felina, formulação de dietas, processamento de rações, uso de aditivos e tendências do mercado pet. As discussões ocorreram simultaneamente à Fenagra, feira internacional voltada à tecnologia e ao processamento da agroindústria Feed & Food.

A agenda técnica também incluiu o 11º Diálogo Técnico do Setor de Reciclagem Animal, promovido pela Associação Brasileira de Reciclagem Animal (ABRA), que debateu oportunidades de mercado, inovação no uso de farinhas de origem animal e estratégias de descarbonização industrial.

Já a pauta dos biocombustíveis ganhou espaço no III Fórum Biodiesel e Bioquerosene (SAF): Tecnologia e Inovação, realizado pela União Brasileira do Biodiesel e Bioquerosene (UBRABIO). O encontro reuniu representantes da indústria, governo e academia para discutir avanços tecnológicos, rastreabilidade e substituição de combustíveis fósseis. ■



Da esquerda para a direita: O professor da UFG, **José Henrique Stringhini**, o chefe Geral da Embrapa Suínos e Aves, **Everton Krabbe**, o professor da UFV, **Horacio Rostagno** e o professor da UFMG, **Bruno Silva**



Não é só genética,
é ter com quem contar.

ENCONTRO EMPRESARIAL PROMOVIDO PELA COBB-VANTRESS REÚNE ALTA LIDERANÇA DO SETOR AVÍCOLA PARA AVALIAREM OPORTUNIDADES

O EVENTO CONSOLIDOU-SE COMO UM **ESPAÇO FUNDAMENTAL PARA A ATUALIZAÇÃO TÉCNICA**, A TROCA DE EXPERIÊNCIAS E A APRESENTAÇÃO DE INOVAÇÕES QUE IMPULSIONAM A EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA AVÍCOLA

GIOVANA DE PAULA
giovana@dc7comunica.com.br

A Cobb realizou no último mês de maio em Atibaia, no Interior de São Paulo, o Encontro Empresarial 2026. O evento reuniu a alta liderança do setor avícola de toda a América Latina para discutirem temas como tendências, desafios e oportunidades do mercado.

Durante o evento, os temas que movem o setor e estiveram em pauta foram tendências e inovação, tecnologia aplicada à produção, desafios e oportunidades do mercado e sustentabilidade e eficiência.

O Encontro Empresarial promovido pela Cobb consolidou-se como um espaço fundamental para a atualização técnica, a troca de experiências e a apresentação de inovações que impulsionam a evolução da indústria avícola.

O economista Alexandre Mendonça de Barros apresentou o tema "Tendências e Desafios do Agronegócio Brasileiro". A análise sobre o uso da Inteli-

gência Artificial como uma tecnologia estrutural e como alicerce para o futuro foi um dos destaques com Everton Gubert, CEO da Agriness. E, fechando o primeiro dia, Jesus Arango, diretor global de Pesquisa e Desenvolvimento da Cobb, trouxe ao evento o futuro da Genética e novos produtos.

Na abertura do segundo e último dia do Encontro, o ex-ministro da Agricultura Antônio Cabrera apresentou uma visão global do agronegócio.

No painel "Sucessão Familiar", Hugo Garrote (São Salvador), Rafaela Botazari (Jaguafrangos), Rafael Tortola (GTF), Carlos Zanchetta (Zanchetta) e Maurício Mazurek (Pluma) avaliaram os desafios da transição de comando empresarial. Luis Rua, do Ministério da Agricultura, debateu os desafios do mercado internacional.

No painel de Mercados, estiveram presentes Will Sawyer (mercado norte-americano), Sandy Irawan (mercado asi-

ático), Christine Maziero (mercado europeu), Dilvo Casagrande (mercado brasileiro), com a moderação de Estevão Carvalho, da Associação Brasileira de Proteína Animal. Ao final, o tema "Brasil, Comércio Internacional e Competitividade Global" foi o tema de Marcos Troyjo, economista, sociólogo e diplomata.

Segundo Cassiano Bevilaqua, diretor-associado de Marketing e Serviço Técnico da Cobb-Vantress para a América Latina, o Encontro Empresarial Cobb foi idealizado para conectar as principais lideranças da avicultura em um ambiente estratégico de alto nível, voltado à geração de valor, troca de experiências e construção de soluções para o futuro do setor. "Ao reunir executivos e tomadores de decisão da indústria, o evento fortalece discussões sobre desafios, oportunidades e tendências que impulsionam uma avicultura cada vez mais eficiente, competitiva e inovadora", destacou. ■



40 anos e contando.

Uma matriz de frango de corte confiável em todo o mundo há 40 anos.

Reconhecida por sua eficiência, uniformidade, consistência e adaptabilidade - e continua evoluindo.

Fale com seu representante de vendas Cobb para saber mais sobre como o Cobb500 corresponde a sua estratégia.

Acesse para saber mais:



Cobb500™

JEJUM PÓS-ECLOSÃO EM PINTOS DE CORTES

PESQUISADORES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
AVALIAM ASPECTOS TÉCNICOS **QUE TÊM FEITO A DIFERENÇA**
ENTRE O LUCRO E O PREJUÍZO NA AVICULTURA

GIOVANA DE PAULA
giovana@dc7comunica.com.br

O jejum pós-eclosão não tem sido mais subestimado. Pelo contrário, hoje é possível observar uma superestimação de efeitos negativos do jejum sobre o desenvolvimento inicial dos pintos. Segundo o médico veterinário Henrique Carneiro Lobato, o que tem sido subestimado é o ambiente de processamento e transporte dos pintos. “Em condições erradas de temperatura e umidade podem contribuir para provocar efeitos negativos nos pintos, principalmente relacionados aos processos de desidratação”, destaca.

Lobato faz parte de um grupo de pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais que tem desenvolvido estudos sobre jejum hídrico e alimentar em pintos de corte há alguns anos, frequentemente associando esse desafio a fatores como idade das matrizes e acesso precoce à ração e água na caixa de transporte ou ainda no nascedouro.

O estudo é coordenado pelo Professor Itallo Conrado Sousa Araújo. Com base em resultados obtidos e em achados de outros grupos de pesquisa, Araújo explica que o jejum de até 48 horas não apresenta efeitos negativos consistentes sobre o desenvolvimento inicial dos pintos, ganho de peso ou conversão alimentar ao abate. “Entretanto, períodos superiores a 48 horas já podem resultar em atraso na absorção do saco da gema, desidratação, pior desempenho inicial e aumento da mortalidade”, aponta. “Além disso, um dos nossos estudos demonstrou que é possível alojar pintos de corte até 72 horas pós-eclosão sem efeitos negativos sobre o desempenho final, desde que o dia do alojamento seja considerado como o primeiro dia de idade para avaliação zootécnica”, diz.

Na prática, segundo ele, isso significa que, ao fornecer o mesmo tempo total de criação na granja, os pin-





tos submetidos a maiores períodos entre incubatório e alojamento podem alcançar peso de abate semelhante ao de pintos alojados com 24 ou 48 horas pós-eclosão. “Entretanto, esses dias adicionais de permanência na granja podem não ser bem aceitos pela logística das empresas produtoras de carne de frango e, muitas vezes, também representam um desafio operacional e econômico para os produtores rurais. Nesse caso, a alimentação/hidratação nas caixas de transporte pode ser uma solução interessante”, pontua.

O QUE É MAIS CRÍTICO NO TRANSPORTE: TEMPO, TEMPERATURA OU HIDRATAÇÃO?

A temperatura é provavelmente o fator mais crítico no transporte de pintos de corte, pois influencia diretamente a desidratação, o metabolismo e a sobrevivência das aves, explica Henrique Carneiro Lobato. De acordo com ele, durante o transporte, especialmente em períodos prolongados que podem chegar a 48 horas entre incubatório, espera e alojamento, a manutenção de um microclima adequado é essencial. “De forma geral, recomenda-se que a temperatura do caminhão permaneça em torno de 24 a 28°C, permitindo que a temperatura dentro das caixas se mantenha próxima da faixa de conforto dos pintos (32°C)”, afirma. “Quando a temperatura é inadequada, mesmo em tempos curtos de transporte, ocorre aumento da perda hídrica e do estresse fisiológico, agravando os efeitos negativos. Assim, tempo, hidratação e temperatura estão interligados, mas o controle térmico adequado é o principal fator para minimizar perdas e preservar a qualidade dos pintos ao alojamento”, diz.

ANÁLISE SOBRE DIETAS PRÉ-INICIAIS. As dietas pré-iniciais costumam apresentar elevado teor proteico, ingredientes de maior digestibilidade e processamento diferenciado, como a peletização ou extrusão. Esses fatores aumentam o custo da ração, porém o consu-

mo nessa fase é relativamente baixo quando comparado às demais fases de criação, reduzindo o impacto econômico total sobre o lote. Henrique Carneiro Lobato explica que quando ofertadas ainda no transporte ou durante o período de espera para o alojamento, essas dietas podem representar uma estratégia importante para manutenção da hidratação, estímulo ao desenvolvimento gastrointestinal e antecipação do contato da ave com a dieta que encontrará na granja. “O tempo de processamento e transporte deve ser considerado nessa avaliação, principalmente em situações de jejum prolongado. Outro ponto extremamente relevante está associado à idade das matrizes. Em um de nossos trabalhos (Cardeal et al., 2021), demonstramos que pintos oriundos de matrizes jovens (29 semanas) sofrem mais durante períodos prolongados de espera e transporte (48 h) quando comparados a pintos de matrizes mais velhas (55–59 semanas). Esses pintos apresentaram maior perda de peso, menor desenvolvimento intestinal e maior sensibilidade ao jejum”, destaca. Entretanto, segundo ele, o fornecimento de dieta pré-inicial ainda nas caixas de transporte reduziu parte desses efeitos negativos, melhorando o desenvolvimento da mucosa intestinal, reduzindo a perda de peso e aumentando a viabilidade das aves até o abate. “Além disso, os autores observaram que os pintos de matrizes jovens consumiram aproximadamente 40% mais ração durante o período de espera, evidenciando maior demanda metabólica e dependência do acesso precoce ao alimento. Assim, embora as dietas pré-iniciais representem um custo adicional, seu uso pode ser economicamente justificável em condições de maior desafio, como longos períodos de transporte, atrasos de alojamento e, principalmente, para pintos oriundos de matrizes jovens”, afirma.

Soluções hidratantes no transporte: tendência ou necessidade: segundo Lobato não são tendência re- ►

cente, mas sim tecnologias já existentes há mais de 20 anos, que passam por ciclos de adoção no setor. “Possuem aplicação prática e podem ser úteis em condições específicas, principalmente focadas no bem-estar animal. Mas devem ser utilizadas de forma estratégica, pensando na rentabilidade e não como solução universal para problemas de logística das empresas”, afirma.

“PONTO DE NÃO RETORNO” PARA PERDA DE DESEMPENHO NESSA FASE.

Segundo os pesquisadores, não existe um “ponto de não retorno” absoluto bem definido pela literatura dentro das primeiras 72 horas pós-eclosão. Nesse período, muitos trabalhos demonstram que os pintos ainda apresentam importante capacidade de recuperação, principalmente quando o manejo subsequente é adequado. “Entretanto, após esse período, torna-se mais evidente a perda gradual de desempenho potencial, associada a alterações intestinais, desidratação, maior consumo das reservas corporais e redução da viabilidade”, afirma Lobato. “Além disso, a capacidade de recuperação dessas aves depende diretamente das condições encontradas após o alojamento. Existe hoje um entendimento relativamente consolidado no nosso grupo de pesquisa de que é preferível manter os pintos por algumas horas ou até um dia adicional em condições controladas no incubatório do que alojá-los em uma granja despreparada”, destaca. Um galpão frio, segundo o especialista, com cama inadequada, falhas no aquecimento, ambiência deficiente, vazio sanitário insuficiente ou problemas sanitários pode causar impactos muito mais severos do que um atraso moderado no alojamento realizado sob temperatura e ventilação adequadas. “Na prática, o prejuízo econômico de um lote alojado em condições inadequadas frequentemente é maior do que o de um lote que permaneceu mais tempo no incubatório/transporte aguardando condições ideais de recebimento. Nesse contexto, torna-se importante discutir também o papel estrutural dos incubatórios modernos, que deveriam ser planejados com áreas de espera e expedição capazes de acomodar as aves em situações emergen-



Henrique Carneiro Lobato, médico veterinário: “Em condições erradas de temperatura e umidade podem contribuir para provocar efeitos negativos nos pintos, principalmente relacionados aos processos de desidratação”.

ciais ou de atraso logístico, garantindo controle térmico, ventilação e boas condições de bem-estar até que as granjas estejam realmente preparadas para receber os pintos”, pontua.

O QUE ESPERAR DO FUTURO DOS MANEJOS DE ALIMENTAÇÃO E HIDRATAÇÃO PRÉ-ALOJAMENTO.

O futuro dos manejos de alimentação e hidratação pré-alojamento provavelmente estará cada vez mais associado ao conceito de “early feeding”, com maior atenção ao bem-estar dos pintinhos ainda nas primeiras horas pós-eclosão, aponta Lobato. Nos últimos anos, principalmente no continente europeu, ele destaca que têm avançado estratégias focadas na oferta de ração e água ainda dentro do incubatório, diretamente nas bandejas de nascedouro ou em sistemas específicos de alojamento temporário. Países como a Holanda vêm discutindo e implementando regulamentações mais rigorosas relacionadas ao tempo de jejum pós-eclosão e às condições de espera e transporte dos pintos, impulsionando mudanças importantes na indústria de incubação. Nesse cenário, algumas empresas do setor já desenvolveram incubadoras e sistemas de nascedouro com oferta automática de água e alimento, buscando reduzir o estresse inicial e melho-



Itallo Conrado Sousa Araújo, Professor da Universidade Federal de Minas Gerais: “É possível alojar pintos de corte até 72 horas pós-eclosão sem efeitos negativos sobre o desempenho final, desde que o dia do alojamento seja considerado como o primeiro dia de idade para avaliação zootécnica”.

rar as condições de bem-estar animal.

De acordo com o Professor Itallo Conrado Sousa Araújo, o grupo de pesquisa recentemente avaliou essa temática por meio de uma dissertação de mestrado e observou redução nos níveis de corticosterona em pintos oriundos de nascedouros com disponibilidade de ração e água, indicando menor resposta fisiológica ao estresse. “Entretanto, não foram encontrados efeitos positivos duradouros sobre desempenho zootécnico ou desenvolvimento das aves ao longo da criação”, afirma.

Esses resultados sugerem que, do ponto de vista de bem-estar animal, o fornecimento precoce de alimento e água pode fazer sentido e representar um avanço importante para a cadeia produtiva. “Por outro lado, sob a perspectiva estritamente produtiva, os pintos submetidos ao jejum controlado nas primeiras horas pós-eclosão também não apresentaram prejuízos consistentes de desenvolvimento quando posteriormente manejados em condições adequadas. Assim, o futuro dessa área provavelmente envolverá um equilíbrio entre produtividade, logística, custos e, principalmente, as crescentes demandas relacionadas ao bem-estar animal e à sustentabilidade dos sistemas de produção”, finaliza. ■



RECUPERAÇÃO DE PASTAGENS É CAMINHO PARA TRANSFORMAR POTENCIAL PECUÁRIO BRASILEIRO EM RESULTADOS

LEONEL ALMEIDA

A recuperação de áreas de pastagens degradadas ocupa hoje uma posição estratégica para o futuro da agropecuária brasileira. Mais do que uma oportunidade de ampliar produtividade, trata-se de uma agenda capaz de conectar competitividade, sustentabilidade e desenvolvimento econômico sem a necessidade de expansão sobre novas áreas.

Nesse contexto, o lançamento do Programa Caminho Verde Brasil representa um avanço importante ao estabelecer a meta de recuperar até 40 milhões de hectares em dez anos. A iniciativa reforça uma visão cada vez mais consolidada: aumentar a eficiência produtiva e reduzir impactos ambientais precisam caminhar juntos.

No entanto, transformar ambição em resultados concretos exige mais do que metas robustas. É justamente com esse objetivo que a Mesa Brasileira da Pecuária Sustentável elaborou um conjunto de recomendações voltadas ao aprimoramento da política pública, buscando contribuir para sua efetividade no campo e ampliar sua capacidade de gerar impactos positivos.

O documento reconhece avanços relevantes da proposta, especial-

mente por integrar produção, clima e uso responsável da terra. Também destaca sua convergência com iniciativas já existentes, como o Plano ABC+, além do potencial para fortalecer mecanismos capazes de mobilizar investimentos públicos e privados.

Ao mesmo tempo, alguns desafios precisam ser enfrentados para que o programa alcance sua dimensão transformadora. A ausência de definições mais claras sobre conceitos centrais, como o que caracteriza uma pastagem degradada ou quais práticas sustentáveis poderão ser consideradas, pode gerar insegurança e dificultar a implementação.

Outro ponto relevante diz respeito ao acesso aos instrumentos de apoio. Pequenos e médios produtores precisam estar inseridos nessa jornada. Caso contrário, há o risco de concentrar benefícios e limitar o alcance da iniciativa. Crédito acessível, assistência técnica estruturada e regras transparentes serão fatores determinantes para ampliar a adesão.

Também existe uma oportunidade importante relacionada ao financiamento climático. A criação de mecanismos que aproximem produtores e compradores ao longo da cadeia, ali-

nhados a metas de descarbonização e reconhecimento dos ganhos ambientais gerados, pode abrir novas fontes de recursos e estimular investimentos.

A recuperação de pastagens tem potencial para ser um dos principais motores da transformação sustentável da pecuária brasileira. Para isso, é fundamental que políticas públicas sejam construídas de forma colaborativa, com diálogo permanente, previsibilidade e condições adequadas para quem está no campo. O desafio agora é garantir que esse potencial se traduza em resultados efetivos e inclusivos. ■



Leonel Almeida, membro
da Comissão Executiva da Mesa
Brasileira da Pecuária Sustentável

ESPECIAL



AOS 90 ANOS, CASP REFORÇA PIONEIRISMO, TECNOLOGIA E COMPROMISSO COM O FUTURO DO AGRO

EMPRESA DESTACA SUA RESILIÊNCIA, EVOLUÇÃO CONTÍNUA E CAPACIDADE
DE ACOMPANHAR AS TRANSFORMAÇÕES DO CAMPO **DESDE 1936**

GIOVANA DE PAULA

giovana@dc7comunica.com.br

Fundada em 1936, a CASP celebra 90 anos de trajetória em 2026 como pioneira e referência no agronegócio brasileiro. Sediada em Amparo, no interior paulista, a empresa atua no fornecimento de equipamentos para produção de proteína animal e armazenagem de grãos.

Ao longo de sua história, a CASP se destacou por acompanhar de perto a evolução do campo, transformando as necessidades do produtor em soluções tecnológicas concretas e eficientes.

Mais do que uma data comemorativa, os 90 anos representam a soma de gerações de colaboradores, clientes, representantes e parceiros que ajudaram a construir a CASP. Para a empresa, celebrar esse marco é reconhecer o passado e, ao mesmo tempo, renovar o compromisso com o futuro do agronegócio brasileiro.

Segundo o CEO da CASP, Alexandre Tessi, a CASP acompanhou a modernização do agronegócio brasileiro estando próxima das transforma-

ções do campo, da indústria e das cadeias produtivas de alimentos. “Ao longo dessas nove décadas, o agronegócio deixou de ser uma atividade predominantemente manual e regional para se tornar um dos setores mais tecnificados, competitivos e estratégicos do país”, afirma.

“Nesse processo, a CASP evoluiu junto com seus clientes. Ampliou sua capacidade industrial, desenvolveu soluções mais eficientes, incorporou novas tecnologias aos seus produtos ►



A full-page photograph of Anelise Marchini Marques and Alexandre Tessi standing in a large industrial warehouse. They are both wearing dark blue long-sleeved shirts with the CASP logo. Anelise is on the left, wearing glasses and a patterned scarf. Alexandre is on the right, wearing glasses and has his arms crossed. The background shows high industrial shelving and equipment.

Anelise Marchini
Marques, Presidente
do Conselho da CASP
e Alexandre Tessi,
CEO da empresa

PRINCIPAIS MARCOS E ATUAÇÃO

• História e Pioneirismo

Fundada em 1936, em um Brasil ainda predominantemente agrícola, a CASP consolidou sua posição ao longo das décadas ao transformar conhecimento técnico em soluções para o campo, evoluindo de uma empresa local para uma referência nacional no desenvolvimento do agronegócio.

• Portfólio de Produtos

A CASP fornece soluções para armazenagem de grãos e para a produção de proteína animal. No segmento de armazenagem, desenvolve e produz sistemas para pós-colheita, incluindo silos, secadores, transportadores e demais equipamentos que compõem projetos completos de armazenagem. Já no segmento de proteína animal, fabrica soluções como silos para ração, exaustores, comedouros e bebedouros de alta performance, voltados especialmente à avicultura e à suinocultura.

• Foco no Futuro

Ao atingir nove décadas, a CASP reforça seu compromisso com a eficiência produtiva, a segurança alimentar e a inovação, mantendo a tradição de estar sempre ao lado de quem produz.

• Estrutura

Com engenharia, produção e processos industriais em constante modernização, a CASP mantém o foco na modernização dos processos de armazenagem e produção de proteína animal, atuando como um pilar de tecnologia no agronegócio.



e adaptou seus sistemas às novas exigências de produtividade, biossegurança, rastreabilidade, armazenagem e eficiência operacional”, pontua.

Segundo ele, na armazenagem de grãos, a CASP acompanhou o crescimento da produção brasileira oferecendo estruturas cada vez mais robustas, seguras e customizadas. “Na avicultura e na suinocultura, contribuímos com equipamentos que apoiam a produção de proteína animal em escala, com mais controle, eficiência e qualidade”, diz. “A CASP sempre buscou entender as necessidades do produtor, da agroindústria e das cooperativas, transformando essas demandas em soluções aplicadas à realidade do campo brasileiro”, afirma.

Alexandre Tessi destaca ainda que a CASP tem uma contribuição relevante para o desenvolvimento do agronegócio brasileiro porque atua em pontos fundamentais da cadeia alimentar: a armazenagem de grãos e a produção de proteína animal.

“Ao fornecer soluções para armazenagem, a empresa contribui para reduzir perdas, preservar a qualidade dos grãos, melhorar a logística da produção e dar mais segurança ao produtor, às cooperativas e às agroindústrias. Em um país com safras cada vez maiores, armazenar bem é tão estratégico quanto produzir bem”, afirma.

No segmento de proteína animal, a CASP atua na avicultura e suinocultura com soluções que otimizam a produção, contribuem pa-

ra o bem-estar animal, fortalecem a biossegurança e ampliam a capacidade de abastecimento do mercado.

De acordo com a Presidente do Conselho da CASP, Anelise Marchini Marques, essa capacidade de ouvir o produtor, compreender sua realidade e entregar respostas práticas fez da CASP uma parceira do desenvolvimento rural brasileiro ao longo de gerações.

“Dessa forma, a CASP participa diretamente da construção de um agronegócio mais produtivo, mais competitivo e mais preparado para alimentar o Brasil e o mundo. Esse impacto vai além do produto: está na geração de empregos, no desenvolvimento industrial, na presença em diferentes regiões do país e na contribuição para a segurança alimentar”, destaca.

A CASP vive atualmente um novo ciclo de gestão profissionalizada, no qual a condução do negócio passou a ser liderada pelo CEO Alexandre Tessi, em conjunto com a diretoria executiva e uma equipe profissional, com foco em governança, eficiência operacional, integração entre áreas, modernização dos processos e visão de longo prazo.

Para os próximos anos, a CASP pretende fortalecer sua presença comercial em regiões estratégicas, ampliar a eficiência dos processos internos, investir em modernização industrial, desenvolver novas soluções e aprimorar a integração entre áreas. A meta é crescer com consistência, mantendo a confiabilidade construída ao longo de nove décadas.

SOLUÇÕES INTEGRADAS

AO LONGO de sua trajetória, a CASP desenvolveu e aprimorou diversas soluções voltadas à armazenagem de grãos e à produção de proteína animal. Entre as principais inovações estão a evolução dos sistemas de armazenagem metálica, silos, secadores, transportadores e máquinas de limpeza. Na proteína animal, destacam-se equipamentos voltados à ambiência, alimentação, manejo e automação para aves e suínos.

Mais do que produtos isolados, a CASP avançou na oferta de soluções integradas. Isso significa projetar sistemas considerando a realidade de cada cliente: capacidade produtiva, localização, logística, clima, fluxo operacional, expansão futura e eficiência do investimento.

Nos últimos anos, a empresa também intensificou investimentos em modernização fabril, como novos equipamentos industriais, processos de pintura, corte, fabricação e controle de qualidade. Essas melhorias aumentam a precisão, a padronização e a durabilidade dos produtos.

Outro ponto importante é a digitalização dos processos internos. A empresa vem evoluindo no uso de sistemas de gestão, melhoria dos fluxos entre áreas, organização de dados, automação e aplicação de inteligência artificial para ganhar eficiência, previsibilidade e qualidade nas entregas.

A sustentabilidade também faz parte dessa evolução. Na armazenagem, soluções adequadas contribuem para reduzir perdas pós-colheita, preservar a qualidade dos grãos e melhorar a eficiência logística. Na proteína animal, os equipamentos apoiam sistemas produtivos mais eficientes, com melhor controle ambiental, biossegurança e uso racional de recursos. ■



SALÃO INTERNACIONAL
DE PROTEÍNA ANIMAL
— SIAVS —

**INSCRIÇÕES
ABERTAS**



siavs.com.br

FEIRA E CONGRESSO

SIAVS

2026

BRASIL | SÃO PAULO
04 A 06 DE AGOSTO DE 2026

AVICULTURA • SUINOCULTURA • BOVINOCULTURA • PEIXES DE CULTIVO • OUTROS

✉ siavs@abpa-br.org

☎ +55 11 3095-3120

ORGANIZAÇÃO:

ABPA
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE PROTEÍNA ANIMAL

PATROCINADORES



APOIO INSTITUCIONAL



SUINOCULTURA BRASILEIRA BUSCA NOVO SALTO COM CONSUMO EM ALTA, EXPORTAÇÕES DIVERSIFICADAS E MUDANÇA NA PERCEPÇÃO DO CONSUMIDOR

ENQUANTO AMPLIA SUA PRESENÇA NOS MERCADOS INTERNACIONAIS, A CADEIA SUÍNICA TRABALHA PARA CONSOLIDAR O CONSUMO INTERNO E REPOSICIONAR A CARNE SUÍNA **COMO UMA PROTEÍNA VERSÁTIL, ACESSÍVEL E ALINHADA ÀS DEMANDAS DO CONSUMIDOR MODERNO**

KEVIN NASCIMENTO

kevin@dc7comunica.com.br

A suinocultura brasileira atravessa um momento de transformação. Se há pouco mais de uma década o setor concentrava esforços na expansão da produção e na abertura de mercados externos, hoje o desafio é mais amplo: manter o crescimento das exportações, equilibrar a oferta interna e, ao mesmo tempo, fortalecer a presença da carne suína na mesa dos brasileiros.

Os números ajudam a explicar esse cenário. O Brasil consolidou sua posição entre os principais exportadores mundiais de carne suína e ampliou significativamente a diversificação dos destinos de embarque. Paralelamente, o consumo doméstico avançou de forma consistente, impulsionado por mudanças no comportamento dos consumidores, pela evolução dos sistemas produtivos e por um trabalho crescente de aproximação com o varejo.

Para Iuri Pinheiro Machado, consultor de mercado da Associação Brasileira dos Criadores de Suínos (ABCS), a cadeia vive um momento de amadurecimento tanto no mercado externo quanto no interno. “Nós éramos muito dependentes da China, já não somos

mais. Conseguimos estruturar bem esse mercado de exportação. E, no mercado doméstico, já ultrapassamos a marca de 20 quilos per capita ao ano, principalmente nos últimos anos, com uma consolidação do consumo regular na mesa do consumidor”, afirma.

Segundo ele, a evolução do setor vai além dos números de produção e exportação. O avanço das boas práticas de criação, do bem-estar animal e do uso responsável de antimicrobianos tem aproximado a cadeia das exigências de um consumidor cada vez mais atento à forma como os alimentos são produzidos. “A suinocultura brasileira evoluiu muito em questões relacionadas ao bem-estar animal e ao uso responsável de antimicrobianos. Isso atende diretamente às expectativas do consumidor, especialmente do consumidor mais jovem, que tem exigências que vão além da qualidade e do preço”, destaca.

Esse movimento acompanha uma tendência observada em diversos mercados ao redor do mundo. O consumidor atual busca informações sobre origem, rastreabilidade, sustentabilidade e qualidade nutricional dos alimentos. Nesse contexto, a carne suína passa a disputar espaço não apenas

pelo preço, mas também por atributos relacionados à conveniência e à saúde.

A mudança de percepção é um dos fatores que ajudam a explicar a evolução do consumo interno. Durante muitos anos, a proteína enfrentou preconceitos associados a questões sanitárias e nutricionais que já não refletem a realidade da produção moderna. “Hoje existe um apelo maior pelas proteínas. As carnes deixaram de ter aquela imagem ruim e passaram a estar associadas à saúde e à boa nutrição. A proteína suína entra como uma opção relativamente barata, de alta qualidade e sabor”, avalia Iuri.

Ele observa ainda que a variedade de cortes, a praticidade oferecida pelo varejo e a adequação da proteína a diferentes perfis de consumidores ampliam o potencial de crescimento do mercado brasileiro. “Ela atende atletas, idosos, crianças e consumidores das mais variadas faixas etárias. Além disso, é uma carne cada vez mais acessível não apenas pelo preço, mas também pela forma como chega ao consumidor”, afirma.

Se a cadeia produtiva conseguiu evoluir em tecnologia, genética e produtividade, outro desafio ganhou importância nos últimos anos: a comunicação.

Lívia Machado, estrategista de mer-

cado, marketing e posicionamento no agronegócio, avalia que o consumidor atual não responde mais aos modelos tradicionais de comunicação utilizados pelo setor no passado. “As mudanças que percebemos estão relacionadas à agilidade, à praticidade e às dúvidas sobre saúde. Hoje os consumidores querem construir a marca com a gente. Eles não querem apenas que a gente diga o que fazer. Eles querem entender por que aquela proteína é importante para a saúde e para a alimentação da família”, explica.

Marcelo Lopes,
presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Suínos (ABCS)

Na avaliação da especialista, o crescimento do consumo passa necessariamente pela capacidade da cadeia de dialogar com as novas demandas da sociedade. “Identificando tudo isso, aprendemos a construir essa comunicação junto com o consumidor”, afirma.

Essa transformação tem levado o setor a enxergar o varejo como um parceiro estratégico. Mais do que um espaço de comercialização, supermercados e açougues passaram a ser considerados pontos fundamentais de contato entre a cadeia produtiva e o consumidor final. “Hoje nós mostramos ao varejo que a carne suína é uma oportunidade. É uma proteína versátil, saborosa e, sobretudo, com excelente custo-benefício. Não queremos ocupar o espaço de outras proteínas, mas agregar e mostrar que ela pode estar presente tanto no dia a dia quanto em ocasiões especiais”, destaca Livia.

A executiva acredita que a valorização do conceito de proteína na alimentação moderna abre novas oportunidades para a cadeia. Segundo ela, a busca por alimentos ricos em proteína ganhou força nos últimos anos, impulsionada por temas como qualidade de vida, longevidade e bem-estar. “A busca por proteína cresceu muito. Quando mostramos que a carne suína pode ser uma fonte acessível, versátil e adequada a diferentes momentos da alimentação, conseguimos nos aproximar mais do consumidor”, afirma.

Apesar dos avanços, o setor ainda enfrenta desafios importantes. O crescimento da produção e os ganhos de produtividade trouxeram uma questão que preocupa parte da cadeia: o equilíbrio entre oferta e demanda.



Para Marcelo Lopes, presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Suínos (ABCS), a competitividade da

suinocultura brasileira é inquestionável, mas o excesso de oferta continua sendo um dos principais pontos de atenção. “A suinocultura brasileira tem uma sanidade incrível, é altamente tecnificada e está abrindo mercados no mundo inteiro. Nosso grande problema neste momento não é sanitário. O principal desafio é o excesso de oferta”, afirma.

Segundo ele, os avanços genéticos e tecnológicos aumentaram significativamente a capacidade produtiva do setor, exigindo cada vez mais planejamento para evitar desequilíbrios de mercado. “A produção aumenta, o número de matrizes aumenta e isso gera uma oferta maior. Precisamos administrar esse crescimento para manter a sustentabilidade econômica da atividade”, explica.

Além disso, questões relacionadas à tributação e ao custo dos investimentos continuam no radar dos produtores. “Nós também temos preocupações com a questão tributária e com os juros elevados para novos investimentos. São fatores que exi-

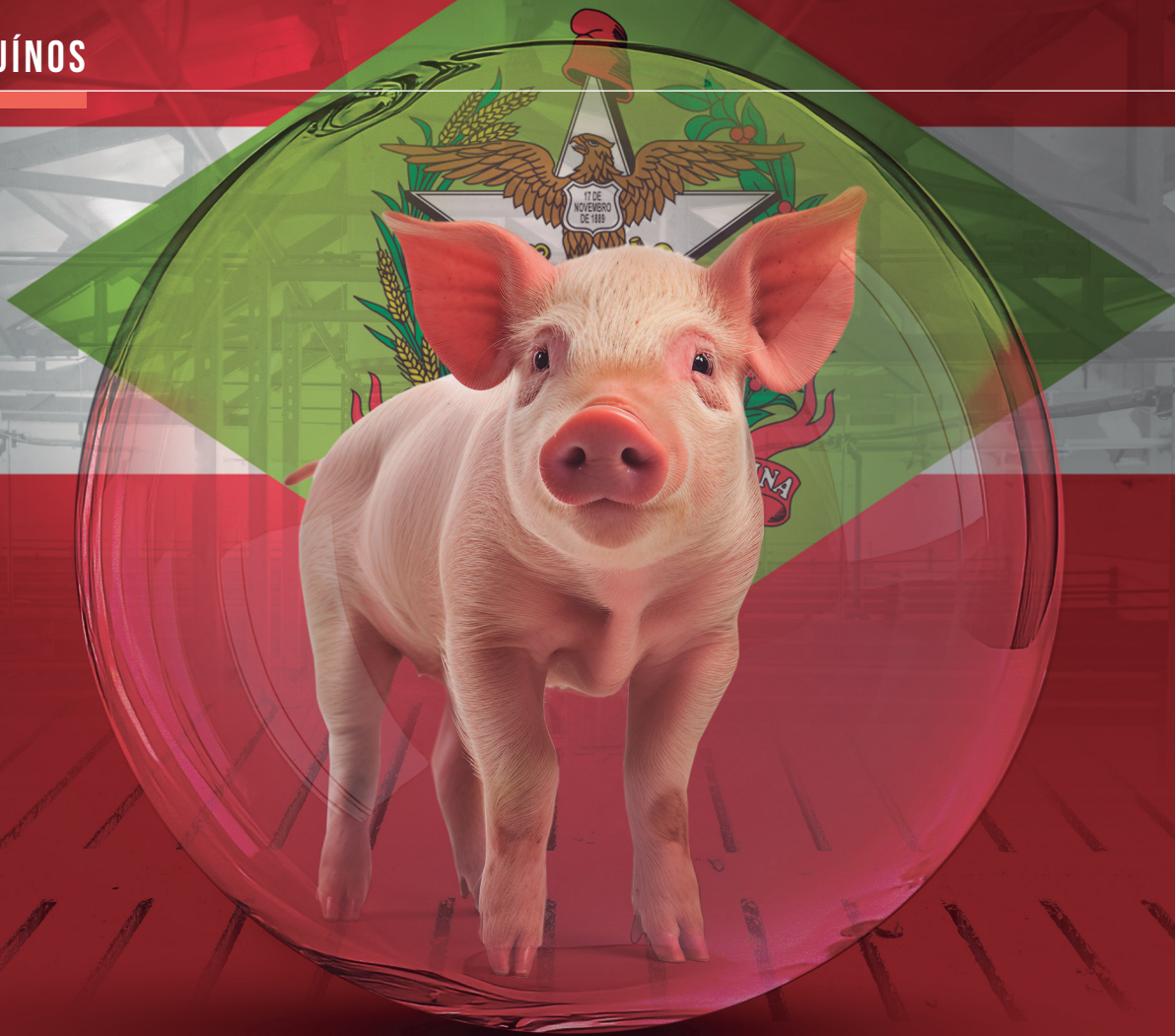
Livia Machado,
estrategista de mercado, marketing e posicionamento no agronegócio

Luri Pinheiro Machado, consultor de mercado da Associação Brasileira dos Criadores de Suínos (ABCS)

gem atenção da cadeia”, observa.

Mesmo diante desses desafios, o presidente da ABCS mantém uma visão positiva sobre o futuro da atividade. Para ele, a combinação entre qualidade, tecnologia e informação tende a impulsionar novos avanços no consumo interno. “Nós temos preço, qualidade e uma produção extremamente eficiente. O que precisamos continuar fazendo é levar informação para a população e desmistificar a carne suína. Quando isso acontecer de forma cada vez mais ampla, vamos continuar batendo recordes de consumo per capita”, afirma.

Entre oportunidades e desafios, a suinocultura brasileira já demonstrou capacidade para ampliar sua presença global, o próximo passo passa pela construção de uma relação cada vez mais próxima com o consumidor, afirma Lopes. “Em um mercado no qual qualidade, informação e confiança ganham peso crescente nas decisões de compra, produzir bem continua sendo fundamental. Mas comunicar bem aquilo que é produzido pode ser o diferencial que definirá os próximos capítulos da cadeia suinícola nacional”, conclui. ■



SUINOCULTURA CATARINENSE REFORÇA MEDIDAS SANITÁRIAS

A **BIOSSEGURIDADE** GANHA PROTAGONISMO NAS GRANJAS DE SANTA CATARINA

GIOVANA DE PAULA

giovana@dc7comunica.com.br

A suinocultura de Santa Catarina vive um momento de reforço nas medidas sanitárias, com a biosseguridade ganhando protagonismo nas granjas do estado. Mais do que uma exigência técnica, especialistas apontam que o conjunto de práticas é essencial para garantir a sustentabilidade da atividade e proteger um dos setores mais relevantes da economia catarinense.

Para a presidente da Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc), Celles Regina de Matos, a biosseguridade traz ganhos a todos, fortalecendo a suinocultura catarinense. “A biosseguridade já existe em Santa Catarina. A cadeia produtiva precisa que a sanidade esteja presente em todas as etapas”, afirma a presidente Celles.

A presidente da Cidasc destaca ainda que o auxílio que o Gover-

no do Estado criou ajuda o setor a reforçar as medidas de biossegurança. “A melhoria da sanidade permitirá ao produtor adequar sua produção, melhorar sua produtividade e ter garantia da perenidade de seu negócio, além de contribuir com o fortalecimento da nossa suinocultura, que é a que mais exporta no Brasil”, lembra Celles Regina de Matos.

Segundo Luciane Surdi, Conselheira do Instituto Catarinense de Sanidade Agropecuária (ICASA), a biossegurança envolve ações voltadas a impedir a entrada e a disseminação de agentes causadores de doenças no plantel suíno. “Uma doença pode entrar pelo detalhe que foi ignorado”, alerta. Para ela, o tema delimita a diferença entre uma produção segura e uma atividade exposta a prejuízos sanitários e econômicos.

Ela detalha que, com esse foco, entrou em vigor em novembro a Portaria SAPE 50, que estabelece normas operacionais para execução do Programa de Apoio às Medidas de Biossegurança na Produção Animal Catarinense. “A iniciativa busca padronizar procedimentos e elevar o nível de proteção nas propriedades rurais”, afirma. “O reforço nas regras ocorre em um cenário de atenção global a doenças como a Peste Suína Africana, a Peste Suína Clássica e a Doença de Aujeszky. Essas enfermidades têm alto potencial de impacto sanitário e econômico, podendo levar à perda total de plantéis e à imposição de barreiras comerciais”, destaca.

Na prática, segundo ela, a biossegurança reúne medidas como controle de acesso às granjas, manejo adequado dos animais e resíduos, limpeza e desinfecção frequentes, além do chamado vazio sanitário. Também inclui o controle rigoroso do trânsito de pessoas e veículos — pontos considerados críticos para evitar a contaminação. “As regras previstas na nova portaria já exigem mudanças simples, porém estratégicas, no dia a dia das propriedades. A troca de roupas e calçados antes de acessar as áreas de produção, a desinfecção de veículos, o controle de roedores e a restrição de visitas estão entre as ações obrigatórias. A qualidade da água fornecida aos animais também entra na lista de atenção”, avalia.



Celles Regina de Matos, presidente da Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc): a biossegurança traz ganhos a todos

Além dessas práticas, os produtores precisam investir em adequações estruturais, como instalação de cercas e portões, cuidados com a armazenagem da ração e destinação correta de carcaças. Para isso, o acompanhamento técnico é considerado indispensável, seja por meio de cooperativas, integradoras ou entidades de apoio, afirma a especialista.

Nesse contexto, o ICASA atua diretamente na orientação aos suinocultores, auxiliando na adaptação às novas exigências e na definição de estratégias sanitárias adequadas a cada região do estado. “A regulamentação prevê prazos de adaptação que variam entre 12 e 24 meses para granjas já existentes. Para viabilizar os investimentos necessários, foi criado o Programa Biossegurança Animal SC, que oferece linhas de crédito de até R\$ 70 mil por propriedade, com subvenção de até 40%, além de carência de um ano e pagamento parcelado”, explica.

Os produtores interessados podem buscar orientação junto à Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina, que atua no suporte técnico e na disseminação das práticas recomendadas. “A adoção rigorosa da biossegurança também está diretamente ligada à manutenção de mercados internacionais. Regiões com riscos sanitários enfrentam restrições comer-

ciais, enquanto estados com controle eficiente conseguem acessar mercados mais exigentes. Santa Catarina, reconhecida internacionalmente por seus padrões sanitários, depende dessa disciplina para preservar sua competitividade”, pontua.

Para especialistas, investir em biossegurança não deve ser visto como custo adicional, mas como uma estratégia de proteção da atividade. “Ao reduzir riscos, melhorar a produtividade e garantir acesso a mercados, as medidas se tornam um verdadeiro seguro para o produtor — essencial para a continuidade e expansão da suinocultura catarinense”, finaliza. ■

Luciane Surdi,
Conselheira
do Instituto
Catarinense
de Sanidade
Agropecuária
(ICASA)



TENDÊNCIAS GLOBAIS E SINAIS REGIONAIS MOLDANDO O GERENCIAMENTO DE RISCOS DE MICOTOXINAS – Q1 2026

POR DR. DANIEL MIRANDA

O risco de micotoxinas em 2026 não é uma questão de se haverá contaminação, mas de onde ela se concentra e quão severa será. Os dados de monitoramento global do primeiro trimestre confirmam que fumonisinas, deoxinivalenol e zearalenona continuam dominando o cenário de risco em diferentes regiões e ingredientes – com os subprodutos do milho emergindo como amplificadores críticos. O gerenciamento eficaz este ano dependerá da consciência regional, da precisão em nível de ingrediente e de decisões de mitigação mais rápidas.

O cenário das micotoxinas está em constante mudança, tornando o monitoramento oportuno uma parte essencial de programas eficazes de segurança e qualidade de rações. Em 2025, a Trouw Nutrition consolidou mais de 124.000 análises de micotoxinas em 47 países, e esse processo de monitoramento continua em 2026. Os primeiros meses de 2026 revelam um desafio global em evolução: análises de amostras do primeiro trimestre confirmam a persistência do risco de múltiplas micotoxinas, com padrões claros por região e por ingrediente. Zearalenona (ZEN) e deoxinivalenol (DON) continuam sendo as micotoxinas mais prevalentes, enquanto as fumonisinas (FUM) permanecem como o principal fator de intensidade da contaminação.

1. POR QUE OS DADOS DO Q1 2026 JÁ IMPORTAM PARA AS DECISÕES DE 2026

O programa global de monitoramento de 2025 demonstrou que o risco de micotoxinas é estrutural e não episódico, impulsionado por interações entre clima, origem da matéria-prima, processamento e condições de armazenamento. Os dados iniciais de 2026 reforçam essa conclusão e acrescentam uma nuance operacional: o gerenciamento eficaz depende menos da frequência da contaminação e mais da intensidade e da co-contaminação. À medida que as estratégias de formulação se adaptam rapidamente à volatilidade do mercado, os dados do início do ano já fornecem sinais acionáveis para definir prioridades de mitigação ao longo de 2026.

2. VISÃO GLOBAL: Q1 2026 EM PERSPECTIVA COM 2025

Globalmente, a prevalência observada das

“Big 6” micotoxinas no Q1 de 2026 foi a seguinte: ZEN 50%, DON 44%, FUM 30%, AFLA 28%, T-2 23% e OTA 10%. Os dados anuais de 2025 mostraram maior prevalência para essas mesmas micotoxinas, refletindo efeitos sazonais no início do ano. Ainda assim, a hierarquia relativa de risco permanece inalterada.

Em termos de intensidade de contaminação, o padrão é consistente:

- FUM continua sendo a micotoxina mais significativa (média de 766 ppb, com valores extremos superiores a 24.000 ppb)
- DON aparece em seguida (média de 436 ppb)
- ZEN mantém relevância constante (média de 54 ppb)

Os resultados do Q1 de 2026 confirmam uma mensagem-chave identificada em 2025: “FUM impulsiona desafios de alta intensidade em escala industrial, enquanto DON e ZEN sustentam o risco de exposição crônica.”

3. PONTOS CRÍTICOS NO NÍVEL DOS INGREDIENTES: ONDE O RISCO SE INTENSIFICA

Milho e coprodutos de milho

No Q1 de 2026, as análises globais de milho mostraram DON em 40%, FUM em 32% e ZEN em 35% das amostras, com os níveis de fumonisinas determinando a intensidade geral da contaminação. O desafio aumenta significativamente quando coprodutos de milho são incluídos:

- **DDGS de milho:** DON detectado em 83% das amostras (média de ~2.000 ppb) e ZEN em 85%
- **Farelo de glúten de milho:** FUM em 100%, DON em 96% e ZEN em 97% das amostras

Esses resultados reforçam uma tendência consistente destacada em 2025: os coprodutos da moagem e da produção de etanol são fortes amplificadores do risco de micotoxinas e exigem estratégias dedicadas de monitoramento e mitigação.

Farelo de soja

Mesmo ingredientes tradicionalmente considerados de menor risco requerem atenção. No Q1 de 2026, a ZEN foi detectada em 64% das amostras globais de fa-

relo de soja, demonstrando que a pressão por micotoxinas se tornou um desafio transversal nas formulações, não limitado apenas às fontes energéticas.

4. ALÉM DAS MICOTOXINAS “CLÁSSICAS”

Painéis analíticos expandidos baseados em LC-MS/MS continuam revelando alta ocorrência de micotoxinas emergentes, como eniatinas, beauvericina e alternariol, especialmente em amostras provenientes da União Europeia. No conjunto de dados apresentado, as eniatinas foram detectadas em 100% das amostras analisadas, reforçando sua ampla presença em condições comerciais. Esses achados confirmam que focar apenas em micotoxinas regulamentadas pode subestimar a real exposição biológica, especialmente quando perdas de desempenho permanecem sem explicação, apesar de níveis analíticos aparentemente aceitáveis.

África e Oriente Médio (Q1 2026)

A região apresenta um perfil de alta pressão de micotoxinas em milho e rações compostas, combinando forte risco de *Aspergillus* (AFLA) com ampla contaminação por *Fusarium* (DON, ZEN e FUM). A co-contaminação é frequente, indicando que sistemas de aves e suínos frequentemente operam sob um desafio significativo de múltiplas toxinas.

Destaques

- **Milho:** AFLA 78%, DON 81%, ZEN 73%
- **Ração para frangos de corte:** FUM 100% e ZEN 100%
- **Ração para leitões:** AFLA 100% e FUM 100%

Ásia-Pacífico (Q1 2026)

O perfil regional é claramente dominado por ZEN, com presença relevante de AFLA e FUM e um forte sinal de risco em milho. Esse padrão sugere que existe exposição crônica em cadeias produtivas dependentes de milho, reforçando a necessidade de estratégias contínuas de mitigação focadas nos ingredientes.

Destaques

- **Região (geral):** ZEN 79%, AFLA 42%, FUM, FUM 40%
- **Milho:** FUM 85%, ZEN 82%, AFLA 53%
- **Ração para aves:** ZEN detectado em 100% das amostras

Américas (Q1 2026)

As Américas apresentam um dos cenários de micotoxinas mais intensos do trimestre, com alta prevalência de DON, FUM e ZEN, fortemente amplificada por coprodutos de grãos, especialmente DDGS. Do ponto de vista prático, a gestão de risco deve ser orientada pelos ingredientes, com regras claras de escalonamento.

Destaques

- **Região (geral):** DON 85%, FUM 83%, ZEN 83%
- **Milho:** FUM 94%, DON 82%
- **DDGS:** DON 100% e FUM 100% (média aproximada de 1.900 ppb)

Europa (Q1 2026)

Apesar de apresentar menor prevalência geral de micotoxinas, a Europa mostra um risco crônico e frequentemente subestimado em sistemas específicos, particularmente silagens, dietas totais misturadas (TMR) e coprodutos de milho. Esse padrão destaca a importância de ampliar o monitoramento além dos grãos e considerar a exposição total da dieta.

Destaques

- **Região (geral):** DON 27%, FUM 16%, ZEN 35%
- **Silagens:** ZEN 75%, FUM 52%
- **TMR:** ZEN 90%, DON 70%

MENSAGEM FINAL

O primeiro trimestre de 2026 confirma o que as análises de 2025 já indicavam: as micotoxinas representam um risco global, mas o controle eficaz deve ser regional e específico por ingrediente. A vantagem competitiva em 2026 não virá de realizar mais testes, mas de testar de forma mais inteligente, reagir mais rapidamente e mitigar de maneira direcionada, especialmente onde prevalência e intensidade de contaminação convergem.

TRANSFORMANDO DADOS DE MICOTOXINAS EM SOLUÇÕES DE VALOR PARA A SUINOCULTURA

O monitoramento global de micotoxinas continua revelando que a alta prevalência de micotoxinas de *Fusarium* e a frequente co-contaminação das dietas comerciais representam um desafio persistente para a produção de suínos. Mesmo quando as concentrações analíticas são consideradas manejáveis, o impacto biológico cumulativo continua sendo uma importante fonte de perdas ocultas, especialmente em plantéis reprodutivos.

Nas operações com matrizes, a pressão por micotoxinas gera consequências que vão além da eficiência alimentar. A exposição crônica a FUM, DON e ZEN compromete diretamente sistemas metabólicos e reprodutivos que, no fim, determinam a rentabilidade da granja.

À medida que os sistemas produtivos se tornam cada vez mais orientados por dados e sensíveis às margens, o mercado está migrando de abordagens centradas apenas na toxina para estratégias de mitigação orientadas a valor. O foco já não se limita à capacidade de adsorção, mas sim à proteção de funções biológicas essenciais sob condições reais de exposição múltipla a micotoxinas.

Nesse contexto, as tecnologias de mitigação de micotoxinas de última geração, incluindo inovações que devem chegar ao mercado em breve, posicionam-se não como soluções genéricas, mas como ferramentas projetadas para proteger a estabilidade metabólica e o desempenho reprodutivo. Essa mudança reflete uma evolução mais ampla na suinocultura: a transição do gerenciamento de toxinas para a proteção da lucratividade ao nível do plantel. ■

Dr. Daniel Miranda – Gerente Técnico Global de Micotoxinas, Trouw Nutrition

Quando se trata da exposição às micotoxinas, utilize sempre a ferramenta certa para o desafio



O programa de gestão de risco de micotoxinas da Selko® oferece soluções inteligentes para apoiar decisões mais precisas, baseadas em conhecimento e dados. Isso permite aplicar estratégias de controle de micotoxinas com mais eficiência, segurança e precisão.

TOXO®

A ferramenta certa quando o assunto é micotoxinas.

A linha TOXO® fornece soluções para um amplo espectro de micotoxinas, através de princípios projetados para suportar o bem-estar e o desempenho dos animais.

OS BENEFÍCIOS



Reduz a absorção

Reduz o nível de exposição à micotoxinas das dietas através de sua bentonita de amplo espectro.



Reforça a integridade intestinal

Protege contra os efeitos das micotoxinas e preserva a capacidade absorviva do intestino.



Modula a resposta imune

Mitiga a imunossupressão induzida por micotoxinas



RAR AGRO & INDÚSTRIA LIDERA PRODUÇÃO DE LEITE NO RS E ENTRA NO TOP 15 DO BRASIL

EMPRESA FORTALECE POSIÇÃO NO SETOR LÁCTEO BRASILEIRO. **TECNOLOGIA, GENÉTICA E BEM-ESTAR ANIMAL** SÃO PILARES PRODUTIVOS

GIOVANA DE PAULA

giovana@dc7comunica.com.br

A RAR Agro & Indústria consolidou sua liderança na produção de leite no Rio Grande do Sul e passou a integrar o grupo das 15 maiores produtoras do Brasil, segundo ranking divulgado pelo MilkPoint. O resultado reforça a relevância da companhia na cadeia láctea nacional e evidencia a expansão de sua operação integrada.

O desempenho da empresa é impulsionado pela Fazenda NTR, localizada em Vacaria (RS), que registra produção média de cerca de 50 mil litros de leite por dia. Toda a produção é destinada à industrialização própria, com destaque para queijos premium, como Gran Formaggio, considerado o primeiro queijo tipo grana produzido fora da Itália e o Parmesão da linha RAR Gastronomia. O modelo reforça a estratégia de agregação de valor ao leite produzido internamente. A Fazenda NTR, que integra a Rasip Agro, unidade da RAR Agro & Indústria, combina tec-

nologia de ponta, melhoramento genético e rigorosos padrões de manejo.

A propriedade também foi pioneira no Sul do Brasil ao obter certificação de Bem-Estar Animal, concedida por entidades independentes como Integral Certificações e FairFood, assegurando critérios elevados de sanidade, conforto e manejo responsável dos animais.

MODELO VERTICALIZADO COMEÇOU NOS ANOS 1990. A operação leiteira da RAR teve início na década de 1990 com um movimento considerado inovador para a época: a importação de 140 vacas da raça holandesa, transportadas ao Brasil em aeronave. A iniciativa marcou o início de um modelo produtivo verticalizado, que hoje integra toda a cadeia, da produção primária à industrialização de derivados lácteos.

ESTRATÉGIA DE LONGO PRAZO SUSTENTA CRESCIMENTO. Segundo o presidente executivo da RAR Agro & Indústria,

Sergio Martins Barbosa, o avanço da companhia reflete planejamento e investimentos contínuos em tecnologia e qualidade. “O reconhecimento como maior produtora de leite do Rio Grande do Sul reflete uma trajetória construída com planejamento de longo prazo, investimento em tecnologia e foco absoluto em qualidade. Estar entre as maiores do Brasil reforça a consistência desse modelo e a capacidade da RAR de competir em nível nacional”, afirmou.

DESTAQUE NO SETOR LÁCTEO BRASILEIRO. Com a nova posição no ranking nacional, a RAR Agro & Indústria reforça sua presença entre os principais players do setor lácteo, ampliando sua relevância na produção de leite e na industrialização de derivados de alto valor agregado.

A **Feed & Food** foi conversar com o presidente executivo da RAR Agro & Indústria, Sergio Martins Barbosa. Acompanhe a entrevista completa.



O que explica o salto da RAR para a liderança na produção de leite no Rio Grande do Sul? A trajetória da RAR na atividade leiteira está diretamente ligada ao perfil pioneiro e à visão empreendedora de seu fundador, Raul Anselmo Randon. Conhecido por sua capacidade de construir negócios com foco no longo prazo, ele decidiu apostar, no fim dos anos 1990, na produção de queijo tipo grana no Brasil.

Esse movimento exigiu uma estrutura produtiva diferenciada. Em 1992, a RAR trouxe 140 vacas da raça holandesa diretamente dos Estados Unidos, transportadas de avião em dois carregamentos que desembarcaram no aeroporto de Porto Alegre. Foi uma iniciativa inédita para a época e que marcou o início de uma operação leiteira voltada à excelência genética do rebanho.

Ao longo dos anos, a companhia consolidou um modelo verticalizado, integrando produção primária e industrialização, com foco absoluto em qualidade, inovação, sustentabilidade, bem-estar animal e tecnologia. O resultado desse trabalho é a liderança na produção de leite no Rio Grande do Sul desde 2022 e a entrada da RAR Agro & Indústria entre as maiores produtoras do Brasil.

Quais fatores foram determinantes para a empresa entrar no grupo das 15 maiores produtoras do Brasil? A combinação entre gestão eficiente, produtividade elevada, investimento em tecnologia e um modelo verticalizado foram fundamentais

para esse avanço. A fazenda RAR, produz cerca de 50 mil litros de leite por dia, destinados integralmente à fabricação própria de queijos e derivados, especialmente o Gran Formaggio Rar e o parmesão da linha Rar Gastronomia. Outro diferencial é o rigor nos padrões de manejo, sanidade, sustentabilidade e bem-estar animal, além da forte aposta em genética de alta performance.

Como a RAR avalia sua competitividade frente a grandes players nacionais do setor lácteo? A RAR atua em um segmento de alto valor agregado, com foco em qualidade, rastreabilidade e diferenciação, atributos cada vez mais valorizados pelo consumidor final. Nosso modelo verticalizado permite controle rigoroso de toda a cadeia, desde a produção do leite até o produto que chega à mesa do consumidor, garantindo padronização, origem controlada e excelência. Além disso, produtos como o Gran Formaggio RAR conquistaram reconhecimento justamente por entregarem uma experiência diferenciada, alinhada a um público que busca qualidade, autenticidade e produtos premium.

Há metas para avançar ainda mais nesse ranking nacional? Sim. A companhia trabalha com um plano de expansão gradual e sustentável. O objetivo é alcançar a marca de 70 mil litros diários nos próximos cinco anos, ampliando a capacidade produtiva e acompanhando o crescimento da demanda, especialmente no segmento de queijos especiais e no mercado externo.

Como a Rasip Agro se tornou um polo de alta produtividade, alcançando cerca de 50 mil litros diários? Reunimos uma combinação de genética avançada, manejo com tecnologias avançadas, bem-estar animal e uma equipe especializada. O investimento contínuo em infraestrutura e inovação permitiu criar um ambiente altamente eficiente e sustentável. Hoje, o rebanho conta com cerca de 1400 mil cabeças, e cada vaca produz, em média, 36 litros de leite por dia.

Quais tecnologias e práticas de manejo são adotadas para manter esse nível de produção? A operação utiliza ordenha mecânica, com o leite sendo encaminhado diretamente para a fábrica. Também investimos em contro-

le sanitário rigoroso, monitoramento constante do rebanho, manejo nutricional de precisão e práticas voltadas ao conforto animal. A fazenda opera dentro de padrões elevados de rastreabilidade e qualidade, alinhados às exigências internacionais.

Além disso, a sustentabilidade é um eixo estratégico da operação e está presente em diferentes etapas da cadeia produtiva. A RAR adota práticas ambientais que hoje são referência no setor, com iniciativas voltadas à economia circular, logística reversa, rastreabilidade e redução de impactos ambientais.

De que forma a genética do rebanho contribui para os resultados atuais? A genética sempre foi um dos pilares da operação leiteira da empresa. Há ►

RAR AGRO & INDÚSTRIA

A RAR Agro & Indústria, de Raul Anselmo Randon, teve origem na fruticultura, com o cultivo da maçã na década de 70. Hoje, é uma das maiores produtoras e comercializadoras de fruta no Brasil, comprometida com a inovação e a sustentabilidade. Com um legado voltado para o futuro, nos anos 1990, montou a primeira fábrica de queijo Tipo Grana fora da Itália lançando a marca Gran Formaggio Rar.

Ao longo de sua trajetória, a companhia diversificou suas operações e também se destaca na produção agrícola de grãos, como soja e milho, além de ser uma das principais produtoras de leite do Rio Grande do Sul.

A empresa também produz queijo parmesão, ampliando sua atuação no segmento de lácteos com produtos de alto valor agregado.

A RAR Agro & Indústria tem, em seu portfólio, linha de importados como queijos e acetos italianos, presuntos e salames italianos e espanhóis, e azeites de oliva chilenos. A linha de derivados é composta por creme de leite fresco e manteiga. Com sede em Vacaria (RS), conta ainda com linha de 32 rótulos entre vinhos e espumantes, nacionais e importados.

quase 20 anos, a empresa desenvolve um trabalho contínuo de melhoramento genético, com seleção criteriosa dos animais e foco em características estratégicas para a operação, especialmente produção de leite, sólidos, como gordura e proteína, e indicadores ligados à sanidade e longevidade produtiva do rebanho. O objetivo é promover uma evolução genética constante, aumentando a produtividade e a qualidade do leite geração após geração.

O controle acontece de forma extremamente criteriosa porque ela impacta diretamente na qualidade do leite e, consequentemente, na qualidade dos queijos produzidos pela companhia. Como trabalhamos especialmente com queijos de longa maturação, é fundamental garantir padronização, composição e excelência da matéria-prima. Por isso, o melhoramento genético é tratado como um elemento estratégico dentro da operação.

Existe previsão de expansão da capacidade produtiva da fazenda? Sim. A expansão faz parte do planejamento estratégico da companhia. O objetivo é ampliar gradualmente a produção, chegando a 70 mil litros diários nos próximos anos, sempre mantendo os padrões de qualidade, sustentabilidade e bem-estar animal que caracterizam a operação.

O que diferencia o Gran Formaggio Rar e o parmesão da linha Rar Gastronomia dos concorrentes? O Gran Formaggio foi o primeiro queijo tipo grana produzido fora da Itália. É um produto naturalmente sem lactose, com textura granulada, sabor marcante e baixos índices de sódio, maturado por 12 e 18 meses. Além disso, toda a produção utiliza leite cru próprio, proveniente de uma cadeia certificada em Bem-Estar Animal. Já o parmesão da linha Rar Gastronomia segue o mesmo compromisso com qualidade, maturação de 6 meses e excelência na produção.

Há planos para ampliar o portfólio de queijos premium ou explorar novos mercados? Estamos atentos às oportunidades de mercado, tanto no mercado brasileiro quanto internacional. A companhia vem trabalhando na ampliação da presença da marca em diferentes regiões do mercado interno, acompanhando

o aumento da demanda por produtos premium, com origem controlada, rastreabilidade e alto padrão de qualidade.

Quanto ao mercado externo, iniciamos exportações para países como Paraguai e Estados Unidos, em um movimento para entendermos o potencial dos produtos RAR em mercados internacionais. Esse trabalho é apoiado pela participação constante da companhia em feiras nacionais e internacionais do setor, o que permite acompanhar tendências de consumo, fortalecer relacionamento com parceiros e identificar novas oportunidades de expansão para os produtos da marca.

O que motivou a busca pela certificação de bem-estar animal na Fazenda? A certificação reforça um compromisso que sempre fez parte da cultura da companhia: produzir com responsabilidade, ética e respeito aos animais. Entendemos que qualidade, produtividade e sustentabilidade caminham juntas. Além disso, o consumidor está cada vez mais atento às práticas adotadas pelas empresas, e queremos garantir transparência e excelência em toda a cadeia produtiva.

Quais mudanças práticas foram implementadas para atender aos critérios da certificadora? Na prática, já adotávamos uma série de protocolos rigorosos voltados ao conforto, sanidade, manejo e rastreabilidade dos animais antes mesmo do processo de certificação. Por isso, não foram necessárias grandes adaptações estruturais ou mudanças significativas na operação.

O processo de certificação serviu muito mais para validar práticas que já faziam parte da cultura e do modelo da empresa. A operação já trabalhava com monitoramento contínuo, manejo ético e elevados padrões de cuidado animal, alinhados às exigências de entidades independentes, como a FairFood que concedeu a certificação de bem-estar animal à operação.

Como a empresa equilibra alta produtividade com padrões rigorosos de bem-estar animal? Acreditamos que a produtividade e bem-estar animal são complementares. Um ambiente adequado, com manejo correto, conforto e sanidade, contribui diretamente para melhores índices produtivos. Por

isso, todos os investimentos em tecnologia e gestão também são voltados à saúde e ao bem-estar do rebanho.

Existem outras iniciativas em andamento na área de sustentabilidade ambiental? A sustentabilidade faz parte da estratégia da RAR Agro & Indústria em diferentes frentes do negócio e está integrada às operações da companhia há muitos anos. A empresa trabalha com iniciativas voltadas à redução de impacto ambiental, economia circular, rastreabilidade e uso responsável de recursos naturais.

Entre os projetos mais recentes está a parceria com a Eureciclo, voltada à logística reversa e compensação de embalagens. A iniciativa possibilitou a destinação correta de cerca de 88 toneladas de materiais, entre plástico, vidro e papelão, fortalecendo a cadeia da reciclagem e contribuindo para a geração de renda de cooperativas e operadores do setor em diferentes regiões do Brasil.

Outra iniciativa importante é a adoção de embalagens com plástico biodegradável na linha Rasip Kids, tornando a empresa pioneira na fruticultura brasileira a implementar esse tipo de solução em escala comercial. O objetivo é reduzir o impacto ambiental das operações sem comprometer a qualidade e a conservação dos alimentos.

A companhia também mantém certificações internacionais, como o selo Global G.A.P., voltado às boas práticas agrícolas, rastreabilidade e segurança alimentar. ■

Sergio Martins Barbosa,
presidente executivo da RAR Agro & Indústria





ACNB REÚNE ASSOCIAÇÕES DA AMÉRICA LATINA PARA FORTALECER A RAÇA NELORE EM NÍVEL INTERNACIONAL

ENCONTRO FAZ PARTE DAS **AÇÕES DA ENTIDADE 'NELORE INTERNACIONAL'**, QUE UNE AS ASSOCIAÇÕES NACIONAIS DA RAÇA

A diretoria da Associação dos Criadores de Nelore do Brasil (ACNB) reuniu-se com dirigentes das entidades que representam os criadores de Nelore na América Latina para avançar no delineamento das ações da Nelore Internacional, entidade criada com o objetivo de aproximar as entidades de criadores de países que trabalham com a raça, ampliar parcerias e fortalecer a posição do Nelore como a maior produtora de carne da América Latina e do Mundo. Durante a Expozebu, em Uberaba, fo-

ram realizados contatos com representantes da Guatemala, México, Bolívia, e reuniões com os dirigentes da Associação Nelore Argentina, Associação Equatoriana de Criadores de Gado Zebu (Asocebu Equador) e Associação Paraguaia de Criadores de Nelore (APCN). Pela ACNB, estavam presentes o presidente Victor Miranda, o diretor Luiz Carlos Marino e o gerente executivo André Locateli.

“A criação e a consolidação da Nelore Internacional é um passo importante para ampliar a conexão entre os países em benefício da raça bovi-

na que alimenta o mundo com carne de qualidade”, destaca Victor Miranda. “Encontros como estes são importantes para criar oportunidades para os pecuaristas e construir um trabalho em conjunto, com alto padrão, para o desenvolvimento e a valorização do Nelore nos países latinos.”

Durante a agenda, a ACNB também firmou com a entidade argentina um termo de cessão do uso da marca Nelore, de propriedade da entidade brasileira, destacando o relacionamento entre as nações e o compromisso conjunto com o fortalecimento da raça. ■

SAÚDE INTESTINAL E OS EFEITOS PARA TODA VIDA

Logo ao nascimento, as bezerras enfrentam alguns desafios muito importantes, pois precisam se alimentar bem e se “transformarem” em ruminantes funcionais ao longo deste processo até o desmame. No entanto, vários produtores enfrentam altas incidências de diarreia e mortalidade durante este período inicial da vida das bezerras.

Mais do que risco de perder, por alta mortalidade, o futuro da propriedade, é preciso pensar em quais são os efeitos negativos que a alta incidência de diarreia pode causar nos animais. Os pesquisadores Ghaffari e Hammon (2026) fizeram uma revisão de literatura sobre o plano alimentar de bezerras e tiveram algumas conclusões importantes: a nutrição pré-desmame deve ser considerada não apenas em termos de ganho de peso corporal a curto prazo, mas também em relação aos seus efeitos sobre o acúmulo de tecido, comportamento e desempenho a longo prazo. Após o período de desmame, a alimentação com leite em doses elevadas provavelmente induz efeitos duradouros por meio da programação metabólica durante os períodos iniciais de alta plasticidade do desenvolvimento. As evidências disponíveis sugerem que a abundância de nutrientes no início da vida pode modificar a regulação transcricional e os pontos de ajuste endócrinos que governam o crescimento, a competência imunológica, o desenvolvimento mamário e a longevidade, com associações consistentes entre maiores taxas de crescimento pré-desmame e maior produtividade ao longo da vida.

Como será que isso funciona? A

Epigenética é o estudo das mudanças que afetam a forma como os genes funcionam sem alterar a sequência do DNA. Em outras palavras: duas células podem ter exatamente o mesmo DNA, mas usar genes diferentes dependendo de “marcas químicas” que ligam ou desligam esses genes. Essas marcas formam o que chamamos de mecanismos epigenéticos. Ou seja, o manejo alimentar ou, em geral (ambiência, enfermidades, estresse etc.), pode influenciar o desempenho deste animal no futuro, quando ele começar a produzir leite.

Se relembrarmos que a fase inicial da bezerra é recheada de patógenos que desafiam sua saúde intestinal, como *E. Coli*, *Salmonela*, *Clostrídio*, *Cryptosporidium* etc., devemos pensar em algo que a proteja. Pesquisadores da Universidade da Califórnia (Lucey, P.M. et al., 2021) fizeram um estudo com 1801 bezerras, que receberam dois aditivos: *Celmanax* e *Certillus*, comparando-as com um grupo de bezerras que não receberam nada. Vejam abaixo os resultados encontrados por eles:

■ **Celmanax:** menor excreção de *E. Coli* e maior ganho de peso durante nas primeiras 5 semanas de aleitamento.

■ **Certillus:** redução de 100x na quantidade de oocistos de *Cryptosporidium* e maior ganho de peso durante as últimas 2 semanas de aleitamento.

■ **Celmanax + Certillus:** maior ganho de peso diário durante todo aleitamento.

Estes mesmos animais foram acompanhados até a 3ª lactação (Muhffell, M.M. et al., 2026), totalizando 1.296 animais avaliados. O mais in-

teressante é que eles puderam perceber que os animais que receberam *Celmanax* + *Certillus* durante a fase de aleitamento (primeiros 56 dias de vida), tiveram seguintes resultados positivos durante as 3 primeiras lactações, quando viraram adultas:

- produção de leite;
- quantidade de gordura do leite;
- quantidade de leite corrigido para energia.

Mais uma vez, fica comprovado de que benefícios e que o investimento oferecido, de maneira correta, as bezerras durante a fase de aleitamento resultará em maior produtividade deste mesmo animal, quando chegar a idade adulta. Ou seja, nossa visão não deve ser apenas em redução de mortalidade e aumento de ganho de peso, mas sim de futuro a longo prazo também. Neste sentido, o uso de aditivos com comprovação científica, como o *Celmanax* e *Certillus*, tornam-se grandes ferramentas para tratar e construir as vacas do futuro. ■

Referências bibliográficas:

M. H. Ghaffari and H. M. Hammon, 2026. INVITED REVIEW: Unlocking the Biological Potential of Dairy Calves through Elevated and Ad Libitum Milk Feeding. *J. Dairy Sci.*
M. M. Muhffell, S. S. Aly, P. M. Lucey, I. J. Lean, and H. A. Rossow, 2026. Feeding preweaning Holstein calves a synbiotic supplement increases their energy-corrected milk yield as lactating cows. *J. Dairy Sci.*
P. M. Lucey, I. J. Lean, S. S. Aly, H. M. Golder, E. Block, J. S. Thompson, and H. A. Rossow., 2021. Effects of mannan-oligosaccharide and *Bacillus subtilis* supplementation to preweaning Holstein dairy heifers on body weight gain, diarrhea, and shedding of fecal pathogens. *J. Dairy Sci.*

Daniel Navarro Lobato, Zootecnista
Consultor Técnico de Leite
da Arm & Hammer

O SEU NOVO BRAÇO DIREITO PARA MELHORAR SEU DESEMPENHO



NÃO SOMOS NÓS QUE DIZEMOS, É O QUE DIZ A CIÊNCIA.

Na ARM & HAMMER™, desenvolvemos soluções guiadas pela ciência e projetadas para satisfazer suas necessidades como produtor em toda a cadeia alimentar.



PECUÁRIA DIGITAL: COMO A INOVAÇÃO ESTÁ TRANSFORMANDO A PRODUÇÃO ANIMAL

ERICA BEATRIZ SCHULTZ, LÍVIA MOREIRA GANDRA, LUCAS EDUARDO GONÇALVES VILAÇA

A pecuária digital representa uma evolução dos sistemas convencionais de produção, ao possibilitar a coleta contínua, em larga escala e em alta resolução de dados relacionados aos animais, ambiente e processos produtivos, criando oportunidades para monitoramento, predição e tomada de decisão baseada em dados.

O avanço de sensores e plataformas de internet das coisas (IoT), aliados ao desenvolvimento de algoritmos de inteligência artificial (IA) tem ampliado a capacidade de monitoramento e suporte automatizado à tomada de decisão. Nesse cenário, compreender como a inovação tecnológica está transformando os sistemas produtivos é essencial para discutir os avanços recentes, os desafios de implementação e as perspectivas futuras da produção animal.

Na produção de ruminantes, tecnologias como acelerômetros permitem acompanhar continuamente parâmetros relacionados ao comportamento, ingestão alimentar, ruminação, atividade locomotora e bem-estar animal. Além do monitoramento comportamental, a aplicação da visão computacional e da modelagem 3D avança na avaliação do desempenho animal. Imagens obtidas por câmeras RGB, LiDAR e drones permitem estimar peso corporal, condição corporal e características morfométricas sem a necessidade de manejo invasivo. Essas ferramentas aumentam a eficiência das avaliações, reduzem o estresse animal e auxiliam na tomada de decisão sobre manejo, nutrição e genética.

Nas pastagens, o uso de drones e imagens de satélite associados à IA tem ampliado a capacidade de moni-

toramento das áreas de produção. Isto pois, permitem identificar variações na biomassa, deficiência nutricional, plantas invasoras e sinais de degradação das pastagens. A partir desses dados, algoritmos conseguem prever a produtividade das áreas e auxiliar no planejamento alimentar do rebanho, promovendo maior eficiência produtiva, sustentabilidade e otimização dos recursos na pecuária moderna.

Na avaliação do bem-estar de animais de produção a integração de sensores e algoritmos de IA garante o manejo de precisão por meio da utilização combinada de tecnologias. O uso de acelerômetros para avaliar a locomoção, câmeras termográficas para registrar variações de temperatura e identificar processos inflamatórios precocemente, além de drones para o mapeamento de pontos anatômicos (*keypoints*), viabilizando a extração de medidas morfométricas e a avaliação fenotípica de forma totalmente não invasiva. Dessa forma, a geração de alertas preditivos permite um diagnóstico rápido e intervenções assertivas no manejo, tornando-se um elemento estratégico para aliar a maior eficiência

produtiva à garantia da saúde animal. Apesar dos avanços da pecuária digital, sua adoção em larga escala ainda enfrenta desafios relacionados à integração de tecnologias, qualidade dos dados, conectividade rural, infraestrutura computacional e capacitação de profissionais. Além disso, custos de implementação, robustez dos equipamentos e validação dos algoritmos em diferentes sistemas produtivos permanecem como barreiras importantes. Por outro lado, os avanços em inteligência artificial, sensores e *edge computing* tornam essas soluções cada vez mais acessíveis, favorecendo o monitoramento contínuo dos animais, a geração de novos fenótipos digitais e a tomada de decisão mais eficiente, fortalecendo a sustentabilidade e a competitividade da produção animal. ■

Erica Beatriz Schultz, professora de Zootecnia de Precisão da Universidade Federal de Viçosa.

Lívia Moreira Gandra, zootecnista, estudante da pós-graduação.

Lucas Eduardo Gonçalves Vilaça, médico Veterinário, estudante da pós-graduação.



SIMPÓSIO BRASIL SUL DE SUINOCULTURA

11 A 13 DE
AGOSTO
DE 2026



O SBSS chega a mais uma edição reunindo profissionais, empresas, pesquisadores e lideranças em um dos principais encontros técnicos da suinocultura no Brasil e na América Latina.

Uma programação científica construída com foco na prática, nas tendências do setor e nos desafios que impactam a cadeia produtiva.

Participe e esteja presente no núcleo do conhecimento!



18º SIMPÓSIO
BRASIL SUL DE
SUINOCULTURA
17º BRASIL SUL
PIG FAIR



CENTRO DE
CULTURA
E EVENTOS
PLÍNIO ARLINDO
DE NES, EM
CHAPECÓ/SC



NUCLEOVET
Núcleo Oeste de Médicos Veterinários e Zootecnistas/SC



voxbrasil.com.br



COOPERATIVISMO CONTRIBUI PARA ESTABILIDADE ECONÔMICA E SOCIAL, APONTA VANIR ZANATTA, PRESIDENTE DO SISTEMA OCESC

O SISTEMA COOPERATIVISTA TEM PAPEL RELEVANTE NA GERAÇÃO DE RENDA, NO FORTALECIMENTO DAS CADEIAS PRODUTIVAS E NO **DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

GIOVANA DE PAULA

giovana@dc7comunica.com.br

O cenário eleitoral brasileiro tem sido marcado por um ambiente de incerteza que vai além do dinamismo característico da democracia e acende alertas no campo institucional e econômico. A avaliação é de Vanir Zanatta, presidente do Sistema OCESC, que aponta fragilidades no debate público e a ausência de propostas estruturantes no centro das discussões.

Segundo Zanatta, a superficialidade dos debates e a falta de clareza em relação a temas essenciais dificultam a tomada de decisão por parte do eleitor. Questões como reformas administrativa, tributária e previdenciária, consideradas fundamentais para o equilíbrio das contas públicas, permanecem em segundo plano, mesmo diante da necessi-

dade de ajustes estruturais no país.

A condução da gestão pública, na avaliação do dirigente, exige enfrentamento de temas complexos e, muitas vezes, impopulares. Ele destaca que o Estado brasileiro apresenta alto custo e baixa eficiência, o que pressiona as finanças públicas e compromete a capacidade de investimento. “Medidas como controle rigoroso dos gastos, racionalização da máquina pública e avaliação de desempenho no setor estatal são apontadas como essenciais para conter o avanço das despesas”, diz Zanatta.

No campo econômico, Zanatta reforça a necessidade de avanços nas reformas. Embora a reforma tributária esteja em fase de implementação, ele avalia que ainda persistem problemas como a elevada carga de

impostos e a complexidade do sistema, fatores que impactam negativamente a competitividade e a geração de empregos. “Para o setor produtivo, a simplificação tributária é vista como prioridade, ao lado da rejeição de aumentos na carga fiscal”, diz.

Dentro desse contexto, o cooperativismo é destacado por ele como um modelo capaz de contribuir para maior estabilidade econômica e social. Baseado na gestão democrática e na distribuição de resultados, o sistema cooperativista tem papel relevante na geração de renda, no fortalecimento das cadeias produtivas e no desenvolvimento regional, tanto no meio urbano quanto no rural. “O setor primário, em especial, enfrenta desafios adicionais relacionados à infraestrutura. Deficiências lo-

gísticas fora da porteira ainda limitam a competitividade do agronegócio brasileiro, reduzindo a eficiência de um dos segmentos mais importantes da economia nacional. Para o dirigente, é fundamental que candidatos assumam compromissos claros com investimentos estruturais e políticas públicas voltadas ao campo”, avalia.

Além das questões econômicas, de acordo com Zanatta, o processo eleitoral também evidencia desafios no campo institucional. “O enfraquecimento dos partidos políticos, a infidelidade partidária e a prevalência de interesses pontuais são apontados como fatores que fragilizam a democracia. Nesse cenário, o respeito às instituições e às regras do jogo democrático é considerado indispensável para a estabilidade do país”, aponta.

Com o fim do período eleitoral, a expectativa de Zanatta é de que o próximo governo enfrente a realidade fiscal com pragmatismo. As reformas estruturais, segundo Zanatta, deixarão de ser uma escolha e passarão a ser uma exigência para garantir governabilidade e retomada do crescimento econômico. “Diante desse cenário, o cooperativismo segue sendo apontado como um importante vetor de equilíbrio. Ao promover a cooperação e o desenvolvimento coletivo, o modelo reforça valores considerados essenciais para a construção de um país mais eficiente, sustentável e socialmente justo”, finaliza.

SANTA CATARINA O ESTADO MAIS COOPERATIVISTA DO BRASIL

Mais de

R\$ 100 bilhões
em faturamento

5 milhões
de associados

Os números que retratam a expressão social e econômica do cooperativismo catarinense.



Vanir Zanatta, presidente do Sistema OCEC: Questões como reformas administrativa, tributária e previdenciária, consideradas fundamentais para o equilíbrio das contas públicas, permanecem em segundo plano, mesmo diante da necessidade de ajustes estruturais no país

COM FATURAMENTO DE R\$ 105,7 BILHÕES, COOPERATIVAS IMPULSIONAM A ECONOMIA DE SANTA CATARINA

61% DOS CATARINENSES SÃO ASSOCIADOS A COOPERATIVAS. O cooperativismo é um modelo de negócio que envolve mais de 5 milhões de catarinenses e movimentam R\$ 105,7 bilhões por ano, tornando-se uma extraordinária força social que impulsiona o desenvolvimento em todos os setores da economia barriga-verde.

O balanço do setor foi levantado pelo Sistema OCEC (Organização das Cooperativas do Estado de Santa Catarina) junto às 236 cooperativas associadas e anunciado em Florianópolis, pelo presidente Vanir Zanatta e pelo superintendente do Sescop/SC Neivo Luiz Panho.

O crescimento das receitas, em 2025, foi de 15,8%, três vezes maior que a expansão do PIB (produto interno bruto) brasileiro que ficou em 2,3% no ano passado.

Refletindo o bom desempenho das cooperativas, as sobras (lucros) avançaram 30,8% e chegaram a R\$ 7,3 bilhões, valores que serão destinados a in-

vestimentos, fundos estatutários e rateio entre os associados.

Um dos dados mais relevantes do levantamento é a expansão do número de associados (cooperados) que cresceu 8,1% no ano passado com o ingresso de mais de 370 mil pessoas no quadro associativo das cooperativas. No conjunto, as cooperativas reúnem, agora, mais de 5 milhões de catarinenses (5.078.635), o que representa 61% da população barriga-verde. “Somos o Estado mais cooperativista do Brasil”, comemora o presidente Zanatta.

Os setores que mais atraíram novos associados foram as cooperativas de crédito que têm atualmente mais de 4 milhões de cooperados (4.034.326), as de infraestrutura que atuam em distribuição de energia elétrica (469.149 pessoas), além das de consumo (467.171) e as agropecuárias (84.909). As cooperativas de saúde têm 15.207 associados e, as de transporte, 6.441 cooperados. ■

MARCOS FAVA APONTA PECUÁRIA, BIOENERGIA E GESTÃO COMO MOTORES DO AGRO NOS PRÓXIMOS ANOS

EM PALESTRA DURANTE A REUNIÃO DA ASBRAM, ESPECIALISTA DESTACOU QUE O BRASIL **SEGUE COM ESPAÇO PARA AMPLIAR SUA PRESENÇA GLOBAL EM GRÃOS, CARNES E ENERGIA RENOVÁVEL**, MAS ALERTOU QUE CRESCIMENTO EXIGIRÁ PLANEJAMENTO, EFICIÊNCIA E ATENÇÃO ÀS MUDANÇAS DO MERCADO

KEVIN NASCIMENTO

kevin@dc7comunica.com.br

O agronegócio brasileiro vive um momento de oportunidades relevantes, mas também de forte instabilidade. Essa foi a leitura apresentada por Marcos Fava, Engenheiro Agrônomo pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (USP), durante palestra em reunião da Associação Brasileira das Indústrias de Suplementos Minerais, a ASBRAM, ao analisar as perspectivas para grãos, carnes, bioenergia e gestão empresarial nos próximos anos. Para o especialista, o Brasil consolidou uma posição estratégica no abastecimento global, mas as empresas do setor precisarão lidar com variáveis cada vez mais voláteis.

Segundo Fava, o avanço brasileiro nas últimas décadas mudou a forma como o mundo olha para o país. “A gente era importador de comida para ser essa potência hoje”, afirmou. Ele destacou que a dependência internacional em relação ao Brasil aumentou de forma expressiva, especialmente em commodities agrícolas. “Você tem um país hoje que entrega 62% da soja comprada pelo mundo. Então, se eu preciso de grão, é melhor eu ficar amigo desse país”, pontuou.

Na avaliação do especialista, a demanda global por alimentos deve seguir em expansão por pelo menos mais duas décadas. O crescimento populacional, a urbanização e o aumento da renda em países emergentes devem sustentar o consumo, sobretudo de proteína animal. “As pessoas vão para a cidade, mudam o hábito alimentar, têm acesso ao food service, aos restaurantes”, explicou. Para Fava, esse movimento reforça a importância das cadeias de carnes. “Proteínas animais de novo na moda”, disse.

Ao tratar dos riscos, o especialista chamou atenção para fatores climáticos, sanitários, logísticos, geopolíticos e financeiros. Ele citou possíveis impactos sobre produção de grãos, custos de ração, fertilizantes, diesel e transporte internacional. “Tudo isso são fatores que vocês têm que olhar e ver como interferem no processo de planejamento da empresa”, afirmou. Para ele, o ambiente exige acompanhamento constante. “Hoje a gente tem que estar de olho no que está acontecendo”, disse.

A bioenergia foi apontada como um dos movimentos mais transformadores para o agro brasileiro. Fava destacou o crescimento do etanol de milho, do biodiesel e de novos modelos de produção integrados às cadeias de proteína animal. “O que mais me encanta é o que está acontecendo com a bioenergia no Brasil”, afirmou. Segundo ele, esse processo está “empoderando o interior do Brasil” ao levar energia para regiões produtoras e estimular a chegada de novas atividades econômicas. “A bioenergia está impulsionando as carnes, o leite e outros produtos”, acrescentou.

Na pecuária, a leitura também é positiva. Fava afirmou que o Brasil já ocupa posição de liderança na carne bovina e pode ampliar ainda mais sua presença nas exportações. “Eu acho que o Brasil tem condições, em dez anos, de aumentar mais um milhão de toneladas exportadas”, projetou. Para as empresas ligadas à cadeia de insumos, esse cenário representa uma oportunidade. “Para quem trabalha com insumos, é uma boa notícia”, afirmou.

Apesar do otimismo, o especialista reforçou que o crescimento do agro não será igualmente aprovei-

tado por todos. “Eu não tenho dúvida que o agro vai ser muito bom ao Brasil nos próximos dez anos, mas ele não vai ser bom para todos os empresários”, alertou. Para Fava, empresas que desejam prosperar precisarão ter clareza de propósito, criar valor para o cliente, planejar melhor, fortalecer relacionamentos e buscar excelência operacional.

Entre os pontos de gestão destacados, ele defendeu atenção especial à estratégia financeira. “Eu tenho que sempre ficar melhor antes de ficar maior”, afirmou. Segundo Fava, crescer sem margem pode fragilizar o negócio. “Primeiro vocês tentam construir margem, para daí construir tamanho”, orientou. Ele também reforçou a importância da inovação e da tecnologia. “Nós não podemos ficar acomodados em relação à inovação”, disse.

A sustentabilidade, segundo o especialista, também precisa ser tratada com foco em resultado. Fava defendeu o conceito de “ESGR”, com a inclusão da rentabilidade nas práticas ambientais, sociais e de governança. “Hoje você tem que fazer ESG que dê lucro”, afirmou. Para ele, os projetos sustentáveis devem gerar valor para a empresa e para o cliente, especialmente em modelos de circularidade, biogás, biometano e aproveitamento de resíduos.

Ao encerrar sua análise, Fava defendeu que as empresas repensem a jornada de seus clientes e busquem entregar mais valor em cada etapa. “Nossa missão, nossa obsessão é criar margem para quem nos usa, criar valor para quem nos usa”, afirmou. Para o especialista, esse será um diferencial competitivo decisivo. “Se você estiver obcecado por isso, é extremamente importante.” ■

A SOCIEDADE E SUAS ESCOLHAS

Os povos viveram durante muitos séculos de forma isolada, ou quase, porém desde o comércio da rota da seda e as grandes navegações iniciou um processo que hoje chamamos de globalização, e uma das mais impactantes alterações deste processo ocorreram na alimentação humana, lembrando que a grande corrida do século 14 e 15 era exatamente chegar às Índias para compra de especiarias, utilizados na alimentação.

E assim viemos até os dias atuais, supermercados fartos, restaurante repletos de comida, fast-food em toda esquina e a sensação de que o desafio de nossos antepassados, que era a comida, ficou para trás, tema para os livros de história, que nem temos mais. Mas nesse processo houve uma mudança substancial e silenciosa, a escolha de determinados alimentos como base da alimentação global, e para melhor entendimento vamos exemplificar.

Dentre as diversas fontes de amido espalhados pelo mundo nos acabamos escolhendo o milho e o trigo como os dois principais produtos, e se espalhou por todo o planeta. Quanto a proteínas o movimento foi mais drástico, escolhemos uma ave branca que popularmente chamamos de frango, como a ave a ser consumida por todos nos últimos anos, inclusive a genética é a

mesma, controlada por duas empresas apenas. Com tantas aves aqui no Brasil quem diria que iríamos consumir uma ave originária da outra parte do mundo. E não para aí, os suínos antes, bem antes mesmo, há mais de 60 anos, todos coloridos, preto, branco, preto e branco, marrom, pequenos, grande, com pelo, sem pelo e agora também, são todos brancos, como as aves, com a mesma genética e controlada também por duas ou três empresas no mundo.

Poderíamos escrever um tratado contando essa história dos alimentos, mas vamos ao que nos interessa, por que a humanidade decidiu escolher dentre os milhares de alimentos apenas alguns para ser a base alimentar? Não vou aqui dar explicações, mesmo porque não as tenho e não posso comprovar todas as minhas teorias, mas essa é nossa realidade.

Mas porque essa longa introdução, eu a fiz para falar um pouco da tilápia, um peixe produzido em 90 países e comercializado em 140 países do mundo, o peixe que a humanidade escolheu como o peixe a ser consumido, seguindo a lógica do milho, trigo, suínos e aves e se analisarmos os quesitos genética, ração, vacinas, veremos que são praticamente as mesmas empresas que já atuam em suínos, aves e outros animais domésticos de consumo de larga escala.

Recentemente em um evento na Universidade Federal de Viçosa me procurei uma aluna que é de Manaus e falou que no Amazonas não se cria tilápia, que ela adora os peixes da região, eu lhe perguntei, existe a comercialização de tilápia no Amazonas? Então ela me respondeu, sim, em todos os grandes supermercados há comercialização do produto, oriundo principalmente da região sul do Brasil.

É disso que estamos falando aqui, como uma espécie como a tilápia está presente nos principais pontos de venda do local do Brasil que tem a maior oferta em quantidade e diversidade de peixes oriundos da pesca, em um ambiente que só recentemente conheceu esse produto?

Esses são os alimentos universais da humanidade, produtos que não se conhece e de repente é o único que estamos consumindo. Essas explicações vão além de análises técnicas sensoriais, trata-se aqui de um movimento da nossa sociedade global, os sociólogos têm mais a nos explicar do que tecnólogos de nutrição humana.

Essa conversa toda sem fim tem um único objetivo, incluir essas percepções no momento de definir o seu negócio de produção de peixes, é para atender o seu prazer pessoal ou deseja montar um business? ■

PROJETO INTERNACIONAL BUSCA SUPRIR LACUNA NA MEDIÇÃO DE EMISSÕES DA AQUICULTURA

O OBJETIVO É **DESENVOLVER UMA METODOLOGIA INÉDITA A SER SUBMETIDA AO PAINEL INTERGOVERNAMENTAL SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS**, PREENCHENDO UMA LACUNA CONSIDERADA CRÍTICA NA CONTABILIDADE CLIMÁTICA DO SETOR

GIOVANA DE PAULA

giovana@dc7comunica.com.br

A ausência de diretrizes específicas para mensurar emissões de gases de efeito estufa (GEE) na aquicultura tem mobilizado uma iniciativa internacional liderada pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura e coordenada pela Embrapa Meio Ambiente.

O objetivo é desenvolver uma metodologia inédita a ser submetida ao Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, preenchendo uma lacuna considerada crítica

na contabilidade climática do setor.

Atualmente, países signatários da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima contam com orientações consolidadas para setores como agricultura e pecuária. No entanto, mesmo com o crescimento da aquicultura em nações como Brasil e China, não há metodologias padronizadas para o cálculo de emissões e remoções nessa atividade. Na prática, essa ausência dificulta a elaboração de inventários nacionais consistentes e limita a inclusão do se-

tor em políticas climáticas e mecanismos de financiamento internacional.

Segundo a pesquisadora Fernanda Sampaio, da Embrapa Meio Ambiente, a falta de métricas confiáveis representa um dos principais entraves para o avanço sustentável da aquicultura. “Sem parâmetros claros, torna-se difícil orientar políticas públicas ou avaliar o impacto real das tecnologias adotadas”, afirma.

A demanda por uma metodologia específica ganha ainda mais relevância diante da expansão global da atividade. De acordo com o relatório “O Esta-



do Mundial da Pesca e da Aquicultura” (SOFIA), da FAO, o setor atingiu 130,9 milhões de toneladas em 2022, ultrapassando pela primeira vez a pesca de captura e respondendo por 51% da produção total de animais aquáticos.

Especialistas apontam que sistemas produtivos como piscicultura em viveiros escavados e o cultivo de bivalves — como ostras e mexilhões — ainda não são contemplados pelas metodologias internacionais. Isso impede estimativas precisas e comparáveis entre países e cadeias produtivas, comprometendo a formulação de políticas e metas climáticas.

Para enfrentar o desafio, o projeto reúne pesquisadores de países como Brasil, China, Estados Unidos, Uruguai e Zimbábue. A proposta é construir um método padronizado que inclua dados de atividade, fatores de emissão baseados na literatura científica, análise de incertezas e critérios de reprodutibilidade em escala global.

Tecnologias como sensoriamento remoto e modelagem preditiva devem ser incorporadas ao processo, especialmente em regiões com baixa disponibilidade de dados. No Brasil, unidades da Embrapa Cerrados, Embrapa Agropecuária Oeste e Embrapa Territorial terão papel estratégico na caracterização e monitoramento dos sistemas produtivos.

A iniciativa também dialoga com ações já em andamento no país. A Embrapa Territorial coordena, em parceria com o Ministério da Pesca e Aquicultura, um projeto nacional voltado ao mapeamento de tanques escavados. A expectativa é que o esforço internacional contribua para a geração de indicadores mais consistentes e aplicáveis à realidade brasileira.

Como etapa final, está prevista a realização de um workshop internacional no Brasil, onde as metodologias propostas serão apresentadas, discutidas e validadas antes de sua submissão ao IPCC.

A iniciativa busca ampliar o consenso científico e político em torno da inclusão da aquicultura nas diretrizes climáticas globais. Ao preencher uma lacuna histórica, o projeto pretende não apenas aumentar a transparência sobre o impacto ambiental da aquicultura, mas também fortalecer a posição do setor nas estratégias de mitigação das mudanças climáticas e na agenda internacional de sustentabilidade.



TROFÉU CURUCA DESTACA SUSTENTABILIDADE E EFICIÊNCIA NO AGRONEGÓCIO DURANTE O SIAVS 2026

O **TROFÉU CURUCA**, promovido pela Feed & Food, será um dos destaques do Salão Internacional de Proteína Animal 2026, programado para ocorrer entre os dias 4 e 6 de agosto. Consolidada como uma das principais premiações do setor de proteína animal, a iniciativa reconhece ações sustentáveis e boas práticas ao longo da cadeia produtiva, valorizando critérios como eficiência, qualidade e responsabilidade ambiental.

Mais do que uma premiação, o Curuca é considerado um indicador público de desempenho técnico, estimulando produtores, integradores e indústrias a aprimorarem seus processos. Ao destacar resultados consistentes em áreas como manejo, sanidade, índices zootécnicos e gestão, o prêmio contribui para disseminar referências positivas e incentivar a adoção de tecnologias e prá-

ticas mais modernas no campo.

Organizado pela Associação Brasileira de Proteína Animal, o SIAVS é um dos maiores encontros da cadeia de proteína animal no Brasil e na América Latina. O evento reúne lideranças empresariais, produtores, pesquisadores e compradores internacionais para discutir temas estratégicos como sustentabilidade, inovação tecnológica, biossegurança, bem-estar animal e exigências de mercado.

Além de reconhecer o desempenho produtivo, o Troféu Curuca também reforça a importância de uma cultura orientada por dados e indicadores. A premiação evidencia que a excelência na produção está diretamente ligada à gestão eficiente, à responsabilidade sanitária e ambiental e à credibilidade do setor, contribuindo para fortalecer a competitividade e a imagem do agronegócio brasileiro no cenário global. ■

AQUICULTURA: O USO DE ADITIVOS COMO FERRAMENTA PARA MELHORAR O DESEMPENHO E SAÚDE DE PEIXES E CAMARÕES

POR DANIELA NOMURA

Produzir mais proteína com menos impacto deixou de ser tendência: é uma exigência do mercado e da sociedade. A aquicultura cresce para atender à demanda, mas esse avanço só se sustenta com eficiência produtiva e responsabilidade ambiental, especialmente no manejo da água e na sanidade. Nesse contexto, o setor se consolida como uma das atividades zootécnicas de maior expansão. Além de eficiente na conversão ali-

mentar, a produção de peixes e camarões pode emitir menos gases de efeito estufa e complementar, de forma estratégica, a oferta de proteína animal.

Sustentar esse crescimento exige pesquisa e inovação em melhoramento genético, nutrição, sanidade e processamento. Na aquicultura, o manejo da água, recurso essencial e de uso comum, amplia a responsabilidade do sistema produtivo, demandando atenção à saúde dos ani-

mais, ao uso correto de medicamentos e à redução da poluição hídrica.

Nesse contexto, a nutrição assume papel central: rações bem formuladas e o uso estratégico de aditivos podem melhorar digestibilidade e desempenho, reforçar a imunidade e reduzir a dependência de antibióticos. Este artigo apresenta os principais aditivos utilizados na aquicultura e como eles contribuem para produtividade, bem-estar animal e sustentabilidade.

PRINCIPAIS ADITIVOS NA AQUICULTURA

1 ÁCIDOS ORGÂNICOS

- Atuam como **acidificantes**, regulando o pH do trato gastrointestinal.
- Melhoram a **digestibilidade** e a absorção de nutrientes.
- Exercem ação **antimicrobiana**, dificultando o crescimento de bactérias patogênicas.
- Contribuem para maior eficiência alimentar e redução de perdas.

2 BETAGLUCANOS

- São **imunomoduladores**, estimulando o sistema imunológico de peixes e camarões.
- Aumentam a resistência a doenças bacterianas e virais.
- Reduzem a mortalidade em situações de estresse ou desafios sanitários.

3 MOS (MANANOLIGOSSACARÍDEOS)

- Atuam como **prebióticos**, modulando positivamente a microbiota intestinal e favorecendo bactérias benéficas.

- Promovem a **eliminação de patógenos**, impedindo a adesão de bactérias como *Vibrio* e *E. coli* ao epitélio intestinal.
- Estimulam o sistema imune inato, aumentando a resistência dos animais a desafios sanitários e ambientais.
- Melhoram a integridade e a funcionalidade do intestino, elevando a digestibilidade e o aproveitamento de nutrientes.

4 ÓLEOS ESSENCIAIS

- Possuem ação **antimicrobiana natural**, combatendo bactérias antes que se tornem patogênicas.
- Podem estimular o apetite e melhorar o desempenho produtivo.
- São alternativas naturais ao uso de antibióticos.

5 FITOGÊNICOS

- Derivados de plantas, atuam na **prevenção e no controle de enfermidades**.
- Podem ter efeitos antioxidantes, anti-inflamatórios e imunomoduladores.
- Promovem saúde animal de forma sustentável, com menor impacto ambiental.
- Podem **substituir produtos sintéticos** tradicionalmente utilizados na alimentação, oferecendo alternativas mais seguras e naturais.

6 ANTIOXIDANTES

- Combatem o **estresse oxidativo**, protegendo células e tecidos.
- Melhoram a qualidade da carne e prolongam sua conservação pós-abate.
- Contribuem para maior desempenho e bem-estar dos animais.

Em síntese, aditivos nutricionais são ferramentas estratégicas na aquicultura: ajudam a prevenir doenças, reduzir o uso de medicamentos e elevar a eficiência produtiva. Quando bem selecionados e aplicados, também contribuem para a sustentabilidade, apoiando a qualidade da água e a segurança do alimento. ■

Daniela Nomura Varandas,
Zootecnista
Mestre em
Aquicultura
Gerente Comercial
Aqua - Vidara
do Brasil



PREMIXES E ADITIVOS QUE IMPULSIONAM A NUTRIÇÃO DE PEIXES E CAMARÕES

Vitaminas, Minerais e Aminoácidos

Ácido Orgânicos e Óleos Essenciais

Betaglucanos e MOS

Fitogênicos

O BEM-ESTAR NA CARCINICULTURA: UMA EXIGÊNCIA QUE VEIO PARA FICAR

FERNANDA YOME SILVA MARUOKA

A discussão sobre bem-estar na carcinicultura começou a partir de 2010/2015, com a demonstração de que os camarões cultivados respondem a estímulos dolorosos e possuem respostas fisiológicas compatíveis com o estresse, sentindo dor e sofrimento, merecendo uma maior atenção e passando a receber uma pressão regulatória, principalmente da Europa, onde países como Suíça e Noruega incluíram os crustáceos em suas leis de proteção animal. Já em 2022, o Reino Unido passou a exigir o abate humanitário para os camarões, impactando toda a cadeia produtiva, com a exigência de sustentabilidade, rastreabilidade e bem-estar animal.

Em seguida, os “programas de certificações” passaram a incluir o tema e empresas mundiais incorporaram o bem-estar, às práticas de ESG (Ambiental, Social e Governança), que deixou de ser visto como um mero “custo” e passou a ser encarado como eficiência produtiva: **“menos estresse resulta em melhor crescimento, menor mortalidade e melhor conversão alimentar”**.

IMPLEMENTAÇÃO TÉCNICA E AS BOAS PRÁTICAS DE MANEJO (BPM): Com a relevância do bem-estar para a carcinicultura, a questão central para o produtor se desloca do “porquê” para “como”. A transição para uma carcinicultura focada em bem-estar exi-

giu a implementação de práticas que promovessem o bem-estar na produção de camarão, não apenas como uma resposta às exigências regulatórias e de mercado, mas como uma estratégia robusta para otimizar a produção e garantir a sustentabilidade do negócio. No Brasil, a referência foi o Manual de Boas Práticas de Manejo e de Biossegurança para a Carcinicultura Brasileira (site da abccam.com.br), lançado em junho/2021, pela Associação Brasileira de Criadores de Camarão (ABCC), onde estão estabelecidas as diretrizes que, embora focada em produtividade e biossegurança, formam a base técnica operacional para o bem-estar dos camarões, durante o processo de cultivo e despesca humanitária.

1 Qualidade da Água e do Solo, nos Ambientes de Cultivo: A manutenção de parâmetros físico-químicos da água e do solo dentro de faixas ideais é o primeiro e mais fundamental passo para assegurar o bem-estar e a sustentabilidade na carcinicultura. Conforme o Manual da ABCC (2021), a qualidade da água e do solo, são os “primeiros passos para a preparação de um ambiente saudável para o cultivo” e para a saúde dos camarões, uma vez que, desvios nos parâmetros físico-químicos, atuam como estressores severos, comprometendo diretamente o sistema imunológico dos camarões e sua capaci-

de de crescimento. Nesse contexto, o uso de “shrimp toilette” para a remoção dos metabólitos e sólidos em suspensão, associado a uma aeração adequada são práticas indispensáveis para a gestão rigorosa de resíduos orgânicos, criando um ambiente estável e propício, para minimizar o estresse e promover a resiliência dos camarões.

2 Nutrição e Manejo Alimentar: O bem-estar nutricional é garantido pela provisão de alimentos e nutrientes adequados aos animais, com o uso de rações de alta digestibilidade e estabilidade, formuladas para cada fase de desenvolvimento, assegurando a disponibilidade de ração para todos os camarões no momento certo e em quantidades apropriadas, com uma composição que corresponda às necessidades nutricionais da espécie em cada estágio de crescimento.

3 Densidade de Estocagem Otimizada: A densidade de estocagem, deve considerar prioritariamente, o equilíbrio entre a produtividade desejada, a capacidade de suporte do sistema e, o apoio logístico correspondente. Densidades de estocagens apropriadas contribuem para o bem-estar, garante boa qualidade do ambiente e do desempenho produtivo.

4 Manejo de Baixo Impacto e Biossegurança: O manejo compreende uma série de operações rotineiras,

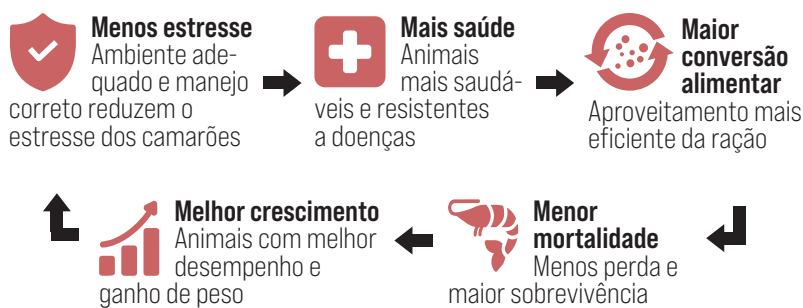
como amostragem, transferências, classificação e remoção de animais mortos, tendo em vista que a minimização do estresse durante essas operações é de vital importância para o bem-estar dos camarões em processo de cultivo e bom desempenho produtivo. Nesse contexto, o transporte e a transferência de pós-larvas e juvenis devem ocorrer preferencialmente até o amanhecer para reduzir o estresse térmico. Bem como, observar o ciclo de muda nos povoamentos ou a despesca, cujas operações devem ser realizadas no menor tempo possível, evitando sofrimento e estresse. Além disso, a implementação de rigorosos protocolos de biossegurança é essencial para prevenir a entrada e disseminação de patógenos, protegendo o plantel de surtos de doenças que causam grande sofrimento e mortalidade.

5 Transporte: O transporte é a atividade que influencia grandemente o bem-estar dos camarões e pode ser dividida em cinco fases: pré-transporte, carregamento, transporte, descarregamento e pós-transporte, sendo que a transferência seja realizada por pessoal treinado e planejada para o menor tempo possível, observando aclimação adequada e evitando o período de muda.

6 Despesca e Abate Humanitário: A despesca humanitária e técnica é a etapa final da produção, cujo abate é a fase derradeira do ciclo de vida dos camarões, que de acordo com o Manual da ABCC (2021), a avaliação prévia (iniciada até 14 dias antes) deve considerar o percentual de muda e a presença de necroses, evitando-se o manuseio inadequado ou a exposição a altas temperaturas, para evitar a "cabeça caída", sinal de degradação enzimática que reduz o valor comercial e indica falha no manejo pré-abate. É importante evitar dor, angústia ou sofrimento desnecessários durante todo o processo, aplicando-se atordoamentos com bastante gelo, para garantir que os camarões estejam inconscientes e sem dor.

7 Enriquecimento Ambiental: O enriquecimento ambiental (EA) refere-se a modificações no ambiente de cativeiro para aumentar o nível de es-

O BEM-ESTAR ANIMAL NA CARCINICULTURA NÃO É CUSTO. É INVESTIMENTO ESTRATÉGICO QUE GERA EFICIÊNCIA, RENTABILIDADE E SUSTENTABILIDADE



timulação psicológica, física e social, ajudando os camarões a lidar melhor com situações estressantes e melhorar suas habilidades cognitivas. O EA pode incluir enriquecimentos sociais (contato com outros animais), físicos (adição de objetos, substratos ou abrigos), sensoriais (cor do viveiro ou iluminação apropriada) e dietéticos (estratégia de alimentação, palatabilidade, tipos de ração variados). Qualquer modificação no EA deve ser adaptada à biologia da espécie e monitorada para garantir que melhore positivamente o bem-estar e não cause problemas de higiene ou biossegurança.

E COMO ISSO BENEFICIA O PRODUTOR? A adoção de práticas de bem-estar animal na carcinicultura vai além da conformidade regulatória, configurando-se como um investimento estratégico que gera vantagens econômicas e competitivas substanciais para o produtor. Os impactos positivos são observados em diversas frentes: primeiro, com a implementação de um manejo priorizando o bem-estar resulta em melhor desempenho zootécnico; segundo, menores níveis de estresse exibem taxas de crescimento aceleradas, otimizam a conversão alimentar e apresentam maior uniformidade de tamanho, produzindo uma biomassa final superior e mais homogênea.

Adicionalmente, o fortalecimento do sistema imunológico dos camarões cultivados, mitigando es-

tressores ambientais, levam a uma redução drástica da mortalidade ao longo do ciclo de produção, otimizando o capital investido e uma maior previsibilidade nos resultados.

Por fim, o manejo humanitário e o abate adequado são cruciais para preservar as características organolépticas do produto final, em uma qualidade superior, com melhor textura, sabor e aparência. Essa diferenciação permite o acesso a mercados premium, incluindo exportações e segmentos que valorizam e remuneram melhor, os produtos com o bem-estar animal, contribuindo para a valorização da marca e o fortalecimento da imagem corporativa do produtor.

Por fim, alinhada aos princípios de ESG, essa postura atrai consumidores conscientes e investidores engajados, assegurando a longevidade e a reputação do negócio em um cenário global cada vez mais exigente. Em síntese, o bem-estar animal na carcinicultura não deve ser percebido como um custo adicional, mas sim como um **“investimento estratégico fundamental que impulsiona a eficiência produtiva, a rentabilidade e a sustentabilidade a longo prazo da atividade”**. ■

Fernanda Yome Silva Maruoka,
Bacharela em Aquicultura.
ABCC – Associação Brasileira
de Criadores de Camarão / FENACAM
– Feira Nacional do Camarão
E-mail: atendimento@abccam.com.br



AGRO TRAZ IMAGEM POSITIVA PARA MARCA BRASIL

Numa surpreendente pesquisa de percepção de imagem, a OnStrategy, agência de branding europeia pesquisou 27 países e 27 estados brasileiros para identificar o que mais de 470 mil pessoas pensam ao ver, ouvir o nome “Marca Brasil”?

Este estudo é o quarto desenvolvido pela OnStrategy ao lado da Biomarketing, agência de comunicação brasileira a partir de metodologia avançada em estudos de percepções de marca. O primeiro estudo foi sobre a proteína animal brasileira na China, o segundo sobre a instituição que a população brasileira considera com autoridade para falar em nome do agro nacional, e o terceiro foi a percepção do agro do Brasil na Europa, ao lado da Serasa Agro Experian. Aqui na Feed & Food abordamos à época na nossa coluna, esses estudos.

Agora realizamos uma grande ampliação dessa amostragem num modelo desenvolvido pela OnStrategy trazendo a percepção central que um país possui e como isso pode ser usado para o desenvolvimento de suas estratégias de marketing.

A Biomarketing como curadora, contamos com apoio da Fundação Brasileira de Marketing (FBM), da Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil (ADVB), também da Alagro – Academia Latino-Americana do Agronegócio e divulgação pela rede CNN de 11/5 a 17/5 na sua programação jornalística.

A pesquisa traz insights do seu lado positivo revelando percepções notórias no tamanho do Brasil, na beleza, na pujança da sua natureza, na afetividade cultural do seu povo, aliás temas retratados no cancionário da música brasileira. Além desses aspectos tropicais nacionais surgiram dois segmentos econômicos com força e atratividade, o turismo e o agronegócio como um país grande na produção de alimentos, energia, fibras.

Nessa angulação ocorreu uma convergência conectando a visão externa com a interna, estrangeiros e brasileiros concordam que o agronegócio é uma virtude percebida do país. O turismo da mesma forma, o que sugere elevado potencial para ini-

ciativas de agroturismo conectando natureza, cultura, tecnologia tropical agroalimentar, energética, fibras, sabor, saúde, ou seja, promovermos os distintos “terroir” brasileiros, e com isso irmos muito além de “commodities” e disputarmos os supermercados e as mesas do mundo com agregação de valor.

No lado negativo surge a insegurança que impacta negativamente o estilo de vida e também surge a governança fraca brasileira. Este lado negativo precisa ser enfrentado com tolerância zero pois pode ser utilizado na competição global contra o próprio agro do Brasil com desinformação, má informação, fake news associando o agro ético e legal do país ao desmatamento ilegal, crime e corrupção.

Para o setor da proteína animal comunicar de forma planejada e numa estratégia de longo prazo os rigores, as exigências e compromissos sanitários, de bem estar animal e de segurança de famílias agrícolas originadoras, com qualidade de vida atuando como legítimos agentes da saúde é imperativo. Portanto, os dirigentes de marketing das marcas que chegam aos consumidores finais precisam associar suas categorias a saúde, sabor e valores de dignidade humana apresentando famílias originadoras ao longo de todas as regiões brasileiras. Mostrar para o mundo a sociedade tropical brasileira formada por todos os povos do mundo, onde aqui somos todos imigrantes e nos misturamos no maior melting pot planetário, tem enorme eficácia para a conquista dos corações e mentes do mundo inteiro.

Marketing, passo número 1: investigar percepções, sonhos, desejos, as vezes micro insights, mas ali podemos obter as grandes viradas para o sucesso empresarial.

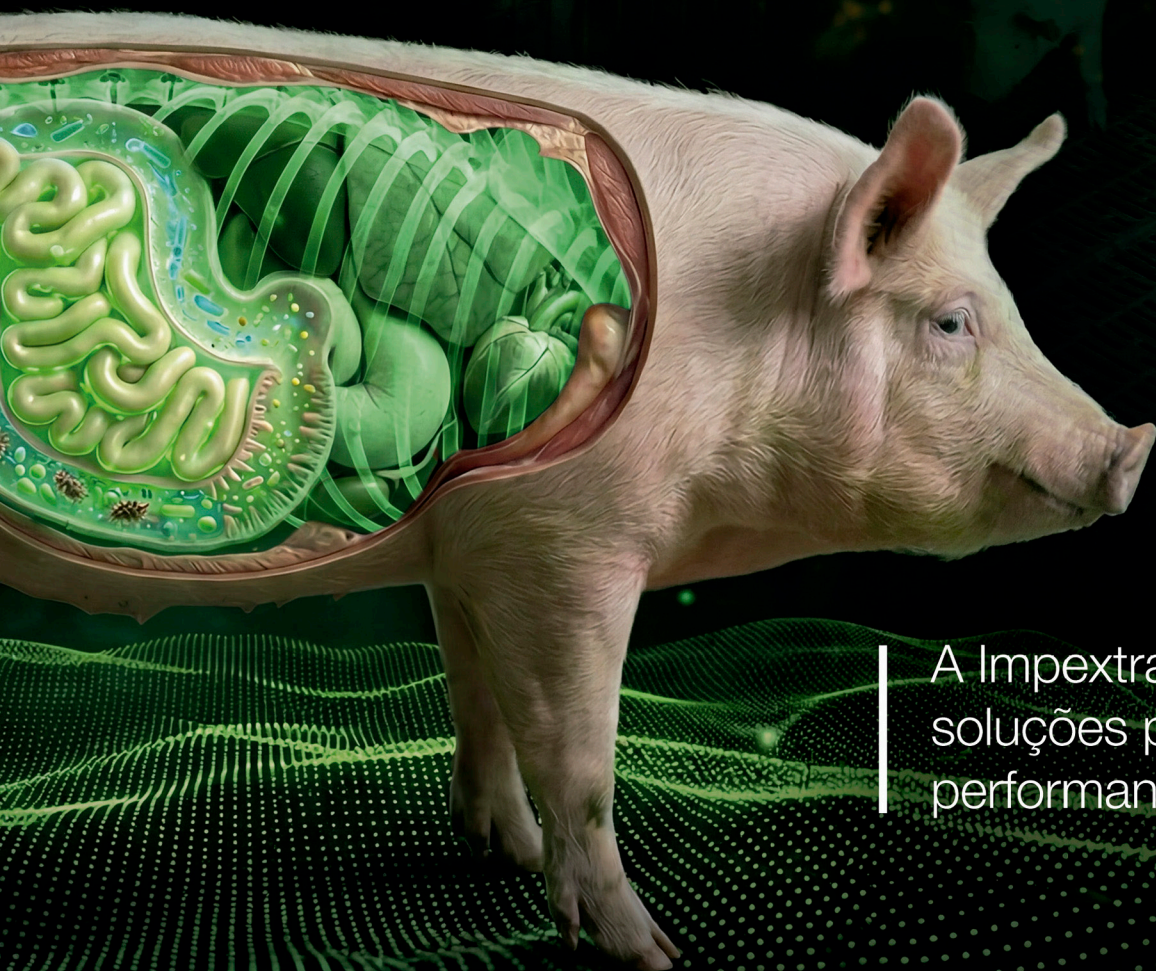
Marca Brasil um estudo que irá provocar muitos outros, categorias a categorias e biomas a biomas. Indicações geográficas, denominações de origem. Não fazemos mais commodities, sere-mos cada vez mais um grande “terroir brasileiro”. Que as novas gerações captem esse poder! ■



José Luiz Tejon

é doutor em Educação pela Universidad de La Empresa/Uruguai, mestre em Educação Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie, jornalista e publicitário, com especializações em Harvard, MIT e PACE/USA e Insead na França. Colunista da Rádio Eldorado e Estadão On-line, autor e coautor de 37 livros. Coordenador acadêmico de Master Science Food & Agribusiness Management pela Audencia em Nantes/França e FECAP/Brasil. Sócio Diretor da Biomarketing e da TCA International. Profissional Head Agro Anefac. Prêmio Personalidade Agro ABAG 2023. Ex-diretor do Grupo Estadão, da Agrocere e da Jacto S/A.

**Mais integridade intestinal,
melhor desempenho e
fortalecimento da
imunidade animal.**



A Impextraco® entrega
soluções para máxima
performance produtiva.



Impextraco América Latina

info.lam@impextraco.com | +55 (41) 3302 0100

**MAIS DO QUE
PREMIAÇÃO.
UMA PLATAFORMA
DE VISIBILIDADE**



**{ TROFÉU
CURUCA
2026 }**

05 DE AGOSTO

DISTRITO ANHEMBI / SÃO PAULO / BRASIL

Dentro da 6ª edição do
Simpósio Feed&Food de Sustentabilidade,
evento paralelo ao SIAVS 2026



INSCREVA
SEU CASE
E PARTICIPE

XCLUSIVE
FEED & F**20**D
anos



SIAVS
SALÃO INTERNACIONAL
DE PROTEÍNA ANIMAL